

**Liliana Alexandra Sousa Bessa**

Personalidade e Procura de Sensações: a sua relação com comportamentos anti-sociais

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

**Porto – 2011**



**Liliana Alexandra Sousa Bessa**

Personalidade e Procura de Sensações: a sua relação com comportamentos anti-sociais

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

**Porto – 2011**

Liliana Alexandra Sousa Bessa

Personalidade e Procura de Sensações: a sua relação com comportamentos anti-sociais

---

(Liliana Bessa)

Trabalho apresentado à Universidade

Fernando Pessoa, como parte dos requisitos

para a obtenção do grau de Mestre

em Psicologia Jurídica



## Sumário

O presente estudo pretendeu verificar se os adolescentes que manifestam comportamentos anti-sociais obtêm pontuações diferentes nos traços de personalidade do que aqueles que nunca tiverem esse tipo de condutas. Para este efeito, depois de se fazer uma revisão da literatura existente acerca dos comportamentos anti-sociais e seus factores relacionados, nomeadamente a nível individual, como a Personalidade e Procura de Sensações, foi executado um estudo empírico em que participaram trezentos e cinquenta e seis estudantes do ensino básico, que frequentam desde o 5.º ao 9.º ano. Os instrumentos administrados para a realização desta investigação foram: uma ficha de informação sócio-demográfica; o Eysenck Personality Questionnaire (EPQ júnior, de Eysenck, 1965), traduzido e adaptado por Fonseca e Eysenck (1989); uma adaptação do Sensation Seeking Scale for Children (SSSC) de Russo et al. (1991); e o CCA de Mirón (1990) traduzido e adaptado por Martins (2005).

Os resultados desta investigação indicaram que existe uma diferença estatisticamente significativa entre os adolescentes que admitiram realizar comportamentos anti-sociais tanto a nível das dimensões de Personalidade de Eysenck (nomeadamente a nível de Psicoticismo e Neuroticismo – uma vez que a nível da Extraversão não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas), bem como relativamente à Procura de Sensações. Registaram-se ainda diferenças com significância relativamente aos elementos sócio-demográficos dos jovens (como sexo, idade e número de reprovações). Desta forma, os resultados parecem indicar uma necessidade de investigação nesta área, para mais facilmente encontrarmos forma de lidar com esta problemática, que cada vez mais interfere com o bem-estar das sociedades actuais.

## Palavras-chave

Comportamentos anti-sociais; Modelo de Personalidade de Eysenck; Procura de Sensações.

## Abstract

This study pretended to verify whether the teenagers who show antisocial behavior show different scores of personality traits than those who have never had this kind of conduct. For this purpose, after a review of the literature about antisocial behavior and its related factors, namely the individual level, such as Personality and Sensation-Seeking, an empirical study was performed involving three hundred fifty-six students of a middle school, attending 5<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup> grade. The instruments administered to carry out this research were: a form of socio-demographic information; the Eysenck Personality Questionnaire (EPQ junior of Eysenck, 1965), translated and adapted by Fonseca and Eysenck (1989); an adaptation of the Sensation Seeking Scale for Children (SSSC) by Russo et al. (1991); and the CCA of Miron (1990), translated and adapted by Martins (2005).

The results of this investigation indicated that there is a statistically significant difference between teens who admitted to realize antisocial behavior such as in the level of the Personality dimensions of Eysenck (including the level of Psychoticism and Neuroticism – since the level of Extraversion no statistically significant differences were found), as well as for the Sensation-Seeking. There were also found significant differences regarding socio-demographics elements on young people (such as gender, age and number of failures). In this matter, the results seem to indicate a need for research in this area, to more easily

find ways to deal with this problematic, which increasingly interferes with the welfare of modern society.

### **Keywords**

Antisocial behavior; Eysenck's Personality model; Sensation-Seeking.

### **Résumé**

Cette étude vise à vérifier si les adolescents qui présentent un comportement antisocial montrent différents scores sur les traits de personnalité vis-à-vis de ceux qui n'ont jamais eu ce genre de comportement. À cette fin, après une revue de la littérature à propos des comportements antisociaux et de ses facteurs connexes, à savoir au niveau individuel, comme la Personnalité et la Recherche de Sensations, une étude empirique a été réalisée impliquant trois cents cinquante seize élèves du collège, dès la sixième, à la troisième année. Les instruments appliqués pour la réalisation de cette recherche ont été: un questionnaire d'informations socio-démographiques; le questionnaire de personnalité d'Eysenck (EPQ junior d'Eysenck, 1965), traduit et adapté par Fonseca et Eysenck (1989); une adaptation de Sensation Seeking Scale for Children (SSSC) par Russo et al. (1991); le CCA de Mirón (1990) traduit et adapté par Martin (2005).

Les résultats de cette investigation ont révélé qu'il ya une différence statistiquement significative entre les adolescents qui ont admis réaliser des comportements anti-sociaux au niveau des dimensions de la Personnalité d'Eysenck (y compris le niveau de névrosisme et psychoticisme – puisque au niveau de l'extraversion il n'y a aucune différence statistiquement significative), ainsi que pour la Recherche de Sensations. Il y a été trouvés également des différences significatives par rapport aux facteurs socio-démographiques des jeunes (comme para exemple le sexe, l'âge et le nombre d'échecs). Ainsi, les résultats semblent indiquer un besoin de recherche dans ce domaine, afin de trouver plus facilement des moyens pour faire face à ce problème, qui interfère avec le bien-être de la société actuelle.

### **Mots-clés**

Les comportements antisociaux; Le modèle de Personnalité d'Eysenck; La Recherche de Sensations.

“Olha que se encontrássemos o Diabo e ele deixasse que o abrissemos, a surpresa de ver saltar Deus lá de dentro (...) imagine-se o escândalo se o Pastor se lembrava de abrir Deus para ver se o diabo lá estava dentro.”

José Saramago (1997, p. 173)

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à Universidade Fernando Pessoa e aos docentes que me acompanharam, transmitindo-me um pouco dos seus conhecimentos ao longo deste Mestrado.

De seguida, não posso deixar de ter uma palavra enorme de agradecimento à minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Ana Sacau, por ser sempre tão prestável ao longo do desenvolvimento deste trabalho, que através da sua ajuda, das suas ideias e sugestões, consegui elaborar. Sem ela, esta Dissertação não teria sido possível.

Agradeço também à Escola Secundária com 3.<sup>o</sup> ciclo do ensino básico de Gondomar em geral e a todos membros da Direcção, nomeadamente à Dr.<sup>a</sup> Lília Silva; bem como à Escola E. B. 2/3 de Gondomar, à sua Direcção e à Dr.<sup>a</sup> Ana Paula, por me ajudarem a aceder à matéria-prima deste trabalho. Assim, a minha gratidão vai também para os alunos destas mesmas escolas e seus Encarregados de Educação, pois sem eles não teria alcançado esta etapa.

Às minhas colegas de trabalho, pelas ideias, sugestões, apoio e por aquilo que se tornaram para mim.

À minha família, um enorme obrigada por terem tornado mais este sonho possível. Por todo o carinho, amor, paciência pelas minhas ausências e por todo os sacrifícios que fizeram por mim. Sem vocês, nada disto seria possível.

A todas as minhas amigas e amigos (vocês sabem quem são) que sempre me encorajaram e me deram toda a força para lutar pelos meus sonhos e que, principalmente, me apoiaram nesta última e difícil etapa, os meus sinceros agradecimentos. Obrigada por pura e simplesmente existirem e estarem presentes na minha vida.

Ao Nuno, obrigada por estes 9 anos, por sempre acreditares em mim (algumas vezes mais do que eu própria), por todo o amor, carinho, compreensão e por me acompanhares desde o início desta etapa.

A todos, muito obrigada.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Parte I – Fundamentação Teórica</b>	
<b>Capítulo 1: Comportamentos Anti-sociais na Adolescência</b> .....	4
<b>1.1</b> Distúrbios do Comportamento: Comportamentos Anti-sociais, Comportamentos Desviantes e Delinquência Juvenil – uma questão de definições .....	4
<b>1.2</b> Caracterização dos comportamentos anti-sociais na adolescência .....	8
<b>Capítulo 2: Factores relacionados com o comportamento anti-social</b> .....	15
<b>2.1</b> A investigação sobre os predictores do comportamento anti-social .....	15
<b>2.2</b> As diferenças individuais .....	19
<b>2.2.1</b> Personalidade .....	23
<b>2.2.1.1</b> Traços de Personalidade e a Teoria de Eysenck .....	26
<b>2.2.2</b> Procura de Sensações .....	37
<b>2.3</b> Personalidade, Procura de Sensações e Comportamentos Anti-sociais ....	42
<b>Parte II – Investigação Empírica</b>	
<b>Capítulo 3: Metodologia</b> .....	52
<b>3.1</b> Objectivo da investigação .....	52
<b>3.2</b> Porquê o estudo? .....	52
<b>3.3</b> Procedimento .....	53
<b>3.4</b> Instrumentos utilizados .....	54
<b>3.4.1</b> Ficha de informação sócio-demográfica .....	54

3.4.2	EPQ Júnior .....	54
3.4.3	SSSC .....	55
3.4.4	CCA .....	57
3.5	Hipóteses de investigação .....	59
<b>Capítulo 4: Apresentação dos resultados .....</b>		<b>61</b>
4.1	Caracterização da amostra .....	61
4.2	Análise estatística .....	62
4.3	Análise e discussão dos resultados .....	63
<b>Capítulo 5: Considerações Finais: limitações do estudo e indicação para futuras pesquisas</b> .....		<b>85</b>
<b>Conclusão .....</b>		<b>88</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>		<b>90</b>

## **ANEXOS**

**Anexo I** – Declaração de consentimento da Escola

**Anexo II** – Declaração de consentimento dos Encarregados de Educação

**Anexo III** – Bateria de Questionários aplicados

## ESQUEMAS

<b>Esquema 1:</b> Esquema utilizado por Eysenck para explicar a inspiração e as bases da sua teoria. Relação entre as dimensões Neuroticismo – Estabilidade e Extraversão – Introversão. Digitalizado de Eysenck, 1965 .....	27
<b>Esquema 2:</b> Representação gráfica da concepção hierárquica da personalidade (RH: Respostas Habituais; RS: Respostas Específicas). Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997 . .....	29
<b>Esquema 3:</b> Representação gráfica da concepção hierárquica da personalidade, neste caso, a Extraversão (RH: Respostas Habituais; RS: Respostas Específicas). Adaptado de Hansenne, 2003 .....	30
<b>Esquema 4:</b> Traços que constituem o conceito de Extraversão. Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997 .....	31
<b>Esquema 5:</b> Traços que constituem o conceito de Neuroticismo. Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997 .....	31
<b>Esquema 6:</b> Traços que constituem o conceito de Psicoticismo. Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997 .....	32

## TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Número de itens e fiabilidade da Escala de Conduta Anti-social (Martins, 2005) .....	59
<b>Tabela 2:</b> Idades dos elementos da amostra .....	61
<b>Tabela 3:</b> Ano de escolaridade dos elementos da amostra .....	62
<b>Tabela 4:</b> Descritivos do Questionário de Conduta Anti-social .....	64

<b>Tabela 5:</b> Níveis de significância do sexo masculino e feminino relativamente ao CCA . .....	65
<b>Tabela 6:</b> Correlação entre a idade e comportamentos anti-sociais .....	67
<b>Tabela 7:</b> Níveis de significância do número de reprovações com o CCA .....	68
<b>Tabela 8:</b> Níveis de significância do lugar de residência com o CCA .....	69
<b>Tabela 9:</b> Correlação entre comportamentos anti-sociais e características de personalidade .....	71
<b>Tabela 10:</b> Correlação entre as dimensões do EPQ Júnior e as subescalas do SSSC .....	75
<b>Tabela 11:</b> Níveis de significância do género com o EPQ Júnior .....	77
<b>Tabela 12:</b> Níveis de significância do género com o SSSC .....	78
<b>Tabela 13:</b> Correlação entre a idade e as características de personalidade .....	80
<b>Tabela 14:</b> Níveis de significância do número de reprovações com o EPQ Júnior e o SSSC .....	82

## Introdução

Hoje em dia, na nossa sociedade e através dos meios de comunicação social, praticamente todos os dias podemos ter acesso a notícias que relatam actos de violência cometidos por jovens, o que constitui motivo de grandes preocupações em muitos países ocidentais.

Várias razões justificam esse sentimento de apreensão, nomeadamente: o aumento acentuado das taxas de delinquência, agressão e abuso de droga registado nas últimas décadas; o aparecimento, cada vez mais precoce, desses problemas; a grande estabilidade temporal das suas manifestações mais graves; e, sobretudo, a constatação de que os custos humanos, financeiros e sociais desses comportamentos são – a médio e a longo prazo – enormes (Hill & Maughan, 2001, cit. in Fonseca, 2004; Ruther, 2004).

O fenómeno da violência e da delinquência ocupam um lugar de destaque devido à crescente problematização dos comportamentos juvenis, apesar de ser notório que muitas das infracções destes jovens não têm uma intenção deliberadamente criminal, revelando sim problemas de inadaptação dos jovens à sociedade, que são característicos dos períodos de transição juvenis (Figueiredo, Silva & Ferreira, 1999).

Isto também acontece porque a adolescência é um período de mudanças físicas e emocionais que é considerado, por muitos autores, um momento de crise. Assim sendo, não podemos descrever a adolescência como uma simples adaptação às transformações corporais, mas sim como um importante período no ciclo da vida que corresponde a diferentes tomadas de posição sentidas ao nível social, familiar e também sexual.

Segundo Tavares (2010), o fenómeno criminal pode ser analisado de variadas formas. Tendo em consideração uma perspectiva biopsicossocial, pode explicar-se as condutas pelos factores do meio que fazem com que um indivíduo cometa um crime ou então os factores no meio que levam a que aquilo que o indivíduo faça seja rotulado como um crime (perspectiva social); ou pode explicar-se o comportamento criminal pelas características individuais do criminoso (psicológicas e biológicas). Este trabalho foca o sujeito numa perspectiva mais individual, explorando um factor de foro mais inato e estável, a personalidade.

Embora se possa considerar o factor social como explicação para uma grande parte dos crimes, essencialmente em meios onde o crime e comportamentos delinquentes proliferam, o factor individual também tem um papel fundamental nesta explicação. Crianças que nascem com um temperamento particularmente problemático, que são agressivas, que não têm medo e procuram incessantemente sensações novas, têm características que as predispõem para o crime quando a socialização não é a mais eficiente (Lykken, 1995). Estas questões foram corroboradas através de vários estudos de adopção, em que as crianças com pais criminosos, mesmo ao ser adoptados por pais não criminosos, tinham uma grande probabilidade de enveredar também por uma carreira criminal; enquanto esta probabilidade era praticamente nula quando os pais biológicos não eram criminosos mas os adoptivos sim (Cadoret, Cain & Crow, 1983; Mednick, Gabrielli & Hutchings, 1984, cit. in Lykken, 1995).

Por tudo isto, é mais do que evidente a pertinência deste tema, de modo a tentarmos perceber a dinâmica interna dos jovens que manifestam este tipo de comportamentos, considerando as suas características mais temperamentais, que possam, de alguma forma, dificultar a socialização ou fazer com que tenham comportamentos anti-sociais, apesar de uma socialização adequada.

Assim sendo, o objectivo deste trabalho é verificar se os adolescentes que relatam comportamentos anti-sociais têm características de personalidade diferentes, do que aqueles que não relatam. Secundariamente, pretende-se também conferir outras diferenças entre os jovens que relatam comportamentos anti-sociais, como o sexo, a idade, a escolaridade e uma elevada procura de sensações.

Para isso, optamos por dividir este trabalho de investigação em duas partes, sendo a primeira correspondente ao enquadramento teórico do tema, que contempla dois capítulos; e a segunda parte que diz respeito ao estudo empírico, sendo composta por três capítulos.

No primeiro capítulo analisaram-se os vários distúrbios de comportamento existentes, caracterizando-se, de seguida, os comportamentos anti-sociais. Os factores relacionados com o comportamento anti-social foram comentados no segundo capítulo, nomeadamente os principais contributos das teorias existentes, com especial foco para as suas diferenças individuais, como a personalidade e o traço de procura de sensações.

No terceiro capítulo identificou-se o objectivo e as razões deste estudo, os procedimentos, bem como os instrumentos utilizados, e, por último, as hipóteses investigadas. Posteriormente, no quarto capítulo, apresentam-se os resultados fazendo-se a caracterização da amostra e a sua análise estatística, para além das interpretações decorrentes da presente investigação. No quinto e último capítulo enumeram-se as limitações encontradas na elaboração do estudo, apontando algumas propostas para futuras investigações. Por fim, apresenta-se a conclusão geral resultante do trabalho desenvolvido.

## **PARTE I – Fundamentação Teórica**

### **CAPÍTULO 1: Comportamentos Anti-sociais na Adolescência**

#### **1.1 Distúrbios do Comportamento: Comportamentos Anti-sociais, Comportamentos Desviantes e Delinquência Juvenil – uma questão de definições**

As condutas dos adolescentes e jovens, por possuírem aspectos peculiares, são alvo de muitas pesquisas, especialmente as que consideram aspectos anti-sociais. Como faz parte do repertório do jovem o desafio aos padrões tradicionais da sociedade, é possível afirmar que a maioria destes pratica, ou já praticou, algum tipo de conduta anti-social, no seu sentido mais amplo.

Sob a designação de distúrbios do comportamento inclui-se habitualmente uma grande variedade de problemas, tais como roubar, lutar, mentir, pegar fogo ou vadiagem, apesar da principal característica em comum ser a constituição da violação persistente de normas da conduta da criança ou do adolescente, num determinado meio ou cultura. Recorrentemente, muitos destes actos surgem juntos no mesmo sujeito, sendo considerados como uma síndrome nos principais sistemas de diagnóstico e de classificação, como o DSM-IV – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (American Psychiatric Association, 2002) ou o ICD-10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (World Health Organization, 1992).

Ao longo dos anos, na literatura, os distúrbios do comportamento foram alvo de diversas nomenclaturas, como por exemplo: delinquência juvenil, comportamento anti-social, comportamento desviante, agressividade e hostilidade, comportamentos disruptivos (Fonseca, Simões, Rebelo, Ferreira & Yule, 1995) expressão manifesta de aspectos reprimidos, comportamentos exteriorizados, problemas de comportamento (Herbert, 1987 cit. in Caballo & Simón, 2005), condutas impulsivas e distúrbios (Kadzin & Buela-Casal, 2005). No entanto, estes termos não são rigorosamente sinónimos (embora se possam sobrepor em alguns aspectos), nem correspondem ao mesmo quadro conceptual.

Quando nos referimos a comportamentos anti-sociais graves e persistentes, utiliza-se a expressão distúrbios do comportamento, não obstante este conceito ter uma conotação

psiquiátrica, descrita nos manuais de diagnóstico (DSM-IV e CID-10), uma vez que são identificados como uma forma de psicopatologia (Fonseca, 2000). Segundo o sistema de classificação das perturbações psiquiátricas da Associação Americana de Psiquiatria (APA), para se obter um diagnóstico de Distúrbio do Comportamento, é necessário, não só a ocorrência de três ou mais sintomas de um rol de quinze, mas também que estes sejam observados em vários contextos, apresentem uma estabilidade temporal (pelo menos 6 meses) e causem défices clinicamente significativos ao indivíduo. Este diagnóstico também pretende agrupar os jovens que possuem um comportamento anti-social associado a uma deterioração significativa do funcionamento diário em casa ou na escola, ou quando os comportamentos são considerados como incontroláveis por familiares, professores ou amigos, ou com significado evolutivo, e assim diferenciá-los de meros sintomas anti-sociais isolados (Kadzin, 1987, cit. in Pimentel, 2001)

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, a expressão delinquência juvenil reporta-se a actos de menores que violam a lei e, por esse facto, os jovens correm o risco de serem acusados ou detidos. No entanto, algumas destas acções só são consideradas como incorrectas por serem praticados por crianças ou adolescentes, designadamente faltar à escola, beber álcool e transgredir as regras da escola.

Por sua vez, o conceito de comportamento anti-social diz respeito à violação dos padrões sociais de comportamento, próprios de uma determinada sociedade ou cultura, sem que isso implique necessariamente a transgressão de uma lei em vigor. Tais actos podem variar consideravelmente entre si em duração, gravidade, ou no impacto que podem provocar no sujeito ou no meio em que este se move; no entanto, apenas alguns podem ser considerados actos delinquentes, susceptíveis de julgamento e condenação (Fonseca, 2000). É ainda importante referir que alguns destes comportamentos e manifestações possuem um significado desenvolvimental, já que, uma vez que ocorrem no decurso do processo evolutivo, desaparecem posteriormente (Pimentel, 2001).

Resumindo, enquanto o conceito de delinquência juvenil tem uma conotação jurídica, o conceito de comportamento anti-social tem uma conotação unicamente comportamental e moral. Porém, a primeira expressão (delinquência juvenil) é mais utilizada quando nos referimos a crianças e adolescentes; a segunda (comportamento anti-

social) mormente em adolescentes e jovens; enquanto distúrbio do comportamento tem uma aplicação mais abrangente.

Quanto à expressão comportamento desviante, o conceito de desvio é um constructo sociológico que se refere a comportamentos que violam normas ou expectativas sociais numa determinada cultura, apesar de não implicarem, obrigatoriamente, nenhum tipo de perturbação psicológica, o desrespeito pelos direitos dos outros, nem violação alguma do código criminal (e.g. determinadas formas de vestir ou práticas sexuais) (Fonseca, 2000; Fonseca et al., 1995).

No que se refere aos conceitos de agressividade e hostilidade, estão relacionados com traços psicológicos do sujeito e também com o conceito de comportamento anti-social, embora este seja mais geral e inclua outros comportamentos que abarcam perigo ou ameaça aos direitos, à integridade, ao bem-estar ou à propriedade dos outros ou de si próprio.

Por último, as expressões problemas de exteriorização ou comportamentos externalizantes, que são facilmente encontrados no âmbito da psicologia, integram vastas referências, englobando delinquência, agressão, desobediência ou oposição, principalmente no que diz respeito às crianças e adolescentes (Fonseca, 2000).

Desta forma, podemos verificar que a escolha de uma nomenclatura das anteriormente mencionadas para estudar este tipo de comportamentos, está dependente, na maioria das vezes, do quadro teórico adoptado, o que constitui um constrangimento na tentativa de elaboração de uma síntese de todas as informações que dizem respeito a esta matéria.

Não obstante, neste estudo escolheu-se a designação de comportamento anti-social, uma vez que o seu domínio é muito mais vasto que o do comportamento delinquente ou criminal (Fonseca, 2000), e também devido ao facto de comportamento desviante ser um conceito mais utilizado na sociologia (Fonseca, 2000; Fonseca et al., 1995). Além disso, muitos comportamentos anti-sociais não envolvem qualquer violação da lei (e.g. fumar, desobedecer aos pais ou certas formas de violência), considerando ainda

a constante e potencial alteração das mesmas, por vezes, em função de interesses políticos do momento (Fonseca, 2000).

## **1.2 Caracterização dos comportamentos anti-sociais na adolescência**

Independentemente do quadro conceptual em que se inserem, as investigações empíricas são concordantes num aspecto, o comportamento anti-social é um fenómeno comum a todas as sociedades. Todavia, as taxas de prevalência variam de estudo para estudo, dependendo do tipo de população em que se baseiam, da natureza e da qualidade dos instrumentos utilizados, bem como dos intervalos temporais a que esses comportamentos se referem (Fonseca, 2000; Kagan, 2004).

No senso comum, anti-social tem o significado de comportamentos que violam as normas da comunidade referentes ao respeito pela vida e à propriedade alheia. Assim, actos crónicos de agressão, roubo, desonestidade e destruição de propriedade dos outros são apelidados de anti-sociais, apesar de poucos adolescentes apresentarem todos estes comportamentos (Kagan, 2004).

Estudos longitudinais sugerem uma grande continuidade entre diversos problemas de comportamento na infância com a delinquência na adolescência e a criminalidade na idade adulta (Fonseca, 2000).

Tem-se registado, efectivamente, um aumento considerável de comportamentos anti-sociais e da delinquência nos últimos anos e, muitas dessas transgressões, ocorrem em idade e em contexto escolar. Várias explicações têm sido apresentadas para justificar este aumento nos últimos 50 anos, como a desintegração do modelo tradicional de família; o prolongamento excessivo da adolescência e o conseqüente adiamento da entrada no mundo do trabalho; a generalização do consumo de álcool e drogas entre os jovens; o aumento de oportunidades de realização de comportamentos anti-sociais; e a maior intolerância da opinião pública em relação ao comportamento anti-social (nomeadamente nos meios de comunicação social); ou, o oposto, ou seja, uma maior intransigência das autoridades e da sociedade em geral perante certas transgressões dos jovens (Rutter, 1998, cit. in Fonseca, 2000). No que diz respeito à violência em contexto escolar, os aumentos registados têm também a ver com a massificação do ensino, com o prolongamento da escolaridade obrigatória e, provavelmente, com o desfasamento, cada vez maior, entre a natureza dos programas escolares e as características e expectativas dos alunos (Walgrave, 1992, cit. in Fonseca, 2000).

Em contrapartida, para Marcelli (2005), se a violência dos pré-adolescentes ainda não faz parte do cenário quotidiano, ela é, no entanto, reconhecida. Em primeiro lugar com a violência material: destruição de objectos, nomeadamente nas escolas, e saque em locais vários. Estes comportamentos violentos são próprios de grupos de adolescentes e surgem, na maioria das vezes, em condições socioeconómicas desfavoráveis (grandes grupos e estruturas familiares em ruptura). São geralmente impulsivos, não premeditados e começam por ser uma espécie de jogo, em que as consequências dos actos violentos não são nitidamente pensadas: podemos ver aqui o desvio urbano de uma violência outrora mais difundida e tolerada nos meios rurais (caça de vários animais, luta entre grupos). Noutros casos, parece tratar-se de uma violência já organizada, com uma nítida conotação anti-social: furto com ameaça, extorsão, etc. Esta faixa etária arrisca-se a entrar prematuramente no circuito da «pré-delinquência», se existirem os mecanismos de exclusão e de reforço dos comportamentos mais graves.

A adolescência é um período de transição da infância para a idade adulta (aproximadamente entre os 11 e os 20 anos) e, como tal, é o período mais desafiador e mais complicado da vida. Apesar das mudanças biológicas serem universais, o seu ritmo e a sua extensão têm uma enorme variedade. As mudanças psicossociais fazem desenvolver nos adolescentes a sua própria identidade (moral, sexual, política, educacional, etc.) (Berger, 2003).

Erikson (s.d., cit. in Sprinthall & Collins, 2003) defende que os adolescentes têm que lidar com dois sistemas que estão em constante mudança: as suas transformações internas, cognitivas e glandulares; ao mesmo tempo que se debatem com uma grande quantidade de regras externas, que são incoerentes e estão em permanente mudança. O adolescente vê-se, então, muitas vezes confrontado com uma confusão de modificações em todas as áreas da sua vida, ao mesmo tempo que tenta alcançar uma crescente autonomização e fazer uma busca da sua própria individualidade (Gammer & Cabié, 1999).

Guerra (1994) diz que, a progressiva elaboração do pensamento do adolescente coincidente com o processo de descentração dele próprio, modifica as relações do sujeito com a lei, o que produz resultados concretos no adolescente e na sociedade. O idealismo utópico que monopoliza os pensamentos dos adolescentes deve-se a diversas causas, como

ao facto de se sentirem manobrados e marginalizados pela sociedade, que não os deixa participar de modo directo e resolutivo na sua própria dinâmica, convertendo-se em contestatários activos, que protestam com tudo aquilo que não concordam, de uma forma livre e sincera.

Neste momento do seu crescimento, como os seus ideais e valores já tomaram alguma forma, com base neles empreendem a sua rebelião contra a autoridade e a lei, pois neste protesto os adolescentes projectam as suas tensões internas, os conflitos com os pais e a sua própria insegurança. As ideias utópicas de “mudar o mundo”, porém, não são abandonadas de forma gratuita, mas sim porque o adolescente se apercebe da sua impotência, rendendo-se perante a pressão social ou a dificuldade de as realizar. Existe algo que muda o curso dos seus pensamentos e o processo de descentração permite abranger cada vez mais pontos de vista e estratégias anteriormente menosprezadas, que agora se revelam importantíssimas.

A lei, que anteriormente se associava, exclusivamente, ao castigo e à repressão, revela-se, a pouco e pouco, como estrutura básica da organização social. As experiências vividas com o grupo de amigos, as primeiras separações prolongadas dos pais, a rivalidade entre colegas, inclusive as tensões afectivas nas relações amorosas e sexuais, ensinam, por si mesmas, ao adolescente as “regras do jogo” que, apesar da urgência e da impetuosidade dos seus desejos, também começa a aceitar. A integração social do adolescente dá-se, pois, a partir de um novo conceito de si mesmo como ser social, da reformulação baseada na experiência adquirida durante este período, das suas relações com os seus ideais, com a família, os estudos ou o trabalho e os amigos, que são, fundamentalmente, os mecanismos de integração social a que o adolescente pode recorrer (Guerra, 1994).

Segundo Santrock (2003), um em cada quatro adolescentes faz escolhas decisivas que prejudicam e, por vezes, também destroem o seu futuro. Um exemplo disto é a manifestação de comportamentos anti-sociais ou desviantes.

A teoria de que há importantes diferenças sexuais na manifestação de comportamentos anti-sociais continua generalizada, pois estes aparecem muito frequentemente nos indivíduos do sexo masculino, tanto na infância, como na adolescência ou na vida adulta. No entanto, a proporção varia muito em função do tipo de

comportamento anti-social, da maneira como ele é avaliado e da idade dos sujeitos (a diferença é maior na idade adulta, mas há certos crimes que são mais comuns nas mulheres) (Fonseca 2000).

As taxas mais elevadas do comportamento anti-social e violento foram identificadas em indivíduos de classes sociais mais desfavorecidas que vivem em meio urbano (Elliott & Huizinga, 1980, cit. in, Fonseca, 2000), sendo do sexo masculino (Farrington, 2000, cit. in, Kagan, 2004; Rutter, 2004). Formiga e Gouveia (2005) salientaram, contudo, que não são apenas os jovens de classe baixa os únicos responsáveis pelas condutas que tangenciam as normas sociais, tal como tem sido observado nos últimos anos nos meios de comunicação social, começando a notar-se a participação de jovens das classes média e alta.

Ainda segundo os mesmos autores, estes comportamentos não podem ser só atribuídos apenas a um grupo de jovens, em função de indicadores de pobreza/riqueza, personalidade ou orientação familiar e educacional e, muito menos, justificá-la estritamente em função da exclusão social ou falta de oportunidades. Com as mudanças culturais que têm ocorrido nos países ocidentais, os jovens vão interiorizando um espírito mais individualista, subordinando os interesses e prioridades pessoais ao invés dos do grupo (Lipovetsky, 1986, cit. in Formiga e Gouveia, 2005). Os jovens procuram a obtenção de prestígio e, na falta de recursos económicos ou mesmo de apoio social, conseguem, muitas vezes, alcançá-lo através de condutas que quebram as normas sociais para atender apenas aos seus prazeres e satisfação. Desta forma, os comportamentos de risco parecem ser legitimados como busca de novas experiências, de prazer e emoção, saída da monotonia, etc., os quais podem permear comportamentos anti-sociais (Formiga & Gouveia, 2005).

Outra característica do comportamento anti-social é a sua variedade e versatilidade, ou seja, um sujeito que se envolve num determinado tipo de transgressão, tende a envolver-se noutros (Fonseca, 2000), não obstante algumas manifestações do comportamento anti-social serem tão comuns em certas idades e em certos meios, que se podem tornar normativos (Moffitt & Caspi, 2000).

A maioria dos profissionais que lidam com a delinquência estabelece uma distinção entre o delinquente ocasional e o delinquente habitual (também conhecido como crónico

ou de carreira). O delinvente ocasional é aquele jovem ou adulto que, só raramente ou, de tempos a tempos, comete actos geralmente de fraca gravidade, ou que comete um ou dois actos durante um período de tempo bastante curto. Grande parte da delinquência juvenil situa-se dentro desta tipologia. O delinvente habitual comete muitos mais actos durante um período mais longo; caracterizando-se pelo número, pela frequência, pela diversidade e pela gravidade dos actos (Born, 2005).

Este tipo de comportamentos tem tendência para aumentar até ao fim da adolescência, para depois decair (salvo raras excepções) quase abruptamente. Trata-se de um padrão da evolução que se verifica tanto nos sujeitos do sexo masculino como feminino, embora com cadências diferentes. É também geralmente aceite que o pico da delinquência tende a ser cada vez mais tardio, o que parece coincidir com o aumento da escolaridade obrigatória, embora também dependa de outros factores. No entanto, apesar de na maior parte dos indivíduos isto não acontecer, há um certo número que continua a sua trajectória de comportamentos anti-sociais, acabando por, eventualmente, serem detidos.

Devido ao facto de se constatar que as transgressões de início precoce constituem um bom preditor, não só de uma carreira delinvente, mas também de vários problemas de adaptação social, alguns autores desenvolveram certas teorias psicológicas do comportamento anti-social bastante influentes. Os especialistas têm sugerido que pode haver dois percursos de desenvolvimento relacionados com os distúrbios do comportamento: um modelo de “iniciação precoce” e um modelo de “iniciação tardia” (Webster-Stratton, 2002). Um desses modelos mais conceituados é, sem dúvida, o de Moffitt.

Para esta autora, existem dois tipos de delinquência: a Delinquência ao Longo da Vida (DLV) e a Delinquência Limitada à Adolescência (DLA). Ela defende uma etiologia diferente para os comportamentos delinquentes que têm início na infância e para os que têm início na adolescência, e prediz diferentes tipos de evolução ao longo da vida adulta para esses dois grupos (Moffitt & Caspi, 2000).

Sugere assim que, no primeiro caso, estes comportamentos anti-sociais surgem quando o comportamento difícil da criança é agravado por um meio social de alto risco. O

risco da criança tem a sua origem em variações neuropsicológicas herdadas ou adquiridas, que inicialmente começam a manifestar-se por défices cognitivos subtis, dificuldades temperamentais ou hiperactividade. Os factores de risco ligados ao meio incluem estilos parentais desadequados, quebra de laços familiares e pobreza. Estes factores de risco do meio abrangem mais do que a família à medida que a criança vai crescendo, o que inclui um relacionamento pobre com outras pessoas, nomeadamente com os pares e com professores. Deste modo, durante as duas primeiras décadas de vida, vão-se desenvolvendo certas sequências e transacções entre a criança e o seu meio que, progressivamente, levam à “construção” de uma personalidade perturbada, cujas características distintivas têm tendência para perdurar (Moffitt & Caspi, 2000). Assim, a Delinquência ao Longo da Vida é, geralmente, de início precoce, ou seja, as perturbações comportamentais estão já presentes na infância, existindo uma interacção entre traços pessoais e factores ambientais, desde a infância até à idade adulta, que ajudam a manter a actividade delinvente (Born, 2005).

Em oposição, a autora defende que o comportamento anti-social limitado à adolescência surge ao longo da puberdade, quando os adolescentes começam a experienciar uma dicotomia entre a maturação psicológica e o acesso aos privilégios e responsabilidades do indivíduo adulto, um período designado por fosso ou desfasamento da maturidade, durante o qual o jovem não possui um papel social bem definido. No entanto, devido ao facto do seu desenvolvimento ter sido saudável antes da adolescência, a maior parte destes indivíduos é capaz de resistir ao crime quando atinge a verdadeira maturidade, alterando o seu estilo de vida para um mais convencional. Enquanto isto não acontece, é normal haver tendência para imitar o estilo delinvente dos jovens com comportamentos anti-sociais para demonstrar autonomia em relação aos pais, conseguir a aceitação do grupo de pares e acelerar a sua maturação. Não obstante, este reencaminhamento pode não ocorrer quando os jovens sofrem alguns percalços, como ficarem com registo criminal ou tornarem-se toxicodependentes (Moffitt & Caspi, 2000).

De acordo com a teoria supracitada, os comportamentos anti-sociais limitados à adolescência são relativamente temporários, comuns e próximos da normalidade, enquanto os indivíduos com comportamentos anti-sociais ao longo da vida são em número reduzido e tendencialmente patológicos (Moffitt & Caspi, 2000).

Outra teoria bastante afamada é a de Patterson (Patterson & Yoerger, 2002) que faz a distinção entre comportamentos anti-sociais de início precoce e comportamentos anti-sociais de início tardio, na adolescência. A grande diferença em relação à teoria anterior, consiste no facto de Moffitt considerar a idade precoce do comportamento anti-social como um indicador de características ou disposição que o sujeito traz com ele (nomeadamente, desde o nascimento), enquanto para Patterson esse início precoce reflecte as consequências da falta de aptidão educativa dos pais dessas crianças (falta de controlo, de supervisão e de comunicação, bem como o recurso frequente a reforços negativos do comportamento anti-social). Esses défices, a nível de funcionamento da família, são particularmente notórios no caso de crianças com comportamento anti-social de início precoce, precisamente as mesmas que se encontram em maiores riscos de enveredar por uma potencial delinquência juvenil. Em contrapartida, os indivíduos com comportamento anti-social de início tardio estariam mais susceptíveis à influência dos colegas desviantes e, como tal, teriam um prognóstico mais positivo (Patterson & Yoerger, 2002; Webster-Stratton, 2002).

Existem outras teorias na literatura, nomeadamente a interaccionista (Tornberry & Krohn, 2004) e a desenvolvimentista (Lahey & Waldman, 2004), que citam também a de Moffitt e a de Patterson, apontando-lhe apenas mais alguns pormenores e atribuindo-lhes outras nomenclaturas.

Apesar de mencionar estas duas teorias, Fonseca (2000) aponta-lhes três questões que estes modelos não conseguem explicar, designadamente: quando os comportamentos anti-sociais graves só se começam a manifestar na idade adulta de forma constante; o abandono de uma carreira delinquente bastante prolongada e intensa, após os sujeitos terem determinadas experiências marcantes (e.g. após o cumprimento do serviço militar afastados do seu meio natural, o nascimento de um filho, ou o casamento com um parceiro não criminal); e, por último, o reaparecimento de actividades delinquentes num adulto, após um período prolongado sem cometerem qualquer tipo de actividade anti-social.

## **CAPÍTULO 2: Factores relacionados com o comportamento anti-social**

### **2.1 A investigação sobre os predictores do comportamento anti-social**

Como já se referiu, existe uma grande variedade de comportamentos que podem ser considerados anti-sociais, delinquentes ou criminosos: desde o da criança ou jovem na escola, cuja conduta indisciplinada impede os colegas de estudar; até ao do ladrão violento, do assassino ou do raptor. Tanto na literatura sociológica, como psicológica ou psiquiátrica abundam as tentativas de explicação deste fenómeno (Allsopp, 1986).

O comportamento anti-social é frequente no decurso do desenvolvimento normal, existindo muitos estudos que tentaram investigar a sua origem, bem como os seus padrões de mudança ao longo do desenvolvimento. Porém, estes estudos têm uma importância relativa, já que a definição de comportamentos problema e os métodos utilizados variam de forma significativa, assim como as diferenças culturais, pelo que o mesmo comportamento possui significados e importância diferentes consoante a população da amostra, o que dificulta a possibilidade de generalização dos resultados. Contudo, poder-se-á afirmar que estes comportamentos diminuem tipicamente durante o desenvolvimento normal, pelo que o comportamento anti-social precoce pode não ser necessariamente significativo. Assim, os comportamentos anti-sociais que têm lugar no decurso do desenvolvimento tendem a ser isolados, breves e não muito intensos, ou seja, são os casos de melhor prognóstico, sendo raro que enveredem por uma carreira delitativa após a adolescência (Pimentel, 2001).

Pelo facto do homem ser um ser biopsicossocial, é injustificado pensar-se que a causa de um fenómeno tão complexo como a delinquência, pode ser explicado só através de uma ordem de factores (sejam eles biológicos, sociais, psicológicos ou situacionais) (Caballo & Simón, 2005; Formiga, Aguiar & Omar, 2008; Gonçalves, 2002). Assim, pensa-se que é uma combinação de um pouco de todos estes factores a causa deste tipo de comportamentos.

Não obstante, um vasto conjunto de estudos parece concordar com alguns factores que podem levar um jovem a ter atitudes e comportamentos anti-sociais, como por exemplo: os factores que dizem respeito ao indivíduo (nomeadamente a sua personalidade), os agentes ligados à família (como a psicopatologia e comportamento

delitivo dos pais, a interacção entre pais e filhos, a qualidade das relações familiares), os indicadores relacionados com o meio escolar, com a rua (bairro ou meio envolvente), ao grupo de pares e ainda outros factores mais isolados (Pimentel, 2001).

A investigação actual demonstra várias constatações, como por exemplo, o facto de as crianças que manifestam precocemente comportamentos agressivos e anti-sociais tenderem a ser frequentemente anti-sociais e violentos como adultos. Também está demonstrado que, apesar de algumas características fisiológicas poderem predispor uma criança a ser mais ou menos agressiva, podem ser, apesar de tudo, modeladas pelo ambiente em que a criança é educada.

Assim, comprovou-se que as crianças que não têm uma supervisão constante e disciplina adequada têm mais hipóteses de se tornarem violentas e anti-sociais (Farrington, 1992, cit. in Born, 2005; Farrington, cit. in Lerner & Steinberger, 2004; Snyder & Patterson, cit. in Quay, 1987). Além disso, crianças que vivem em famílias e/ou comunidades onde a violência é frequente, e que através dos *media* têm acesso ainda a mais violência, encontram-se em maior risco de se tornarem, também elas próprias, violentas (Gonçalves, 2002). Contudo, não nos podemos esquecer das desigualdades sociais, considerando também que a delinquência não aparece unicamente nas classes desfavorecidas.

Também para Hawkins (1996), os mais importantes factores predictores da delinquência são as técnicas pobres de educação por parte dos pais, os comportamentos anti-sociais praticados por crianças, os maus-tratos, a baixa inteligência e a separação dos pais (Hawkins, 1996; Quay, 1987). Porém, Kratcoski e Kratcoski (1990) defendem que, no que concerne a este último aspecto, as raparigas delinquentes ficam mais abaladas e são mais influenciadas pela separação dos pais, do que os rapazes.

Ainda no que diz respeito aos factores familiares que influenciam este fenómeno, foi também apontado o facto de ser proveniente de famílias relativamente numerosas, haver história familiar de problemas com o sistema judicial, provir de um ambiente sócio-económico deteriorado e ser alvo de práticas parentais desajustadas (Allsopp, 1986). Já para os autores Gullotta, Adams e Montemayor (1998), Henggeler (1989) e Hawkins (1996), a delinquência juvenil é fortemente influenciada pela família, pelos pares, pela

escola e pela comunidade. Além de todos estes, Farrington (cit. in Lerner & Steinberger, 2004) ainda menciona o temperamento e a personalidade do indivíduo, a impulsividade, o baixo Q.I. (Quociente de Inteligência) e o baixo grau de educação como factores influentes da delinquência.

Já Formiga e Gouveia (2005) defenderam que algumas das variáveis influentes no comportamento violento são as crenças, as atitudes e os valores dos sujeitos, logo, as crianças que são criadas em ambientes muito desfavorecidos, pobres, onde a frustração e a falta de esperança reinam, têm mais risco de se envolverem no futuro em actos violentos e anti-sociais, do que as outras. Além disso, Coelho Júnior (2001), Romero et al. (2001) e Tamayo, Nicaretta, Ribeiro e Barbosa (1995), cit. in Formiga e Gouveia (2005) defenderam que os jovens cuja conduta se prende com valores mais pessoais, enfatizando o individualismo, têm mais tendência para consumir drogas, para manter amizade com jovens com condutas delinquentes e, conseqüentemente, para assumir a execução de comportamentos anti-sociais, enquanto a adesão a valores sociais e a ênfase colectivista promoveria factores de protecção.

Há algumas questões que parece relevante levantar, pois, se por um lado, temos o adolescente que se comporta de forma incorrecta na escola, que tem mais probabilidade de ser encaminhado para um tribunal por actos delinquentes fora da escola e de acabar, mais tarde, já adulto, por ser preso por delitos mais graves; por outro lado, há muitos jovens que se comportam mal na escola sem nunca terem problemas fora dela, tendo uma conduta irrepreensível enquanto adultos; e, temos ainda, aqueles jovens que eram um modelo a seguir na escola, mas na idade adulta acabam por ser detidos pelos mais variados crimes. Todavia, como já referido, a conduta anti-social na infância é preditiva da conduta anti-social na idade adulta, pois diz-se que o comportamento desviante é aprendido da mesma forma que outras habilidades, e que, se o resultado for aversivo a conduta extingue-se; porém, isto não explica o facto de longos períodos de isolamento forçado, em condições deprimentes de prisão, não serem inibidores de nova reincidência (Allsopp, 1986).

Conclui-se então que, todos estes indicadores, mesmo que combinados, não são por si só suficientes para garantir que estes jovens, futuros adultos, tenham comportamentos disruptivos, pois certos indivíduos são tão resistentes ao comportamento delincente que se adaptam às exigências sociais, mesmo em condições extremamente negativas, enquanto

outros são tão susceptíveis que se tornam delinquentes em ambientes onde parece não existir nenhum dos factores sociais negativos normalmente associados a estes fenómenos. Assim, demonstra-se que existem factores individuais importantes, que fazem com que certos indivíduos sejam resilientes (Allsopp, 1986).

## 2.2 As diferenças individuais

Durante muitos anos, apenas as teorias sociológicas tinham adesão no que diz respeito aos preditores do comportamento anti-social. Assim, as correntes de pensamento biológicas e psicológicas ocuparam, durante décadas, um lugar marginal, após um primeiro fulgor inicial. Todos os temas relacionados com a dimensão individual da etiologia da delinquência foram postos de parte. No entanto, estas teorias começaram a ser aceites novamente na última década no campo da psicologia social ganhando adeptos (Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Assim, considerou-se que neste estudo seria importante ponderar a personalidade dos indivíduos como um dos mais influentes factores, pois estudos apontam como preponderante o temperamento, ou seja, os aspectos da personalidade que mostram alguma consistência e estabilidade através das situações e do tempo. Podem identificar-se comportamentos disfuncionais ou perturbações do comportamento em crianças tão novas, que se considera, por isso, que a base destas características será genética ou constitucional (Pimentel, 2001).

O estudo da personalidade aponta não apenas uma dinâmica interna na psique do sujeito, mas também uma perspectiva socializante quanto à formação e à estrutura da personalidade e à sua relação com as condutas humanas. Esta linha de pesquisa na psicologia, mesmo não sendo nova, tem sido retomada nos últimos dez anos, e acrescentou informação para a compreensão do comportamento humano, especificamente os comportamentos que conduzem à violência (anti-sociais, delitivos, agressivos, uso de drogas, etc.) (Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

Numa revisão de estudos sobre os preditores do comportamento anti-social e da criminalidade, também Lytton (1990, cit. in Fonseca 2004), concluiu que o temperamento da criança era um dos factores de risco mais poderosos, revelando-se mesmo superior aos défices de competências educativas dos pais. De entre os aspectos do temperamento difícil, alguns têm merecido uma especial atenção: a tendência para manifestar oposição e para fazer birras, a insensibilidade emocional, a resistência ao controlo do adulto ou ainda a busca de sensações e impulsividade.

Crianças que, normalmente são envergonhadas, tímidas ou que evitam pessoas, objectos e situações desconhecidas por causa do seu temperamento, são consideradas inibidas; enquanto crianças sociáveis, que se aproximam de pessoas e situações desconhecidas sem sentirem medo, em virtude de uma tendência temperamental, são consideradas desinibidas. Qualquer criança tem uma probabilidade de hereditariedade de 50% de ter quer um, quer outro temperamento, sendo plausível que uma variação da excitabilidade da amígdala, derivada de um funcionamento neuroquímico diferente, contribua para estes dois temperamentos, dado que uma das funções primárias da amígdala é a capacidade de resposta a eventos inesperados (Kagan, 2004).

Em 1993, Kirkcaldy e Mooshage (cit. in Pimentel, 2001), bem como Caspi, Henry, McGee, Moffitt e Silva, 1995 e Gjone e Stevenson, 1997 (cit. in DiLalla & DiLalla, 2004) demonstraram que crianças com pontuações elevadas em Neuroticismo, Psicoticismo e em Extraversão apresentavam maior facilidade em apresentar comportamentos anti-sociais, afirmação que já tinha sido feita por Eysenck em 1977 e 1985 (Eysenck, 1994).

De modo semelhante, Tremblay e colaboradores (1992, cit. in Lahey & Waldman, 2004), recorrendo ao modelo de personalidade de Cloninger, demonstraram a importância dos perfis de temperamento ao apresentarem dados em que as crianças avaliadas com elevados índices de procura de novidade, reduzido evitamento de perigos e reduzida sensibilidade à recompensa/elogio apresentavam maiores problemas de comportamento no início da adolescência e na juventude, do que qualquer outro perfil de temperamento.

Podemos ainda acrescentar os dados longitudinais da aplicação do questionário de personalidade de Tellegen (1982, cit. in Lahey & Waldman, 2004), que mostraram que o perfil caracterizado por elevada emotividade negativa e reduzido “constrangimento” se encontrava associado aos comportamentos anti-sociais na adolescência e idade adulta (Caspi, Moffitt, Silva, Stouthamer-Loeber, Schmutte & Krueger, 1994; Krueger, Schmutte, Caspi, Moffitt, Campbell & Silva, 1994; Moffitt et al., 1996; 2002; cit. in Lahey & Waldman, 2004).

Também Caspi (2000, cit. in Fonseca, 2004), através do trabalho desenvolvido, verificou que a dimensão de personalidade que melhor predizia o comportamento anti-social no jovem adulto era o baixo autocontrolo e a emocionalidade negativa. Farrington

(1998, cit. in Fonseca, 2004) no estudo de Cambridge, concluiu que a Extraversão e o Neuroticismo eram bons preditores do comportamento anti-social adulto, tanto auto-avaliado, como registado em documentos da Polícia ou dos Tribunais. Mas, de acordo com o mesmo autor, quando se procede a uma análise mais fina das escalas de personalidade, verifica-se que os itens que aparecem como melhores preditores, poderiam facilmente ser incluídos sob a designação de impulsividade ou baixo auto-controlo.

D' Zurilla (1988, cit. in Pimentel, 2001) realizou um estudo ainda neste âmbito, onde concluiu que os delinquentes institucionalizados resolviam os seus problemas com uma elevada "rigidez", facto característico de uma certa impulsividade. Esta impulsividade não estava, contudo, presente na atitude face aos problemas em questão, mas nas variáveis de produção e execução de soluções, o que se traduzia numa falta de flexibilidade nas estratégias de resolução de problemas. Estas características possuem uma relação estreita com a inteligência social.

Manita (1997), comentando esta perspectiva, diz que o comportamento dos delinquentes é atribuído a uma grande dificuldade na aquisição e/ou na interiorização das normas de base de conduta social, associada a uma impulsividade comportamental. Aliás, a impulsividade é sempre referida pelos autores que estudam as causas e os principais factores preditores dos comportamentos anti-sociais (Farrington, 2004; Lahey e Waldman, 2004; Rutter, 2004).

Ainda para Loeber e Farrington (2001, cit. in Fonseca, 2004), os factores da criança que influenciam o seu comportamento anti-social são: temperamento difícil, comportamento impulsivo, hiperactividade (apenas quando ocorre em simultâneo com comportamentos disruptivos), impulsividade, consumo de drogas, agressividade, comportamentos disruptivos de início precoce, isolamento, baixa inteligência e toxicidade relacionada com o xumbo.

Assim, verificamos que entre os vários estudos existentes sobre a relação entre comportamento e diversas dimensões ou traços de personalidade, nas referidas com maior frequência contam-se a Extraversão, o Psicoticismo, o Neuroticismo, a psicopatia, a impulsividade motora e cognitiva, a procura de sensações fortes, a emocionalidade

negativa, a tendência para aborrecer-se facilmente, a hostilidade ou a irritabilidade (Fonseca, 2004).

A ideia que o temperamento (personalidade) é um dos maiores factores de risco do comportamento anti-social, tem sido confirmada em estudos longitudinais mais recentes que, de modo geral, põem em evidência uma relação moderada entre certas características do temperamento na infância e diversas manifestações do comportamento anti-social em diferentes fases do desenvolvimento do indivíduo, como por exemplo: Bates e colaboradores, 1991; Compbell et al., 2000; Schwartz et al., 1996; Guérin et al., 1997; Sanson et al., 1993; Pulkkien e colaboradores, 1994; Caspi, 2000; Krueger et al., 1994; Henry et al., 1996, cit. in Fonseca, 2004; percebendo-se assim a premência em dissecar o constructo Personalidade.

### 2.2.1 Personalidade

Historicamente, personalidade tem origem na palavra latina *persona*, que designava as máscaras de teatro que os actores usavam na antiguidade, para exprimir diferentes emoções e atitudes, pois na época era comum utilizar-se estes artificios para evocar no público as características do actor.

O estudo da personalidade (normal ou patológica) constitui um domínio particularmente apreciado, pois desde sempre tem suscitado inúmeras teorias e classificações, de modo que actualmente existem tantas teorias da personalidade como autores que abordaram esta temática (Eysenck, 1965; Hansenne, 2005).

Ainda assim, a personalidade só começou a ser cientificamente estudada no início do século XX (Singer, 1984, cit. in Melo, 2009), tendo sido definida como um conjunto de acções observáveis, gestos, estados e expressões não verbais, motivações privadas, desejos, crenças, atitudes, sonhos, estilos de organização da informação e estilos de experienciar emoções, que delineavam a individualidade única de cada pessoa numa determinada altura.

É grande a variedade de definições do conceito de personalidade, existindo praticamente uma diferente por cada autor que se concentra na temática, não havendo uma definição universalmente aceite. Aliás, Hall e Lindzey (1978), chegaram mesmo a afirmar que a personalidade é definida pelos conceitos empíricos particulares que fazem parte da teoria da personalidade utilizada pelo autor.

Apesar de tudo, existe unanimidade em considerar a personalidade como algo estável, único e específico que caracteriza e permite distinguir o indivíduo, conferindo-lhe individualidade. São diversos os autores que se referem ao carácter e ao temperamento, sendo aferido que estes dois termos são os mais frequentemente mencionados, remetendo para facetas parciais da personalidade, surgindo o temperamento associado a características inatas e o carácter a características aprendidas (Zuckerman, 1991). Porém, há alguma concordância acerca do facto de esta abranger certas disposições persistentes na constituição de um indivíduo e que é a realidade básica implícita nas importantes diferenças individuais de comportamento (Eysenck, 1965).

Child, em 1968 (cit. in Eysenck, 1994) definiu a personalidade como um conjunto de factores internos, mais ou menos estáveis, que fazem com que o comportamento de uma pessoa seja consistente em diferentes momentos, mas diferente do comportamento que outra pessoa manifesta em situações idênticas. Esta definição é bastante ampla porque inclui a inteligência como um aspecto da personalidade (Eysenck e Cattell partilhavam a mesma opinião), mas existem outros teóricos que discordam desta ideia, como por exemplo Allport (1961, cit. in Melo, 2009), que defendia que a personalidade seria a organização dinâmica intra-individual dos sistemas psicofísicos que determinam as suas adaptações únicas ao meio, não sendo, contudo, sinónimo de comportamento, mas algo subjacente aos actos específicos do próprio indivíduo.

Esta noção de personalidade é baseada na assumpção de que esta é relativamente estável e não altera muito ao longo do tempo. A disposição ou estados emocionais de uma pessoa podem mudar drasticamente em pouco tempo, mas a personalidade não. Então, se a personalidade é relativamente estável ao longo do tempo e se a mesma determina o comportamento, qualquer indivíduo comportar-se-á de uma maneira razoavelmente consistente em diferentes ocasiões (Eysenck, 1994).

Assim, Debuyst, em 1977 (cit. in Pimentel, 2001), dizia que a personalidade se definia como um conjunto de características a partir das quais um indivíduo podia ser identificado e o seu comportamento anterior ser objecto de uma predição em função dessas características.

A psicologia da personalidade estuda as diferenças individuais importantes que existem entre as pessoas, sendo que essas diferenças são reveladas pelas formas divergentes de se actuar numa mesma situação. Neste sentido, distinguem-se os traços de personalidade dos estados de personalidade, uma vez que os traços são as diferenças características entre as pessoas e os estados dizem respeito a flutuações temporárias ou disposições do mesmo indivíduo, sendo que os adjectivos utilizados para descrever o comportamento de uma pessoa podem ser os mesmos. No entanto, quando falamos de personalidade, referimo-nos mais a características permanentes do indivíduo, ou seja, mais a traços do que propriamente a estados (Eysenck, 1994; Hansenne, 2003; Wilson, 1986).

Quanto aos traços de personalidade, Hampson (1988, cit. in Melo, 2009), constatou que nas diferentes definições de personalidade, eram frequentemente abordados factores internos. Referiu ainda que o conceito de traço seria o mais utilizado, pois podia ser considerado como uma característica ampla e duradoura. Sendo os traços inferidos de observação do comportamento passado, fornecem um meio de descrever os padrões consistentes do comportamento, bem como de antever o comportamento futuro. No entanto, alguns autores alertam para o facto da questão da estabilidade dos traços não permitir observar as diferenças de desenvolvimento de alguns indivíduos, pois os traços podem ser estáveis mas implicam diferentes padrões de desenvolvimento, possuindo significados diferentes em termos de comparação entre o indivíduo e a população de referência.

A caracterização dos indivíduos segundo os traços de personalidade parece ter as suas raízes históricas na tipologia descrita por Hipócrates, no século IV a.C. (Eysenck & Wilson, 1976), que iremos abordar no subcapítulo seguinte.

### 2.2.1.1 Traços de Personalidade e a Teoria de Eysenck

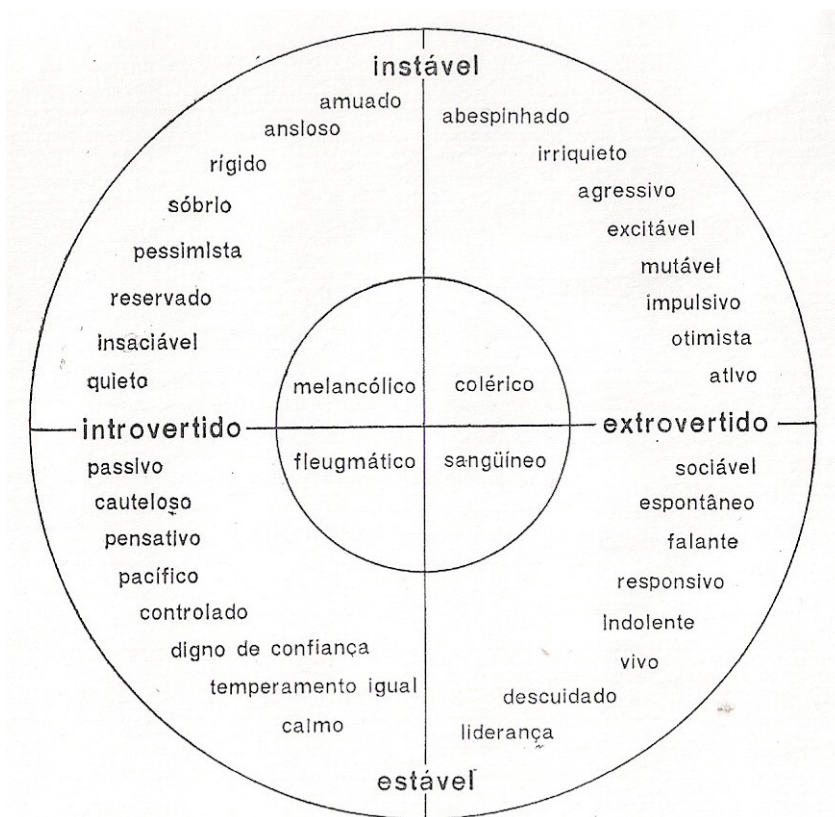
Como já referido, uma das mais antigas teorias da personalidade pertence a Hipócrates e foi dilatada e vulgarizada por Galeno (autores ainda muito citados nos dias de hoje), na qual eram definidos quatro tipos de indivíduos segundo os humores corporais (bilis amarela, bilis negra, sangue e fleuma), que indicavam quatro tipologias temperamentais correspondendo aos quatro humores: melancólico, colérico, sanguíneo e fleugmático (Eysenck, 1987; Eysenck & Wilson, 1976; Hall, Lindzey & Campbell, 1998; Zuckerman, 1991). Estas designações foram adoptadas pelo filósofo Emmanuel Kant e ainda por Wundt. O traço era então definido como uma característica que podia ser traduzida esquematicamente numa quantidade situada entre duas dimensões opostas, unidas por um contínuo, podendo esta estar ou não presente, mas manifestando-se de forma estável em diferentes situações. Embora exista um profundo desacordo quanto ao número e nome dos traços, é unanimemente reconhecido que a estrutura da personalidade resulta da organização dos diferentes traços e que estes podem ser mais inatos ou mais adquiridos, mais profundos ou mais superficiais.

Mais tarde, verificou-se que as pessoas não podiam ser agrupadas em quatro categorias estanques e que, a maior parte delas demonstrava uma mistura destas características. Como tal, Wundt sugeriu que o sistema podia ser adaptado pela inserção de duas principais dimensões da resposta emotiva individual: a força das emoções e a velocidade de mudança. Estudos de análise factorial sobre a estrutura da personalidade reafirmaram ainda a utilidade descritiva deste esquema bidimensional.

Nias (1986) defende que existem diferenças de opinião no que concerne ao facto de o comportamento anormal (palavra que o autor utiliza) ter uma diferença qualitativa ou quantitativa do comportamento normal. Porém, ele defende que os sintomas são considerados traços graduais que existem em todas as pessoas, mas num grau bastante mais elevado, aplicando-se mesmo a predisposições que têm que atingir um certo patamar, antes de se manifestarem no comportamento declarado, como algumas formas de criminalidade.

Ao longo dos anos, vários foram as denominações utilizadas, mas uma das largamente exploradas é a teoria de Eysenck, que visa a Extraversão versus Introversão e

Neuroticismos versus Estabilidade, tendo-se inspirado em Galeno, com os seus quatro temperamentos clássicos.



Esquema 1: Esquema utilizado por Eysenck para explicar a inspiração e as bases da sua teoria. Relação entre as dimensões Neuroticismo – Estabilidade e Extraversão – Introversão. Digitalizado de Eysenck, 1965

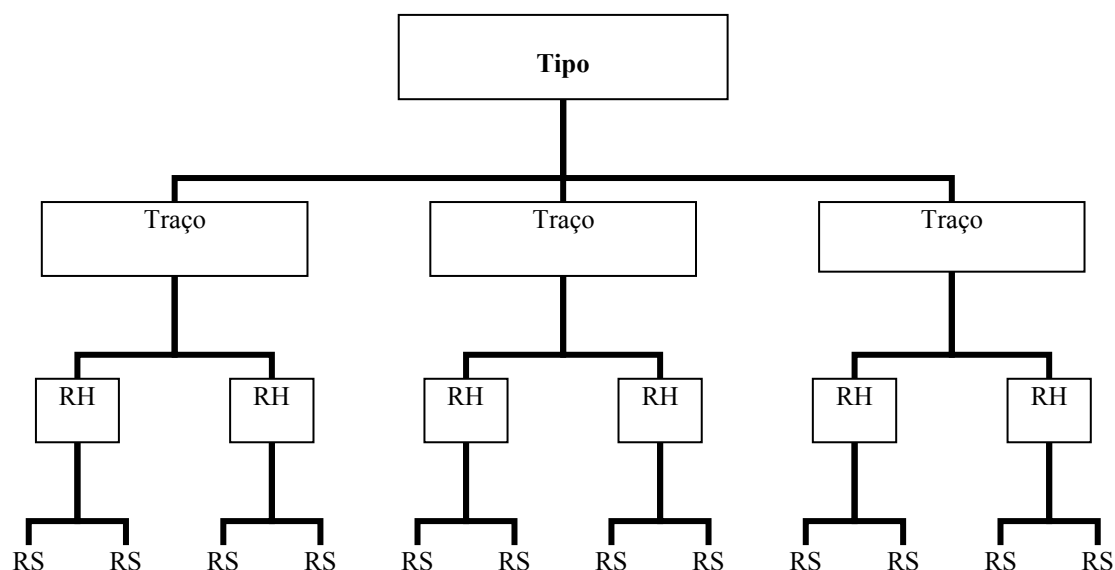
Eysenck defendia que não há factos mentais sem que estejam implícitos alguns factores fisiológicos ou neurológicos, que, como tal, podem ser investigados e medidos pela ciência física, ou seja, ele tentou unir a psicologia à fisiologia, à neurologia e às ciências biológicas em geral, uma vez que a psicologia, por si só, apenas descreve o comportamento em termos de traços, tipos, atitudes, hábitos, etc., sem necessariamente responder a questões como “porque” uma pessoa está a comportar-se de uma determinada forma. Como tal, os estudos de Eysenck procuram uma explicação multifactorial, estrutural e processual para a personalidade (Eysenck & Eysenck, 1997).

O autor propõe que o estudo da personalidade tem dois aspectos interligados. O primeiro é descritivo e foca o estabelecimento de unidades a serem utilizadas para resumir as formas pelas quais os indivíduos diferem. O segundo refere-se aos elementos causais, sendo aqui que Eysenck faz uma das suas contribuições distintivas, pois ele reconhece o papel crítico desempenhado pela aprendizagem e pelas forças ambientais, mas afirma que também precisamos de explicar o facto de o efeito de uma dada situação variar para diferentes indivíduos, além de termos que reconhecer o papel determinante, causal, desempenhado pelos factores biológicos (Hall, Lindzey & Campbell, 1998).

Tal como Cattell, Eysenck defendia que o objectivo da psicologia era a predição dos comportamentos e que, para atingir isso, tinha que se ter em consideração o número e a natureza dos traços, que conjuntamente formam a personalidade dos seres humanos. Existem vários métodos que podem ser usados para determinar a estrutura da personalidade, contudo, o mais frequentemente usado é a análise factorial e Eysenck (1994) utilizou-a como ninguém, considerando-a um método necessário, embora não suficiente.

A análise factorial é uma técnica estatística utilizada para determinar padrões de correlação num conjunto muito extenso de dados comportamentais, de forma a obter-se factores que influenciam a mesma questão. Assim, itens ou medidas que têm uma forte correlação, são entendidas como pertencentes ao mesmo traço ou factor, enquanto outras, sem correlação, reflectem diferentes factores (Bernaud, 1998; Eysenck, 1994; Eysenck & Eysenck, 1997).

Deste modo, Eysenck tentou sistematizar esta abordagem dimensional ao descrever a personalidade através de uma organização hierárquica, distinguindo quatro níveis: os tipos, os traços, as respostas habituais e as respostas específicas.



Esquema 2: Representação gráfica da concepção hierárquica da personalidade (RH: Respostas Habituais; RS: Respostas Específicas). Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997

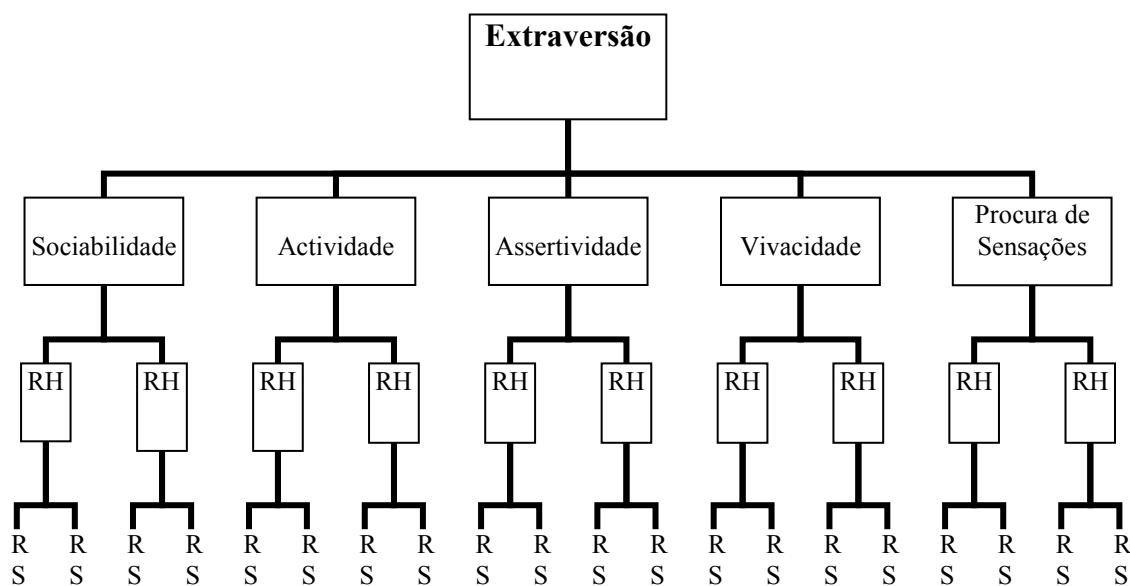
Segundo o teórico, os traços representam padrões amplos de tendências de conduta que dão consistência e estabilidade às acções, às reacções emocionais e aos estilos cognitivos, ou seja, são construções teóricas baseadas na correlação entre respostas habituais dos indivíduos. Constituem exemplos desses mesmos traços a impulsividade, a sociabilidade e o facto de se tomar cuidado com os demais (Eysenck & Eysenck, 1997).

Estes traços são agrupados em tipos ou “super-factores” (dimensões), sendo eles o Psicoticismo (P), o Neuroticismo (N) e a Extraversão (E), factores de ordem superior, que se podem posicionar em três importantes contínuos (Hansenne, 2003), de forma dimensional: Extraversão / Introversão; Neuroticismo / Estabilidade; e Psicoticismo / Normalidade. De acordo com Eysenck (1994), estes três factores são bastantes amplos, sendo que ninguém corresponde a um resultado de 100 ou de 0, no que respeita a estas 3 dimensões, pelo contrário, cada indivíduo caracteriza-se por uma nota intermédia para cada uma das dimensões e pode encontrar-se em qualquer ponto destes três factores, aliás, a posição relativa do sujeito em cada um deles consegue sumariar a complexidade que compõe a individualidade de cada um. Esta explicação foi corroborada pela análise

factorial (que indica que muitos traços podem ser caracterizados nestas três dimensões) e por alguns teóricos desta área (Nias, 1986).

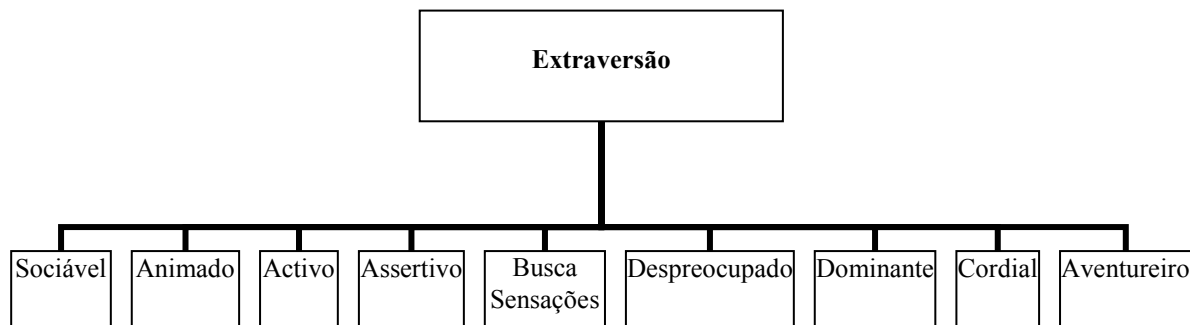
Eysenck distingue assim traços de tipos, sendo que um traço refere-se a um conjunto de comportamentos relacionados que co-variam ou ocorrem juntos repetidamente; enquanto um tipo é um constructo de ordem superior que compreende um conjunto de traços correlacionados (Hall, Lindzey & Campbell, 1998).

Cada dimensão é composta por diversos traços (o Extravertido é sociável, activo, assertivo, vivo e procura sensações) e os traços são, por sua vez, compostos por respostas habituais e específicas. As respostas habituais são comportamentos que têm lugar, geralmente, em determinadas situações, enquanto as respostas específicas apenas se verificam ocasionalmente, sendo desencadeadas em situações particulares (Hansenne, 2003).



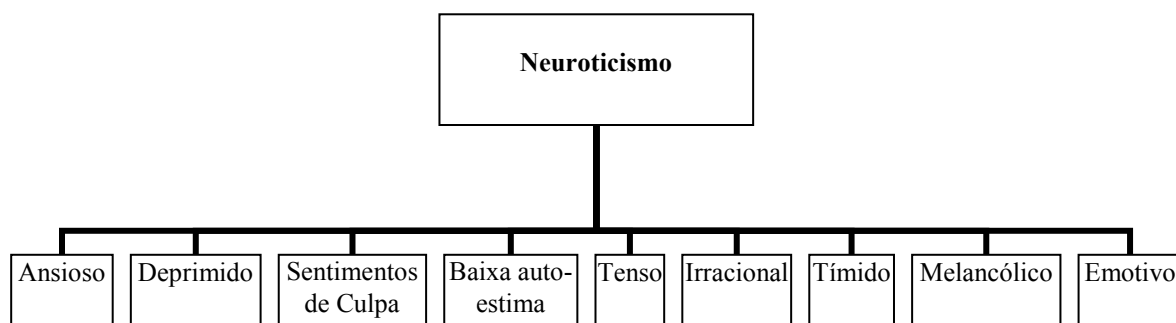
Esquema 3: Representação gráfica da concepção hierárquica da personalidade, neste caso, a Extraversão (RH: Respostas Habituais; RS: Respostas Específicas). Adaptado de Hansenne, 2003

Assim, o Extravertido típico é sociável, vivo, gosta de sair, descuidado, variável, impulsivo, enfático, fisicamente activo e optimista; em oposição, o padrão introvertido é calmo, passivo, cuidadoso, pensativo, de confiança, mentalmente activo e pessimista.



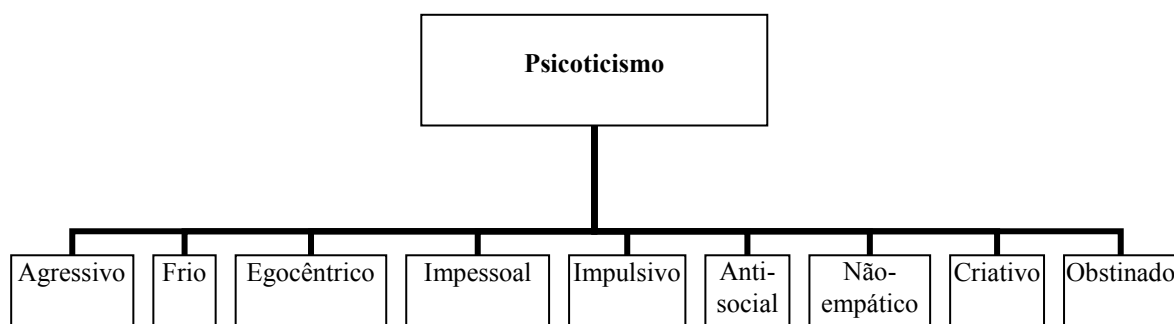
Esquema 4: Traços que constituem o conceito de Extraversão. Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997

Os indivíduos com elevado grau de Neuroticismo têm propensão para serem nervosos, ansiosos, de humor variável, susceptíveis, agitados, excitáveis e, por norma, emocionalmente instáveis; em comparação com os indivíduos estáveis, que são normalmente serenos, sempre com a mesma disposição, calmos e em quem se pode confiar.



Esquema 5: Traços que constituem o conceito de Neuroticismo. Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997

As pessoas que têm o traço de Psicoticismo mais saliente ou inflexibilidade de pensamento, são caracterizados por serem pessoas frias, agressivas, cruéis e dadas a um comportamento bizarro e anti-social.



Esquema 6: Traços que constituem o conceito de Psicoticismo. Adaptado de Eysenck e Eysenck, 1997

Como vantagens deste sistema dimensional, pode mencionar-se que os sujeitos se podem situar em qualquer espaço entre os dois factores opostos, o que permite definir uma maior variedade de comportamentos distintos e variação individual, tendo em consideração que a maioria das pessoas se localiza nos valores médios de cada uma das dimensões e apenas uma pequena percentagem tende para os extremos, para além de Eysenck considerar que as três dimensões estão distribuídas de uma forma essencialmente normal dentro da população. Destaca-se ainda o facto de ter a capacidade de prever comportamentos em áreas como a criminalidade. As três dimensões (E, N e P) podem não abranger tudo o que abarca o temperamento humano, mas dá-nos uma descrição ampla e, geralmente útil, do domínio da personalidade (Wilson, 1986).

Para além disso, nos últimos anos temos assistido a um estreitamento da faixa do que são consideradas dimensões básicas da personalidade (de dezasseis ou mais, para cinco ou três). Porém, existe um acordo substancial sobre duas dessas características básicas – Extraversão ou sociabilidade e Neuroticismo ou ansiedade – em quase todos os sistemas taxonómicos (Zuckerman, 1995).

Para Eysenck (1965), no entanto, era inconcebível que não houvesse raízes biológicas implícitas na personalidade e no comportamento das pessoas, pois estes traços tinham que prover de substratos fisiológicos, bioquímicos ou neurológicos. Assim, a abordagem de Eysenck à personalidade é única no sentido em que especifica uma cadeia causal, em que o substrato biológico é responsável pelas diferenças individuais em dimensões fundamentais da personalidade (Hall, Lindzey & Campbell, 1998).

O autor não acreditava que o comportamento fosse inato, mas sim proveniente de algumas estruturas do Sistema Nervoso Central ou do Sistema Nervoso Autónomo que, por sua vez, em interacção com o meio ambiente, representavam um papel importante na determinação da conduta humana.

Todos os mamíferos possuem um Sistema Nervoso Central, que consiste essencialmente em longas ramificações nervosas, que vão de todas as partes do corpo ao cérebro, para transmitir informações recebidas dos órgãos dos sentidos. Existem também outras ramificações, que vão do cérebro à musculatura estriada do corpo, iniciando assim os movimentos voluntários. Contudo, somado ao Sistema Nervoso Central, temos o Sistema Nervoso Autónomo, que comanda, como o próprio nome indica, actividades involuntárias que são essenciais à nossa sobrevivência. Este está dividido em duas partes: o Sistema Simpático e o Para-simpático; o primeiro é o sistema de emergência, que prepara o corpo para uma fuga ou luta (interrompe a digestão, faz o coração bater mais rápido, aumenta o nível da respiração e de outras formas prepara o corpo para reagir a situações perigosas); já o sistema Para-simpático é antagónico ao simpático e produz efeitos completamente opostos (diminui a respiração e os batimentos cardíacos, fazendo com o que o organismo simplesmente faça o mínimo para se manter vivo) (Eysenck, 1965).

Deste modo, parecia óbvio a Eysenck que as diferenças individuais entre as pessoas em emocionalidade ou Neuroticismo fossem transmitidas por diferenças herdadas da excitabilidade do Sistema Nervoso Autónomo. Para ele, algumas pessoas são constitucionalmente predispostas a reagir violentamente, devido ao seu Sistema Nervoso Simpático e a várias espécies de estímulos exteriores, enquanto outras são predispostas a reagir com menos violência. Estas reacções, como são integradas na actividade motora, são experimentadas pelo organismo como emoções e sofrem as correspondentes reacções (Eysenck, 1965).

De acordo com esta teoria, os indivíduos Introversos possuem um nível maior de excitação cortical (maior actividade do cérebro) do que os Extroversos, devido a uma maior actividade de uma parte do cérebro, conhecida como Sistema de Activação Reticular Ascendente, que determina o nível de activação cortical. Por este facto, os Introversos são mais facilmente condicionados do que os Extroversos devido ao seu alto nível de excitação cortical, o que significa que o seu sistema nervoso forma associações mais rapidamente (Eysenck, 1994; Eysenck & Eysenck, 1997; 2000). Partindo do facto das pessoas preferirem níveis médios de excitação, é expectável que os indivíduos Extroversos (com pouca excitação cortical) procurem mais estimulação e os Introversos evitem essa estimulação. Assim, compreende-se que os sujeitos Extroversos passem mais tempo a socializar com outras pessoas e a comportar-se impulsivamente, enquanto os Introversos adoptam um estilo de vida mais reservado (Eysenck, 1987; 1997; Hansenne, 2003; Revelle, Anderson & Humphreys, 1987; Romero, Sobral & Luengo, 1999; Zuckerman, 1991).

No que concerne ao Neuroticismo, Eysenck (1987; 1994) refere que o Sistema Nervoso Autónomo está envolvido, mais especificamente que este traço depende da actividade do Sistema Límbico (nomeadamente de algumas estruturas como o hipocampo, amígdala, cíngulo, septo e hipotálamo), sede das emoções, bem como do Sistema Nervoso Autónomo (particularmente do Sistema Simpático), suposição que tem recebido apoio de alguns estudos experimentais e psicofisiológicos (Eysenck & Eysenck, 1997; Romero, Sobral & Luengo, 1999). Esta noção de que indivíduos com níveis elevados de Neuroticismo têm um sistema nervoso autónomo particularmente activo, é consistente com o facto de eles afirmarem mais sintomas fisiológicos (batimento cardíaco rápido, indigestão) do que indivíduos com níveis baixos de Neuroticismo. Para além disso, os indivíduos instáveis reagem mais rapidamente às estimulações dolorosas, novas e perturbadoras do que as outras pessoas; e a extinção de comportamentos é mais lenta neste tipo de sujeitos (Eysenck, 1990, cit. in Hansenne, 2003).

A origem psicobiológica da última dimensão – Psicoticismo – é incerta, mas Eysenck supunha que a mesma poderia estar relacionada com as hormonas sexuais (Eysenck, 1990, cit. in Hansenne, 2003; Eysenck & Eysenck, 1997; Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Ao mesmo tempo que foi construindo este modelo de personalidade, o autor foi criando e aperfeiçoando diversos instrumentos para medir estas dimensões (E, N e, mais tarde, P). Assim, apareceram sucessivamente o MMQ (*Maudsley Medical Questionnaire*), o MPI (*Maudsley Personality Inventory*), o EPI (*Eysenck Personality Inventory*), o EPQ (*Eysenck Personality Questionnaire*) e o EPQ-R (*Eysenck Personality Questionnaire-Revised*).

Resumindo, para Eysenck (1965), parte do comportamento que dá origem ao conceito de personalidade pode ser descrito em termos das três principais dimensões, factores ou eixos, que são, em grau considerável, determinados por factores hereditários, mas esta determinação também tem alguma base no sistema nervoso. Por fim, tentava também demonstrar que tais bases podiam ser reconhecidas e que provavelmente estavam associadas à formação reticular ascendente, como tal, podíamos utilizar drogas estimulantes e depressivas para mudar o comportamento desta formação, alterando a posição de uma pessoa no segmento Extravertido/Introvertido para qualquer direcção desejada. Certo é que, segundo Nias (1986), verificou-se que a terapêutica aversiva é mais efectiva em doentes com um grau baixo de Neuroticismo; e a um nível geral, verifica-se que os estimulantes são mais apropriados para os Extravertidos e os sedativos para os Introvertidos.

Eysenck apresentou ainda três argumentos ao defender o papel crítico que os factores biológicos desempenham na determinação das diferenças individuais nos três tipos: em primeiro lugar, esses mesmos factores emergiram consistentemente em investigações da estrutura da personalidade em culturas amplamente divergentes e, tal unanimidade cultural cruzada é difícil de explicar, a não ser em termos biológicos; em segundo lugar, os indivíduos tendem a manter as suas posições nessas dimensões ao longo do tempo; e, finalmente em terceiro, há evidências de um componente hereditário substancial nas diferenças individuais nas três dimensões. Os dois últimos achados sugerem claramente que, para Eysenck, as forças biológicas contribuem para as diferenças individuais nas tipologias (Hall, Lindzey & Campbell, 1998).

Apesar de desde a sua primeira formulação da teoria, Eysenck estar sujeito a numerosas objecções e críticas, para além dos seus resultados empíricos não suportarem consistentemente as suas suposições, o poder heurístico da teoria de Eysenck é inegável. A

sua influência sobre a geração de autores e suas investigações tem sido intensa nas últimas décadas e demonstra-se em múltiplas linhas de trabalho que hoje adquirem força dentro da criminologia psicobiológica (Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Para além disso, existe um grande corpo de trabalho que apoiou directamente as bases biológicas da Extraversão e do Neuroticismo e, mais recentemente, Vasconcelos, Gouveia, Pimentel e Pessoa (2008) constataram que os traços de personalidade são úteis ao entendimento das condutas socialmente desviantes, com especial destaque para o traço Procura de Sensações.

### 2.2.2 Procura de Sensações

Um dos traços de personalidade que também tem sido amplamente estudado é a Procura de Sensações, principalmente por um autor de nome Marvin Zuckerman, que há décadas tenta analisar e melhorar a sua teoria sobre este traço, que surgiu devido às investigações sobre o nível óptimo de activação (*arousal*) e que, desde então, estimulou o aparecimento de muitas pesquisas (Romero, Sobral & Luengo, 1999; Zuckerman, 1971; Zuckerman, Kolin, Price & Zoob, 1964; Zuckerman & Link, 1968).

Segundo o autor, a Procura de Sensações está presente em todos os indivíduos, variando apenas na sua intensidade, sendo observadas na faixa etária que varia entre os 16 e os 20 anos as suas manifestações mais intensas.

O traço Procura de Sensações ou Procura de Emoções Fortes foi originalmente referido como “*sensation seeking*”, sendo descrito como uma tendência que leva as pessoas a procurar sensações intensas, novas, variadas e complexas, associada à disposição para assumir riscos, com vista ao alcance dessas experiências, riscos esses que podem ser de nível físico, social, legal e financeiro (Romero, Sobral & Luengo, 1999; Vasconcelos et al., 2008; Zuckerman, 1994; 2007, cit. in Melo, 2009).

Zuckerman explicou que utilizou a palavra “procura” porque esta implica uma postura activa por parte do sujeito, assim, perante situações pobres em estímulos, o indivíduo tende a criar ou a aceder a fontes de experiência que aliviem a sua inconformidade. Utiliza ainda a palavra “sensações” (e não estimulação) porque o que resulta realmente como recompensa para estes indivíduos é a experiência interna derivada dos estímulos externos. Exemplificou esta perspectiva com o seguinte: um sujeito viciado em televisão encontra nesta muita estimulação, no entanto não obtém sensações intensas que sejam novidade; e, pelo contrário, as drogas oferecem uma escassa estimulação exterior mas podem gerar sensações invulgares e complexas (Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Zuckerman (2003, cit. in Melo, 2009) afirmou que a abertura à experiência emergia como o factor que se correlacionava mais expressivamente com a dimensão Procura de Sensações. Para ele, o “*sensation seeker*” parecia ser motivado pelo prazer intrínseco

derivado das sensações e actividades. Para indivíduos com baixos níveis de Procura de Sensações, as experiências passivas podem proporcionar-lhes o nível de estimulação que desejam, ao passo que a experiência real poderia exceder os seus níveis de estimulação, raiando o incómodo.

Já a impulsividade, embora não equivalente à Procura de Sensações, é um traço altamente correlacionado com este, nomeadamente nos aspectos que se referem ao não planeamento e à assumpção de riscos. Deste modo, os “*sensation seekers*”, não sendo mais vulneráveis a doenças psicofisiológicas, tendem a envolver-se mais em actividades pouco salubres, conducentes a desordens como consumo de tabaco, bebidas alcoólicas e uso de estupefacientes (Zuckerman, 1971).

Segundo Zuckerman (1971), os indivíduos que apresentam o traço de Procura de Sensações saliente teriam tendência para a assumpção de comportamentos que aumentassem a quantidade de estimulação que experienciam. Para satisfazerem essa necessidade de estimulação intensa, os indivíduos adoptam determinados comportamentos que estão associados, por exemplo, a preferências profissionais (nomeadamente actividades financeiras), a prática de desportos de risco, a consumos de álcool ou estupefacientes, a condução perigosa, ao jogo, a actividade sexual de risco, em suma, a tudo o que provoque sensações originais e novas experiências. Este traço é apontado como uma característica do adolescente, estando, a maior parte das vezes, relacionado com comportamentos de risco.

Dentro de algumas características comuns às pessoas que procuram sensações muito intensas, estão as atitudes positivas em relação à emoção ou alegria e expressões mais desinibidas. Assim, espera-se que a Procura de Sensações prediga uma abertura à mudança, uma atitude receptiva relativamente a novas experiências e a habilidade para tolerar sensações e ideias que são, normalmente, estranhas para a maioria das pessoas. Assim, estes sujeitos são também considerados como mais sociáveis, impetuosos, assertivos, atrevidos e demonstram menos medo (Vasconcelos et al., 2008).

Contudo, a Procura de Sensações é também um mediador de stress, sendo um traço “normal”, ou seja, não revelador de funcionamento intrinsecamente psicopatológicos ou mesmo anti-sociais. Assim, os indivíduos com altos níveis de Procura de Sensações nem

sempre são desajustados ou apresentam um funcionamento errado (Zuckerman, 1971), apesar de, por serem excitáveis e mais activos, terem tendência para apresentar comportamentos anti-sociais (Zuckerman & Link, 1968).

Apesar de tudo isto, é um traço expresso em termos de comportamento de exploração que implica um aumento da estimulação, tendo sido profundamente estudado na vertente da delinquência e do abuso de substâncias, bem como na investigação sobre a prevenção de comportamentos de risco para a saúde. É também alvo de investigações em diversas profissões, pois alguns autores defendem a existência de correlações elevadas entre a Procura de Sensações e certas profissões, tais como bombeiro, controlador aéreo e polícia.

Não obstante, este constructo não é tido apenas como uma necessidade individual de experimentar situações de risco, mas estaria inserido no processo de socialização, que vem sendo estudada sistematicamente nos últimos anos, como condição essencial da construção da realidade social. Esta dimensão da personalidade pretende compreender o comportamento juvenil, principalmente aquele que caracteriza as transgressões de normas sociais, como as variações do comportamento de risco a partir da importância que o jovem dá à procura de novas experiências e emoções intensas (Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

Para analisar este traço de personalidade, Zuckerman desenvolveu a *Sensation Seeking Scale*, cuja primeira versão surgiu com o intuito de medir o traço de personalidade que representava directamente a procura de estimulação e/ou excitação. Esta foi desenvolvida para prever reacções individuais de privação sensorial, mas, na década de 70, a escala começou a ser usada para outras áreas, como experiência sexual, uso de drogas, voluntariado para experiências ou situações incomuns e situações arriscadas em geral (Zuckerman, 1971; 1987).

A primeira teoria foi orientada para a explicação das reacções a situações de privação e sobre-estimulação sensorial. Assim, a primeira hipótese com uma base biológica foi muito ampla, sugerindo um factor constitucional do Sistema Nervoso Central e uma reacção do Sistema Nervoso Autónomo, como resposta a aspectos específicos de estimulação (intensidade, novidade, complexidade e associações emocionais). Mais tarde, a teoria centrou-se na resposta do Sistema Reticulocortical e dos seus pontos principais

necessários para atingir a estimulação e a inibição. Finalmente, a teoria sofreu alterações incidindo numa base bioquímica, devido à constatação da influência do Sistema Límbico e suas interações. Depois de abandonar a teoria de nível óptimo de estimulação baseada no Sistema Reticulocortical, uma nova teoria de nível óptimo foi formulada, baseada na actividade do Sistema das Catecolaminas, que estão relacionadas com a recompensa intrínseca. Segundo esta, estímulos novos e intensos estimulam o Sistema Noradrenérgico no cerúleo que, por sua vez, activa o Córtex através do Sistema Difuso de Projecção. A estimulação do Córtex, contudo, é vista agora, não como a base, mas sim como um efeito secundário da motivação para a estimulação hedónica, ou seja, age-se de forma a evitar o que é desagradável e procurar apenas o agradável. Está ainda implícito na teoria uma interacção desta dimensão da personalidade com a intensidade e novidade da estimulação (Zuckerman, 1987).

Actualmente, a escala de Zuckerman é composta por quatro subescalas: Procura de Aventura e Emoção (TAS); Procura de Experiências (ES); Desinibição (DIS); e, Intolerância ao Aborrecimento (BS); baseando-se num modelo que integra factores genéticos, biológicos, psicofisiológicos e sociais (Zuckerman, 1971; Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978). Em 1991, Russo, Lahey, Christ, Frick, McBurnett, Walker, Loeber, Stouthamer-Loeber e Green, entenderam que as crianças também possuíam este traço, como tal, delinearam uma escala baseada na de Zuckerman, mas adequada a crianças, que intitularam *Sensation Seeking Scale for Children*.

Analisando cada uma destas subescalas ou factores da Escala de Zuckerman, o factor de Procura de Aventura e Emoção exprime o desejo de participar em desportos ou outras actividades físicas de risco que providenciam fortes sensações de velocidade ou de desafio da gravidade, tais como pára-quedismo ou mergulho, atraindo os indivíduos com elevado nível de Procura de Sensações devido à recompensa sensorial proporcionada. O factor Procura de Experiências refere-se à procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, tais como actividades ligadas à música, arte, viagens ou através de actividades sociais não conformistas, como a associação a grupos conotados como marginais. O factor Desinibição descreve a procura de sensações através de actividades sociais como festas, consumo de bebidas alcoólicas e diversidade de parceiros sexuais, ignorando as consequências. O factor Intolerância ao Aborrecimento representa a intolerância a experiências repetitivas, incluindo o trabalho rotineiro e pessoas

consideradas por eles como aborrecidas (Eysenck & Zuckerman, 1978; Romero, Sobral & Luengo, 1999; Zuckerman, 1971; Zuckerman, Bone, Meary, Mangelsdorff & Brustman, 1972; Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978).

Segundo Zuckerman, os sujeitos com pontuações mais altas demonstravam, em situações de privação sensorial, menos tolerância, maior agitação motora e um abandono mais rápido da tarefa, mas não só, acrescentando depois que a Procura de Sensações constituía uma dimensão da personalidade preditiva de uma grande variedade de tendências comportamentais (Romero, Sobral & Luengo, 1999).

A adopção de comportamentos de risco está dependente do estado motivacional e emocional no momento da decisão. Litman e Spielberger (2003, cit. in Melo, 2009) constataram que a curiosidade está directa e significativamente relacionada com a Procura de Aventura e Emoção e Procura de Experiência, bem como inversamente relacionada com a ansiedade.

Não obstante, Arnett (1994, cit. in Formiga, Aguiar & Omar, 2008), a partir da perspectiva de Zuckerman, bem como, fazendo referência a alguns limites tanto na concepção do constructo, como na instrumentalização e selecção de itens, propôs um modelo alternativo, o qual defende que a Procura de Sensações varia em intensidade e novidade (não apenas em termos de complexidade como concebia Zuckerman), e que esse traço de personalidade pode ser enfatizado no processo de socialização, sendo capaz de modificar predisposições biológicas. Para além disso, o autor defende que a Procura de Sensações desenvolve-se a partir do interesse por experiências novas e intensas, e não, necessariamente, pelo interesse em correr riscos.

### **2.3 Personalidade, Procura de Sensações e Comportamentos Anti-sociais**

A sociedade actualmente vive um contexto em que adolescentes e jovens apresentam comportamentos anti-sociais e violentos, cada dia mais frequentes. Segundo Rutter (1996, cit. in Joseph, 2004), quase todos os adolescentes cometem, alguma vez na vida, actos que fogem à lei e poderiam ser punidos por esta, se tivessem sido apanhados. Aliás, praticamente todos os estudos revelam que a maior parte dos jovens, quando respondem anonimamente, admitem ter cometido um ou mais crimes alguma vez na vida (Hurwitz & Christiansen, 1983, cit. in Joseph, 2004).

Não obstante este ponto de vista, Debuyst, em 1977 (cit. in Pimentel, 2001), concluiu, através de um estudo acerca do mecanismo de passagem ao acto delituoso, que os delinquentes eram homens como todos os outros e que o crime era um acto humano. Assim, teve que reconhecer que os processos que conduzem a um crime têm uma especificidade, que consiste no facto de existir uma criminalidade imaginativa e uma real, que se intercala por um período de transformação do eu, que torna esta possível. Deste modo, o criminoso distingue-se dos outros homens pela passagem ao acto, que é a expressão de uma diferença de grau, quantitativa e não qualitativa. Mas, já De Greeff, em 1946 (cit. in Gonçalves, 2002) defendia que o que caracterizava a personalidade criminal era a passagem ao acto.

Pode ainda dizer-se que os jovens e adolescentes parecem ser naturalmente mais susceptíveis a transgredir normas e regras sociais, pois nesta fase de desenvolvimento são, provavelmente, mais causadores ou vítimas de violência interpessoal, em comparação com indivíduos adultos (Vasconcelos et al., 2008).

Os jovens violadores de normas e leis caracterizam-se por apresentar uma personalidade que dá prioridade a valores que vão contra as normas sociais e a orientação cultural (Formiga & Gouveia, 2005). É importante ainda expor, que a análise deste tipo de comportamentos, ditos socialmente indesejáveis, está relacionada com três elementos indissociáveis: o comportamento em si, o indivíduo que o adopta e o ambiente sócio-cultural que o rodeia, pois, como já foi referido, nem tudo o que é anti-social numa sociedade e contexto histórico, será noutros (Vasconcelos et al., 2008). Assim, as condutas, apesar de serem dinâmicas e funcionais, podendo ser compreendidas em função do

contexto em que ocorrem, geralmente são consideradas como expressões da personalidade dos indivíduos, podendo ser explicadas em termos de traços de personalidade.

Entre os aspectos mais referidos nos estudos como indicativos da influência da personalidade no comportamento anti-social, a ênfase numa ou noutras variáveis (extraversão, o psicoticismo, o neuroticismo, a psicopatia, a impulsividade motora e cognitiva, a procura de sensações fortes, a emocionalidade negativa, a tendência para aborrecer-se facilmente, a hostilidade ou a irritabilidade) depende, em grande parte, do modelo teórico de personalidade e do crime.

Uma das teorias que tem sido das mais influentes e fecundas neste domínio, assenta num pressuposto que está bem estabelecido, a relação entre o Psicoticismo (modelo de Eysenck) e delinquência juvenil ou criminalidade adulta. De facto, estudos recentes mostraram que vários grupos de indivíduos anti-sociais obtinham pontuações elevadas na escala de Psicoticismo do Questionário de Personalidade de Eysenck (Fonseca, 2004).

A maioria dos estudos que analisam a personalidade utilizam como forma de medição Questionários de Personalidade, como tal, interessa referir uma questão fundamental, que é mensurabilidade da personalidade. Uma dos métodos para medir a personalidade de forma mais sistematizada, é através de questionários, uma vez que a observação directa, além de ter diversos problemas éticos, não é propriamente exequível.

Assim, o método mais directo e útil de medida da personalidade é, presumivelmente, o relato que um sujeito faz do seu comportamento, das suas formas de pensar, a maneira como julga certas acções e modos de reagir a diferentes situações, através do preenchimento de um questionário ou inventário (Hansenne, 2003). Porém, para isso, é necessário que indivíduo tenha a capacidade e queira caracterizar o seu comportamento, a sua forma de pensar e os seus sentimentos.

Contudo, este método tem um problema, pois muitas pessoas têm tendência para alterar as suas respostas para aquelas que consideram ser “socialmente correctas”, devido à desejabilidade social, indicando que o sujeito é sensível a normas sociais que orientam as suas respostas aos itens. Para minimizar o último factor referido, alguns questionários possuem estratégias, como evitar propor itens claramente desejáveis; apresentar pares de itens que ofereçam níveis equivalentes de desejabilidade; e integrar uma instrução que

indique aos sujeitos que serão detectadas falsificações ou descrições excessivas de si, como a introdução de escalas de mentira (como o questionário de personalidade utilizado nesta investigação empírica possui) que consiste na introdução de itens cuja resposta extrema é, muito provavelmente, mentira. Se uma pessoa responde à maior parte das questões da escala de mentira com aquilo que é socialmente correcto, assume-se que estará a falsificar as suas respostas. (Anastasi, 1977; Bernaud, 1998; Eysenck, 1994; Wilson, 1986)

Outro problema que surge neste tipo de questionários é a tendência à concordância, ou seja, a inclinação que as pessoas têm para dar respostas positivas (seleccionar sim em respostas sim/não; verdadeiro em relação a falso). Para limitar o efeito desta tendência, foram propostas três estratégias: para além de seleccionar cuidadosamente todos os itens, deve colocar-se metade dos itens que pretendem medir um determinado traço de personalidade com a resposta “sim” e a outra metade com a resposta “não”, de maneira a que o sujeito não manipule o resultado do estudo. Privilegiar os itens de escolha múltipla e evitar itens que apresentem um carácter vago ou ambíguo são outras estratégias (Bernaud, 1998; Eysenck, 1994; Wilson, 1986).

Não obstante, apesar desta limitação, a técnica de auto-relato revelou-se a mais vantajosa para fazer esta medição (Wilson, 1986), tendo como grande benefício o facto de ser rápido e fácil de administrar, para além de que o próprio indivíduo, presumivelmente, sabe mais sobre ele mesmo do que qualquer outra pessoa (Eysenck, 1994).

Contudo, existem outras formas de estudar a personalidade, como:

- avaliação por parte de outras pessoas, que pode assumir diferentes formas, nomeadamente situações em que o observador não conhece o sujeito e apenas o observa com o intuito de fazer, à posteriori, uma análise ao seu comportamento (Hansenne, 2003); bem como noutros casos em que se fornece a pessoas que conhecem bem o sujeito (por exemplo, pais, professores, pares, médicos, etc.), uma escala padrão ou um conjunto de escalas. Todavia, podem ocorrer outros desvios, como: o facto de um item, sobre um determinado comportamento do sujeito, poder ser interpretado de forma distinta por diferentes avaliadores; e também a maior parte dos avaliadores só terem contacto com o sujeito num determinado contexto, o que pode influenciar, por si só, o comportamento do indivíduo (Wilson, 1986);

- os testes projectivos propõem encontrar os aspectos mais camuflados e inconscientes da personalidade, através da análise e interpretação de respostas aos estímulos vagos ou ambíguos, contudo, sem grandes resultados no que diz respeito à fiabilidade e à validade (Hansenne, 2003; Wilson, 1986);

- testes de comportamento objectivo, onde são estudadas as diferenças individuais de execução em tarefas laboratoriais, como tarefas de percepção, motricidade, fenómenos de aprendizagem e resposta a compostos químicos, comportamentos observáveis em laboratório, o que permite pontuá-los objectivamente, também pelo facto de os sujeitos não saberem do que é que o experimentador está à procura. No entanto, por vezes torna-se difícil saber exactamente o que está a ser medido e os resultados são normalmente muito afectados por pequenas alterações ao procedimento. Não obstante, as correspondências de diferenças individuais com os questionários demonstram a relevância deste tipo de técnicas (Wilson, 1986);

- medidas fisiológicas, em que se mede vários índices fisiológicos, como a resposta galvânica da pele, tensão arterial, número de pulsações, ritmo da respiração, E.E.G. (Electroencefalograma), produção salivar, tensão/relaxamento muscular e contracção / dilatação pupilar, analisando a variação das respostas a estímulos seleccionados (Wilson, 1986).

Qualquer que seja o método de avaliação da personalidade escolhido, este necessita de ter três importantes qualidades: sensibilidade, fidelidade e validade. A sensibilidade avalia o poder discriminativo de um método de avaliação, ou seja, a sua capacidade de salientar resultados suficientemente diferenciados entre sujeitos, avaliando-se, através da observação, a distribuição dos resultados e ao analisar os indicadores de dispersão (variância, desvio-padrão, extensão, etc.). A fidelidade de um teste de personalidade refere-se à sua consistência de medida (se o resultado do teste de personalidade é similar em duas ocasiões diferentes). No que diz respeito à validade, esta pretende averiguar se um teste realmente mede aquilo que pretende, e, para isso, existem várias formas de validade, mas as mais importantes são: a validade criterial, que tem como objectivo verificar se os resultados obtidos num método de avaliação têm uma correlação forte com um conjunto de comportamentos manifestados numa situação; a validade de conteúdo, que tem por finalidade verificar se o conteúdo de um método de avaliação é representativo dos

diferentes componentes do constructo teórico; e a validade construtiva, que verifica se a estrutura do método de avaliação está em conformidade com os trabalhos e teorias psicológicas elaboradas anteriormente (Bernaud, 1998; Eysenck, 1994; Hansenne, 2003).

Tendo estes aspectos em consideração, na literatura é possível encontrar uma diversidade de estudos que enfatizam a relação entre a personalidade e a conduta humana, especialmente a vertente que se destaca neste estudo, os comportamentos anti-sociais.

Em vários estudos, tentou-se estabelecer a relação entre traços de personalidade e condutas desviantes. Usando o modelo de Hans Eysenck, Romero, Luengo e Sobral (2001, cit. in Vasconcelos et al., 2008) em amostras de estudantes espanhóis, constataram que os factores Neuroticismo, Psicoticismo, Impulsividade e Procura de Sensações correlacionaram-se com condutas anti-sociais; e Heaven, através de estudantes de Ensino Médio da Austrália, observou que o Psicoticismo se correlacionou com medidas de vandalismo. Segundo Eysenck, o jovem que apresenta uma conduta anti-social, possui, em geral, traços de Neuroticismo e Impulsividade; e um resultado semelhante foi encontrado quando identificaram uma correlação positiva significativa da variável com os traços de Psicoticismo e Neuroticismo.

Estas dimensões dos traços de personalidade enfatizam características individuais carregadas de emoções estáveis aliadas a afectos negativos e a comportamentos abertos a novas experiências (Formiga, Aguiar & Omar, 2008). Num estudo de 1970, Eysenck (cit. in Wilson, 1986), demonstrou que os traços de Extraversão e Neuroticismo elevados estavam associados ao desleixo, condução pouco segura, propensão para acidentes na estrada, contracção de doenças venéreas e um alto grau de absentismo. Num estudo posterior, Eysenck (1977, cit. in Gonçalves, 2002), frisou ainda que os criminosos possuíam um maior grau de Extraversão (vindo daí a sua impulsividade), um maior grau de Neuroticismo (instabilidade emocional) e um maior grau de Psicoticismo (que levaria a uma postura de isolamento social e insensibilidade emocional). Ou seja, para Eysenck, a personalidade era sempre composta por três dimensões – a Extraversão, o Neuroticismo e o Psicoticismo – mas, nos indivíduos criminosos, estas dimensões encontravam-se mais pronunciadas.

O autor defendia que possuía evidências que sugeriam que os Introversos formavam respostas condicionadas mais rapidamente e mais fortes do que os Extraversos, logo concluía que a Extraversão estava positivamente relacionada com a conduta anti-social; no que se refere ao traço de Neuroticismo, Eysenck acreditava que a instabilidade emocional se multiplicava com os hábitos de conduta anti-social; e o Psicoticismo, por sua vez, era justificado pela existência de relações bem comprovadas entre o crime e a psicose e porque os traços gerais de personalidade, que fundamentavam o Psicoticismo, apareciam claramente relacionados com a conduta anti-social e não conformista (Rua, 2006). Assim, este traço tinha uma capacidade preditiva em relação à diversidade de comportamentos delinquentes (por exemplo, uso de drogas, advertência policial, dano de propriedade, entre outros) (Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

Manita (1997), referindo-se a esta teoria, comentou que seriam, então, estes três factores superiores de temperamento, que iriam influenciar o desenvolvimento e manutenção da criminalidade. Apesar de estes traços de personalidade não serem específicos dos criminosos, no seu caso assumiriam níveis mais elevados e, em combinação, definiriam a especificidade da personalidade do criminoso. Burgesse (cit. in Rua, 2006) também chamou a atenção para o facto de a teoria de Eysenck implicar que criminosos e pessoas normais diferiam numa combinação de Neuroticismo e Extraversão, e não necessariamente num ou noutro separadamente; sendo capaz de demonstrar que mesmo em estudos que falharam em mostrar a significância para uma ou outra variável, a combinação mostrou sempre diferenças altamente significativas.

Para Eysenck, os sujeitos Introversos, que têm um maior nível de activação corticorreticular, como já referido, mostram um maior condicionamento e interiorizam com mais facilidade as regras de conduta convencionais, enquanto os Extraversos estão assim mais propensos a realizar comportamentos anti-normativos. Em virtude do seu baixo grau de activação, os indivíduos Extraversos vêem-se impelidos a procurar estimulação variada e intensa, a envolver-se em situações arriscadas, que lhe permitam manter um nível aceitável de activação e este desejo de correr riscos e experimentar emoções fortes poderia estar na base dos comportamentos anti-sociais de muitos jovens (Eysenck, 1964, cit. in Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Eysenck defendia que o Neuroticismo actuaria como um mecanismo que ampliava e potenciava as tendências de comportamento de um sujeito, assim um grau elevado deste conduziria a que um Extravertido visse fortalecido os seus hábitos comportamentais. Da mesma forma, um grau elevado de Neuroticismo tenderia a interferir nos processos de aprendizagem, de forma a que entre este e a implicação em condutas delitivas existisse uma relação positiva (Eysenck, 1964, cit. in Romero, Sobral & Luengo, 1999).

No que diz respeito ao Psicoticismo, as suas características de indiferença afectiva, hostilidade e insensibilidade implícitas, levavam a uma maior probabilidade de violar as normas sociais (Eysenck, 1964, cit. in Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Born (2005), analisando as características psicológicas gerais dos delinquentes, extraídas dos principais inventários de personalidade referiu, entre outras, também a impulsividade e dificuldades em suportar uma espera de gratificação, a procura de sensações (referido por Eysenck como um traço da Extraversão) e o Neuroticismo e Psicoticismo.

Para Eysenck e Zuckerman (1978), tal como para Zuckerman e Link (1968) e Zuckerman (1971), a Extraversão estaria relacionada com o traço “Procura de Sensações”, uma vez que este traço poderia ser explicado através de factores bioquímicos, que determinam a forma como o cérebro reage à estimulação do ambiente, possuindo associações firmes e consistentes com a idade, género e até perturbações psicológicas. Eysenck (1957, 1967, cit. in Melo, 2009), sustenta que os Extravertidos, por necessitarem de elevados níveis de estimulação, que não é usualmente proporcionada por rotinas ambientais, tendem a ser os que mais procuram sensações. Já os Introvertidos inclinam-se para a redução de sensações, pelo que Farley (1967, cit. in Zuckerman & Link, 1968) constatou que aqueles que possuem um baixo nível de Procura de Sensações tendem a evitar a excitação excessiva, para assim reduzirem ou manterem um nível óptimo de funcionamento efectivo.

Já a Procura de Sensações possui ainda uma correlação positiva com o Psicoticismo (Eysenck & Zuckerman, 1978) com a Impulsividade (Zuckerman, 1971; Zuckerman & Link, 1968) e com a Hipomania (Zuckerman, 1971).

Estudos comparativos das funções dos sistemas neurotransmissores indicam que o sistema dopaminérgico pode estar relacionado com a procura de recompensas biológicas, que parecem caracterizar a Procura de Sensações, particularmente nos comportamentos aditivos (Duaux et al., 1998, cit. in Melo, 2009). Também noutro estudo, observou-se que os sujeitos que apresentaram maior procura de sensações têm mais probabilidade de começar a usar drogas e de iniciar esse consumo numa idade mais baixa, pois este traço pode ser entendido como uma predisposição para revelar condutas delinquentes (Donohew et al., 1999, Heaven, 1996, cit. in Formiga, Aguiar & Omar, 2008; Zuckerman, 1971).

Além disso, outros estudos na área da psicofisiologia verificaram que os indivíduos que têm um traço mais saliente de Procura de Sensações são mais sensíveis aos estímulos intensos e novos (Zuckerman, 1971).

A relação do traço Procura de Sensações com a tendência para correr riscos está devidamente comprovada (Eysenck & Eysenck, 1977; Zuckerman, 1971), não constituindo, contudo, a principal motivação do comportamento. O envolvimento em actividades de risco está associada a uma baixa experiência de medo e a uma correspondente baixa activação do sistema motivacional aversivo. Zuckerman (1994, cit. in Melo, 2009), ao aprofundar este aspecto regulador da baixa ansiedade antecipatória na avaliação do risco, percebeu que quando o sujeito se coloca nas situações de risco e supera essas experiências, adquire uma percepção de domínio sobre as mesmas. O mesmo autor verificou que estes indivíduos têm maior tendência para procurar a novidade e as experiências intensas, bem como para aceitar a incerteza e o risco no seu quotidiano, podendo assim concluir-se que o indivíduo que apresenta um traço de Procura de Sensações alto busca a variedade, novidade e a complexidade na estimulação.

Relativamente às diferenças individuais, o sexo é a variável que se relaciona mais profundamente com a Procura de Sensações, apresentando o sexo masculino níveis mais elevados de Procura de Sensações, concretamente, nas escalas de Procura de Aventura e Emoção e Desinibição (Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978). Quanto à idade, os estudos transversais demonstram o declínio da Procura de Sensações ao longo da vida, apesar de comprovarem um aumento da Procura de Sensações desde a infância, alcançando o pico na adolescência e início da idade adulta e diminuindo, gradualmente, a partir dessa altura (Steinberg, Albert, Cauffman, Banich, Graham & Woolard, 2008). Zuckerman

(1994, cit. in Romero, Sobral & Luengo, 1999) afirmou, contudo, a necessidade de realização de mais investigação longitudinal.

A subescala Procura de Experiências, sendo a única que não apresenta diferenças de género, é particularmente vulnerável a diferenças geracionais, sendo muito influenciada por mudanças culturais e educacionais (Zuckerman, 1994). McCrae e Costa (1988, cit. in Melo, 2009), constataram que, pese o facto de não ser típico assistir-se a mudanças significativas ao longo da idade adulta, uma das escalas que apresenta um declínio consistente, quer em estudos transversais, quer em longitudinais, é a abertura à experiência, escala relacionada com a Procura de Experiências.

Quanto às habilitações académicas, os indivíduos que abandonam precocemente o meio escolar tendem a apresentar maiores níveis de Procura de Sensações do que os que completam os ciclos académicos, confirmando que os indivíduos com altos níveis de Procura de Sensações apresentam maior risco de insucesso escolar (Zuckerman, 1994, cit. in Melo, 2009).

Analisando o nível sócio-económico, este factor parece ter maior relevância na Procura de Sensações em mulheres do que nos homens. Zuckerman (1994, cit. in Melo, 2009) constatou que em famílias com menor escolaridade e de nível sócio-económico mais baixo, a polarização adveniente do papel sexual, seria mais visível e tenderia a restringir as atitudes de Procura de Sensações nas mulheres, enquanto no campo oposto, tenderiam a encorajá-las.

Outro dos aspectos estudados foi a interligação da Procura de Sensações com a aprendizagem, tendo-se verificado que os “*sensation seekers*” apresentam mais capacidade de se concentrar numa tarefa ou num estímulo. O desempenho não é afectado na presença de estímulo distractivo ou de uma tarefa adicional, podendo até ser um mecanismo catalisador de aumento de rendimento. São, presumivelmente, mais capazes de alternar a atenção entre ambas as tarefas e apresentam um melhor desempenho em contextos variados que considerem estimulantes. Assim, Ball e Zuckerman (1992), bem como Martin (1986, cit. in Ball e Zuckerman, 1992) concluíram que os “*sensation seekers*” têm uma tendência para a estimulação e para a excitação, porque têm menor probabilidade de ficarem sobrecarregados por situações novas. Alguns estudos sobre a atenção selectiva

sugerem que os indivíduos que mais procuram sensações têm melhor atenção focalizada do que os que menos procuram.

Um estudo de Vasconcelos et al. (2008), que testou um modelo causal de avaliação de condutas anti-sociais, no qual foram abordados vários instrumentos de avaliação de personalidade, demonstrou que o traço de Procura de Sensações foi o que demonstrou ter um maior peso factorial do modelo, pois explica directamente as condutas anti-sociais.

Percebe-se, assim, a relevância dos traços de personalidade delineados e também o papel do traço procura de sensações, como constructo que pode contribuir para a compreensão das interações sociais, descrição e explicação dos comportamentos individuais, verificando-se a influência de tais constructos na explicação das condutas desviantes (Vasconcelos et al., 2008).

Por tudo isto aqui referido, pensa-se que esta investigação tem toda a pertinência, para analisar as diferenças de personalidade dos adolescentes que manifestam comportamentos desviantes, como forma de se poder antecipar condutas problemáticas futuras.

## **PARTE II – Investigação Empírica**

### **CAPÍTULO 3: Metodologia**

#### **3.1 Objectivo da investigação**

As condutas desviantes são consensualmente consideradas um problema multidimensional e os seus factores podem apresentar-se como os mais díspares possíveis. Pode mencionar-se a influência de factores estruturais, culturais, institucionais, políticos, económicos, sociais, históricos, psicológicos, biológicos, entre outros. Tal facto justifica a existência de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, interessados.

Assim, decidiu-se aqui verificar em que medida, especificamente, os traços de personalidade estão relacionados com os comportamentos anti-sociais num grupo de adolescentes e jovens.

#### **3.2 Porquê o estudo?**

A pertinência deste estudo encontra-se no facto de, tal como demonstramos pela revisão da literatura existente e até mesmo pelo senso comum, qualquer criança ou adolescente poder, em algum momento do seu desenvolvimento, praticar um acto susceptível de ser considerado como anti-social. Quase que se pode considerar como “normal” no seu processo de crescimento e maturidade. No entanto, a sua continuação para actos mais graves ou mais duradouros no tempo, pode depender, em muito, da forma como a sociedade em que está inserido lida com este tipo de questões e também das suas próprias características de personalidade. É exactamente esta última questão que este estudo pretende ajudar a perceber.

Para isso, optou-se por questionários administrados aos próprios adolescentes, em contraposição à utilização de dados estatísticos oficiais, devido às limitações dos mesmos já referidos anteriormente. Excluíram-se igualmente os questionários administrados aos professores e aos educadores (apesar da sua popularidade), primeiramente porque nem todo o comportamento anti-social é facilmente observado e, em segundo lugar, porque

essas acções são, a maior parte das vezes, desencadeadas por factores específicos da própria situação (Fonseca, 1992).

Assim, entendemos que estas limitações podiam ser ultrapassadas através do recurso a questionários que podem ser respondidos pelo próprio sujeito. Esta técnica tornou-se popular a partir dos anos sessenta, principalmente no estudo do crime encoberto e em estudos epidemiológicos, pois uma vez estabelecido um bom contacto inicial e garantida a confidencialidade das suas respostas, os inquiridos mostram-se disponíveis para, com verdade, revelarem os seus comportamentos anti-sociais (Fonseca, 1992; Fonseca & Simões, 2004; Wilson, 1986).

Os questionários de auto-avaliação (*self-reported*) apresentam uma grande flexibilidade na escolha de itens, são de fácil administração e permitem atingir diferentes tipos de comportamento anti-social não detectados por outros métodos, bem como fazer facilmente a sua distribuição por sexo, idade ou classe social (Fonseca, 1992; Wilson, 1986).

### **3.3 Procedimento**

O primeiro passo para a operacionalização deste estudo foi a elaboração de um Projecto de Tese, que foi remetido para a Comissão de Ética da UFP (Universidade Fernando Pessoa). A resposta a este projecto foi positiva, não obstante o facto de terem solicitado algumas modificações que foram realizadas.

De seguida, após a formalização do pedido de autorização por escrito para a realização do estudo e aplicação dos instrumentos à Direcção de uma Escola Básica com 2.º e 3.º ciclo e ainda a uma Escola Secundária com 3.º ciclo do Ensino Básico do grande Porto (anexo 1), enviou-se, através dos directores de turma, uma carta aos encarregados de educação dos alunos que se pretendiam que fizessem parte do estudo (anexo 2), que tiveram que devolver a respectiva autorização assinada, obtendo-se, assim, o consentimento informado dos seus representantes legais.

Assim, a aplicação dos instrumentos começou-se a fazer no 1.º período do ano lectivo 2010/2011, sendo prolongada até ao 2.º período.

Na aplicação na Escola Secundária, a Direcção exigiu que os questionários fossem aplicados em contexto de sala de aula pelos próprios directores de turma. Na E.B. 2/3 a administração foi realizada pela investigadora e, a cada grupo de alunos, foram explicados os objectivos do estudo e o seu carácter voluntário, anónimo e confidencial. Foi referido também, conforme as instruções das próprias escalas, para que não pensassem muito nas respostas e para escolherem a hipótese que, à primeira leitura, lhes parecesse a que melhor caracterizava aquilo que pensam e fazem ou fizeram.

### **3.4 Instrumentos utilizados**

Para a elaboração deste estudo foi utilizada uma ficha de informação sócio-demográfica; o *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ Júnior, de Eysenck, 1965), traduzido e adaptado por Fonseca e Eysenck (1989); uma adaptação do *Sensation Seeking Scale for Children* (SSSC) de Russo et al. (1991); e o *Cuestionario de Conductas Antisociales* (CCA) de Mirón (1990) traduzido e adaptado por Martins (2005), que juntos deram origem à bateria de questionários aplicados (Anexo 3).

#### **3.4.1 Ficha de informação sócio-demográfica**

Nesta ficha existem questões relativas à situação dos sujeitos, tanto a nível pessoal como escolar, de modo a recolher informação relevante para a investigação e para a caracterização da amostra.

#### **3.4.2 EPQ Júnior**

No que diz respeito aos questionários de personalidade disponíveis, actualmente os investigadores possuem um vasto número de medidas. Os testes de personalidade são

instrumentos de mensuração de características emocionais, de motivação, interpessoais e de comportamento, diferentes das habilidades (Anastasi, 1977).

Entre os que incidem sobre grandes dimensões ou traços de personalidade, destacam-se, entre outros, os questionários de Eysenck, pois estão assentes em teorias relevantes e abrangentes da personalidade, o que facilita a interpretação dos dados obtidos (Fonseca & Simões, 2004).

Através de um estudo feito por Fonseca e Eysenck (1989), conseguiu-se estandardizar o Questionário de Personalidade de Eysenck para crianças (EPQ Júnior – *Eysenck Personality Questionnaire*), proporcionando assim aos psicólogos portugueses um útil instrumento para investigação no domínio da personalidade e diferenças individuais, bem como na área da psicologia clínica.

O EPQ-Júnior é uma adaptação para crianças e adolescentes do Questionário de Personalidade de Eysenck para adultos, que, tal como esse, ao longo dos anos, tem sofrido várias alterações, podendo ser administrado a jovens com idades compreendidas entre os 7 e os 15 anos.

Na sua última versão da adaptação portuguesa, o EPQ Júnior contém 81 itens, pois alguns foram retirados e outros acrescentados, estando distribuídos por 4 escalas independentes: Extraversão/Introversão (20 itens, menos dois do que na versão inglesa), Neuroticismo/Estabilidade Emocional (25 itens, mais cinco do que a versão inglesa), Psicoticismo ou Rigidez de Pensamento (18 itens, menos dois do que na versão inglesa) e Escala de Sinceridade (Desiderabilidade Social) ou Mentira (18 itens, menos dois do que na versão inglesa).

Assim, valores elevados na escala de Extraversão, indicam um sujeito sociável, que gosta de festas, procura estar sempre com muitas pessoas à sua volta, é impulsivo nas suas decisões, é um optimista, mas também tem tendência para a agressividade, descontrola-se facilmente e, de forma geral, é uma pessoa incerta; valores baixos nessa mesma escala indicam sujeitos Introversos, ou seja, calmos, um pouco isolados e introspectivos, são reservados e distantes (excepto para amigos íntimos), planeiam antecipadamente as situações, gostam de ter uma vida regrada, são um pouco pessimistas, raramente se comportam de uma forma agressiva e os valores morais são muito importantes para eles.

Altos valores na escala de Neuroticismo (ou Emocionalidade) indicam indivíduos ansiosos, preocupados, caprichosos, que se aborrecem facilmente e, de uma forma geral, são pessoas irritáveis, nervosas, apreensivas e tensas. Uma pontuação elevada na escala de Psicoticismo (ou Rigidez de Pensamento) indicam pessoas frias, impessoais, hostis, agressivas, com poucos amigos, desconfiadas, rudes, incapazes de ajudar, gostam de coisas estranhas ou pouco habituais, são desprovidas de emoções e de sentimentos e sentem prazer em magoar os outros. Por fim, a Escala da Mentira, que foi introduzida inicialmente para verificar a tendência para dissimular e a desejabilidade social, tem revelado ser uma boa medida de ingenuidade e conformidade social (Eysenck & Eysenck, 1997; 2000).

Não obstante algumas limitações do questionário a nível psicométrico, este continua a ser amplamente utilizado em vários países, tanto para fins de investigação como para fins clínicos. A sua teoria com considerável valor heurístico é a principal razão para o sucesso do EPQ, em detrimento dos incontáveis questionários de personalidade existentes.

A sua utilidade tem sido principalmente reconhecida em estudos sobre a relação entre as dimensões da personalidade identificadas por Eysenck e variáveis como o condicionamento e aprendizagem, ansiedade, alcoolismo e consumo de drogas, reacção ao stress, sensibilidade ao castigo e ao prémio, delinquência e criminalidade (Fonseca, Eysenck & Simões, 1991), tal como no presente estudo.

### 3.4.3 SSSC

Para construir a *Sensation Seeking Scale for Children* (SSSC), Russo e os seus colaboradores (1991) inspiraram-se na *Sensation Seeking Scale*, original de Zuckerman. Para isso, retiraram itens desta escala que consideraram irrelevantes para crianças dos 7 anos 12 anos, nomeadamente itens sobre consumo de substâncias e actividade sexual.

Decidimos utilizar esta Escala de Procura de Sensações para Crianças, no original em inglês; como tal, foi pedida autorização à autora principal para a sua utilização, bem como as suas normas de cotação. De seguida, deu-se início a uma técnica conhecida por retroversão ou método inverso (Fortin, 1999), que consistiu em fazer a tradução do questionário para português, realizada por uma pessoa de origem portuguesa com vastos

conhecimentos de inglês (licenciatura em inglês, via ensino), versão depois fornecida a uma pessoa de nacionalidade inglesa, radicada há vários anos em Portugal, com o intuito de traduzir a escala novamente para a língua original, que teria que coincidir com o questionário fornecido pela autora, o que se veio a verificar.

Esta escala é composta por 52 itens, doze dos quais estão relacionados com actividades físicas de risco, para formar a subescala de Procura de Aventura e Emoção (TAS); sete itens dizem respeito a comportamentos de risco, que compõem a subescala de Atitudes relacionadas com Álcool e Drogas (DAA); e sete itens referem-se a comportamentos desinibidos socialmente, formando a subescala de Desinibição Social (SD). Para prevenir a tendência à concordância, o questionário contém um número equivalente de itens para cada uma das duas escolhas – A e B (Russo, Stokes, Lahey, Christ, McBurnett, Loeber, Stouthamer & Green, 1993).

Os estudos preliminares desta escala demonstraram que rapazes com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento têm resultados elevados na SSSC, não obstante, facilmente se encontrar na literatura estudos que demonstram a relação entre procura de sensações e comportamentos anti-sociais. Investigações mostram ainda que os rapazes tendem a procurar mais sensações que as raparigas.

#### **3.4.4 CCA**

O *Cuestionario de Conductas Antisociales* (Questionário de Conduta Anti-social) foi elaborado por Mirón (1990, cit. in Martins 2005), com o objectivo de avaliar, de modo eficaz, o comportamento desviante dos adolescentes.

A sua elaboração teve como causa principal a inexistência, até à data, em Espanha, de um questionário capaz de cobrir as áreas mais pertinentes das condutas delituosas de um modo satisfatório. Daí que, o primeiro passo levado a cabo por Mirón, foi realizar uma revisão profunda dos instrumentos existentes, com o intuito de seleccionar os aspectos mais relevantes de cada um deles.

Assim, Mirón agrupou 105 itens, relativos à conduta delituosa em 5 áreas conceptuais, dando origem a 5 subescalas, tendo em conta diferentes linhas de conduta, mais concretamente: Conduta Contra as Normas; Vandalismo; Roubo; Agressões Contra Pessoas; e Consumo de Drogas.

Estes itens foram postos à prova com uma amostra de delinquentes institucionalizados e, desta análise resultou que tivessem sido criados 29 novos itens. Chegou-se a 141 itens que constituíram o questionário de partida, apresentando cada item quatro possibilidades em termos de frequência de realização da acção, nomeadamente: nunca (0 vezes); poucas vezes (1 a 5 vezes); bastantes vezes (6 a 10 vezes); e, muito frequentemente (mais de 10 vezes).

Depois desta nova versão ter sido testada num estudo com uma amostra de adolescentes, todos eles do género masculino e pertencentes às classes sociais média e baixa, delinquentes e não delinquentes, a escala final ficou constituída por 82 itens devidamente agrupados em 5 dimensões: Conduta contra as normas (13 itens); Vandalismo (15 itens); Roubo (18 itens); Agressões contra pessoas (15 itens); e Consumo de drogas (21 itens).

Ainda de acordo com Miron, o instrumento construído possibilita a obtenção de informação relevante no domínio das condutas anti-sociais, tendo em linha de conta o facto de ser dirigido a adolescentes.

No que concerne à sua adaptação para a população portuguesa, Martins (2005) adaptou o instrumento de Miron às necessidades e características do seu estudo e às idiosincrasias da nossa população. Deste modo, e com o consentimento da autora, foram retirados alguns itens do questionário inicial e foi introduzido um novo item.

Feita a selecção em todas as dimensões da escala, ficaram em definitivo 51 itens na sua versão portuguesa, com os seguintes valores de Alpha de Cronbach.

<b>Dimensão</b>	<b>N.º de itens</b>	<b>Alpha de Cronbach</b>
Conduta contra as normas	14 Itens	.92
Vandalismo	7 Itens	.88
Roubo	13 Itens	.95
Agressão contra as pessoas	10 Itens	.89
Consumo de drogas	7 Itens	.87
<i>Escala total</i>	51 Itens	.98

Tabela 1: Número de itens e fiabilidade da Escala de Conduta Anti-social (Martins, 2005)

Tendo em conta os valores dos coeficientes Alpha de Cronbach, quer para a escala total quer para as diferentes dimensões (subescalas), podemos verificar que estes são bastante favoráveis, o que vem confirmar a boa fiabilidade e consistência interna da escala.

No mesmo sentido, Pestana e Gageiro (2008) consideram que um alfa superior a .90 é encarado como muito bom, entre .80 e .90 é bom, entre .70 e .80 é razoável, entre .60 e .70 é fraco e inferior a .60 é tido como inadmissível.

Assim, este instrumento foi seleccionado para a presente investigação em virtude das suas qualidades psicométricas e devido ao facto de, para além de cobrir perfeitamente todos os tipos de delinquência juvenil, ter sido utilizado com muito sucesso em outras investigações.

### **3.5 Hipóteses de investigação**

Tomando em consideração o objectivo geral deste estudo, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

**H<sub>1</sub>:** Espera-se que os adolescentes do sexo masculino apresentem mais comportamentos anti-sociais do que os do sexo feminino.

**H<sub>2</sub>:** Espera-se que os adolescentes mais velhos apresentem mais comportamentos anti-sociais do que os mais novos.

**H<sub>3</sub>:** Espera-se que os adolescentes com um maior número de reprovações apresentem mais comportamentos anti-sociais do que os que nunca reprovaram.

**H<sub>4</sub>:** Espera-se que os adolescentes que residem num meio urbano apresentem mais comportamentos anti-sociais do que os que residem num meio rural.

**H<sub>5</sub>:** Espera-se que os adolescentes que apresentam mais comportamentos anti-sociais obtenham pontuações diferentes nos traços de personalidade do que aqueles que apresentam menos.

**H<sub>6</sub>:** Espera-se que os adolescentes do sexo masculino obtenham pontuações diferentes nos traços de personalidade do que os do sexo feminino.

**H<sub>7</sub>:** Espera-se que os adolescentes mais velhos obtenham pontuações diferentes nos traços de personalidade do que os mais novos.

**H<sub>8</sub>:** Espera-se que os adolescentes que já reprovaram obtenham pontuações diferentes nos traços de personalidade do que os que nunca reprovaram.

## CAPÍTULO 4: Apresentação dos resultados

### 4.1 Caracterização da amostra

A amostra é constituída por alunos de ambos os sexos, que frequentam uma escola básica e uma escola secundária da área do grande Porto e que frequentam o segundo e terceiro ciclo do ensino básico, ou seja, o 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade.

Responderam a este questionário 356 jovens, sendo que a maioria destes encontra-se numa faixa etária compreendida entre os 10 e os 14 anos (94,9%), tal como demonstramos na tabela seguinte (Tabela 2).

		Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Idades</b>	9	1	.3
	10	76	21.3
	11	85	23.9
	12	54	15.2
	13	71	19.9
	14	51	14.3
	15	9	2.5
	16	4	1.1
	17	4	1.1
	<b>Total</b>	355	99.7
<b>Missing</b>		1	.3
<b>Total</b>		356	100.0

Tabela 2: Idades dos elementos da amostra

Da amostra recolhida, 45,8% são do sexo masculino (N = 163), enquanto 54,2% são do sexo feminino (N = 193).

No que diz respeito ao nível de escolaridade da amostra, podemos verificar (Tabela 3) que 47,7% encontram-se no segundo ciclo do ensino básico, sendo que a maior parcela

pertence ao 5.º ano de escolaridade (26,4%); enquanto os restantes 52,3% encontram-se a frequentar o terceiro ciclo do ensino básico.

		<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
		<b>(N)</b>	<b>(%)</b>
<b>Anos de Escolaridade</b>	5.º ano	94	26.4
	6.º ano	76	21.3
	7.º ano	63	17.7
	8.º ano	60	16.9
	9.º ano	63	17.7
<b>Total</b>		356	100.0

Tabela 3: Ano de escolaridade dos elementos da amostra

No que concerne ao número de retenções desta população, podemos inferir que a maior parte nunca reprovou (85,4%), ao contrário dos restantes (14,6%), que já reprovaram pelo menos uma vez no seu percurso escolar.

Quando apenas nos referimos aos 14,6% que já reprovaram, verificamos que o número máximo de vezes que os alunos da nossa amostra ficaram retidos é de três, sendo que a maioria (7,3%) apenas reprovou uma única vez.

Conseguimos ainda perceber que a maior parte dos sujeitos inquiridos vivem numa zona urbana (87,1%), em contraste com os que residem numa zona rural (12,4%). Entendemos que esta diferença de valores se deve ao facto de ambas as escolas se encontrarem numa área urbana, o que poderá justificar os dados registados.

## 4.2 Análise estatística

Uma vez recolhidos estes dados, os mesmos foram inseridos e processados numa base informatizada e analisados no programa de análise estatística: *Statistical Package for Social Science*, S.P.S.S., versão 17.0.

Posteriormente, para testar as oito hipóteses apresentadas, utilizaram-se as medidas de estatística paramétrica “T-test” e o “Coeficiente de Correlação de Pearson”.

### **4.3 Análise e discussão dos resultados**

Neste capítulo pretende-se apresentar e discutir os resultados referentes à análise estatística dos dados obtidos na amostra, de modo a ser possível apurar as suas implicações.

No entanto, antes de mais, não podemos continuar este estudo sem comprovar que a amostra recolhida para o efeito tem uma distribuição normal. Para tal, utilizou-se o teste “Kolmogorov-Smirnov”, cujo valor de significância foi de 0.936, o que significa que a distribuição da amostra assemelha-se a uma normal, visto que o seu nível de significância é superior a 0.05.

A primeira tarefa que realizamos foi a avaliação das qualidades psicométricas das escalas, nomeadamente da SSSC, pois, apesar do objectivo desta dissertação não ser fazer a aferição do questionário para a população portuguesa, no futuro pensamos que era importante realizá-lo.

No que diz respeito à análise factorial, é importante ter em consideração o número de componentes e a percentagem total da variância. Deste modo, através da análise factorial exploratória realizada aos dados do SSSC, verificou-se que tinha 3 componentes e 38.572% de variância.

De seguida, achou-se pertinente analisar a estatística descritiva das variáveis em estudo, situação que apenas foi realizada após a eliminação dos dados de dois questionários, cujos sujeitos responderam a todas as questões com a mesma resposta, o que poderia enviesar os dados, levando-nos à obtenção de ilações potencialmente erróneas sobre alguns assuntos. Os resultados podem ser conferidos na tabela seguinte.

	N	Amplitude	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
<b>CCA – Infracção às Normas</b>	345	0 – 52	0	23	1.76	3.517
<b>CCA – Vandalismo</b>	351	0 – 28	0	25	.75	2.298
<b>CCA – Roubo</b>	347	0 – 48	0	33	.61	2.585
<b>CCA – Agressão a Pessoas</b>	347	0 – 44	0	32	3.14	4.255
<b>CCA – Consumo e Tráfico de Drogas</b>	350	0 – 28	0	14	.28	1.336
<b>CCA – Total</b>	338	0 – 200	0	71	6.12	10.389

Tabela 4: Descritivos do Questionário de Conduta Anti-social

Tendo em linha de conta a pontuação máxima que se poderia obter neste questionário (200), a média dos adolescentes da nossa amostra no CCA é bastante baixa ( $M=6.12$ ;  $DP=10.389$ ). No entanto, não podemos esquecer que a amostra é constituída por adolescentes a frequentar a escola e não propriamente por delinquentes referenciados e/ou institucionalizados, logo os valores encontram-se dentro do esperado. Segundo Vasconcelos e colaboradores (2008), ter uma actividade regular de aprendizagem tem sido mencionado como um elemento que inibe as condutas desviantes, daí os valores residuais encontrados.

É ainda importante ressaltar o facto de os valores alcançados pela subescala Agressão a Pessoas (CCA) ser bastante superior ao das outras subescalas ( $M=3.14$ ;  $DP=4.255$ ) tendo em conta a sua amplitude (0 – 44), o que pode ser explicado pelo facto de ser relativamente “normal” para os jovens serem fisicamente violentos uns com os outros, bem como a proliferação e exposição de fenómenos como o *bullying*, que podem ajudar a banalizar este tipo de comportamentos.

Seguidamente, fizemos a análise estatística das hipóteses de investigação do presente estudo. Assim, começamos por querer verificar se os adolescentes do sexo masculino apresentavam mais comportamentos anti-sociais do que os do sexo feminino, tendo obtido os resultados que se encontram na Tabela 5.

	Sexo	N	Média	T	GI	Sig.
<b>CCA – Infracção às Normas</b>	Masculino	154	2.08	1.527	343	.128
	Feminino	191	1.50			
<b>CCA – Vandalismo</b>	Masculino	158	1.20	3.394	349	.001
	Feminino	193	.38			
<b>CCA – Roubo</b>	Masculino	155	.92	2.022	345	.044
	Feminino	192	.35			
<b>CCA – Agressão a Pessoas</b>	Masculino	158	4.20	4.345	345	.000
	Feminino	189	2.26			
<b>CCA – Consumo e Tráfico de Drogas</b>	Masculino	158	.40	1.474	348	.141
	Feminino	192	.19			
<b>CCA – Total</b>	Masculino	151	8.03	3.062	336	.002
	Feminino	187	4.59			

Tabela 5: Níveis de significância do sexo masculino e feminino relativamente ao CCA

Como se pode verificar, existem diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes do sexo feminino e os do sexo masculino no Questionário de Condutas Anti-Sociais ( $p$ -valor=.002), sendo que a média dos rapazes é muito superior ( $M=8.03$ ) à das raparigas ( $M=4.59$ ).

Mesmo no que diz respeito a algumas subescalas, podemos encontrar diferenças significativas, nomeadamente no que diz respeito ao Vandalismo ( $p=.001$ ), ao Roubo ( $p$ -valor=.044) e à Agressão a Pessoas ( $p$ -valor=.000), sendo que, em todas elas, a média dos indivíduos do sexo masculino encontra-se praticamente no dobro que os do sexo feminino.

Estes achados encontram-se de acordo com a literatura existente, pois praticamente todos os estudos consultados, quando referem diferenças entre sexos, assumem que, efectivamente, os rapazes envolvem-se mais em problemas e em comportamentos anti-sociais do que as raparigas (Formiga, Aguiar & Omar, 2008; Keenan & Shaw, 1997, Lahey et al., 2000, Moffitt et al., 2001, Tremblay et al., 1996, cit. in Lahey & Waldman, 2004; Patterson & Yoerger, 2002; Simões, Fonseca, Formosinho, Rebelo, Ferreira & Gregório, 2000; Vasconcelos et al., 2008).

Esta diferença entre homens e mulheres ocorre, em grande medida, devido aos factores envolvidos no processo de socialização, visto que as meninas são educadas para o diálogo, enquanto os meninos são educados para a acção (Vasconcelos et al., 2008). Não nos podemos esquecer que temos que ter consideração a manutenção de estereótipos estabelecidos nas relações interpessoais que orientam a conduta juvenil, traços de personalidade que garantem, em determinadas situações, o controlo, ou não, dessas experiências psicossociais, considerando o que é adequado para homem e para mulher (Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

No entanto, existem também os factores individuais que influenciam estes resultados. Tendo isto em consideração, Lahey & Waldman (2004) referiram, então, que estas diferenças entre sexos devem-se, sobretudo, aos níveis das componentes da predisposição para o comportamento anti-social, nomeando como exemplo o atraso relativo dos rapazes em termos do desenvolvimento médio da linguagem nos primeiros anos, defendendo que as raparigas são mais facilmente socializáveis, precisamente devido a esta maior facilidade no desenvolvimento da linguagem; bem como o facto de as raparigas mostrarem, desde a infância até à adolescência, níveis mais elevados de empatia e de culpa / remorso do que os rapazes das mesmas idades.

Ainda numa investigação sobre as relações entre duas dimensões da personalidade (emotividade negativa e constrangimento, avaliadas na adolescência) e diferenças de sexo nos problemas de comportamento, as diferenças de personalidade eram responsáveis, praticamente, por todas as diferenças relativas ao sexo.

Podemos, assim, confirmar totalmente a primeira hipótese deste estudo

No que diz respeito à segunda hipótese, esperávamos que os adolescentes mais velhos apresentassem mais comportamentos anti-sociais do que os mais novos, obtendo-se os números da Tabela 6.

	<b>Idade</b> <b>(Correlação de Pearson)</b>
<b>CCA – Infracção às Normas</b>	.315*
<b>CCA – Vandalismo</b>	.044
<b>CCA – Roubo</b>	.020
<b>CCA – Agressão a Pessoas</b>	.176*
<b>CCA – Consumo e Tráfico de Drogas</b>	.062
<b>CCA – Total</b>	.195*

\*  $p \leq 0.05$

Tabela 6: Correlação entre a idade e comportamentos anti-sociais

Analisando estes dados, verifica-se que a idade está correlacionada positivamente com os comportamentos anti-sociais ( $p$ -valor=.000), apesar de a Correlação de Pearson ser fraca. Também se infere que a idade está correlacionada positivamente com a subescala Agressão a Pessoas ( $p$ -valor=.001) e Infracção às Normas ( $p$ -valor=.000), sendo que a correlação desta última já tem uma força moderada.

Não obstante, como se referiu, a Correlação de Pearson é positiva, como tal, pode concluir-se que, na nossa amostra, os adolescentes mais velhos relatam efectivamente mais comportamentos anti-sociais do que os adolescentes mais jovens, podendo ainda afirmar-se que têm mais comportamentos de agressão a pessoas e infringem mais as normas.

De acordo com um estudo de Fonseca (1992), bem como Moffitt et al., 2001, Mayhew et al., 1993, e Reiss, 1995 (cit. in Rutter, 2004), os rapazes envolvem-se mais em comportamentos anti-sociais que as raparigas e o pico desse desenvolvimento situa-se, de forma geral, entre os 15 e os 18 anos, sendo que um início muito precoce é pouco comum, desenvolvendo-se gradualmente até aos 16 anos (Tornberry & Krohn, 2004). Segundo Vasconcelos et al. (2008), os jovens entre os 16 e os 20 anos (que se encontram em plena adolescência de acordo com a *World Health Organization*), estão num período em que têm uma alta probabilidade de querer experienciar coisas novas, procurar aventuras, realizar travessuras e romper as normas, o que faz com que, nesta fase de desenvolvimento, sejam

mais prováveis causadores ou vítimas de violência interpessoal, em comparação a indivíduos adultos (Vasconcelos et al., 2008).

Assim, demonstra-se que a literatura existente confirma os dados obtidos na nossa amostra e que vieram confirmar a nossa Hipótese 2.

No que concerne à hipótese seguinte, ela defende que os adolescentes com um maior número de reprovações apresentam mais comportamentos anti-sociais do que os que nunca reprovaram, obtendo-se os dados que se seguem (Tabela 7).

	Reprovações	n	Média	T	Gl	Sig.
<b>CCA – Infração às Normas</b>	Sim	46	4.28	5.446	343	.000
	Não	299	1.37			
<b>CCA – Vandalismo</b>	Sim	51	2.37	5.697	349	.000
	Não	300	.47			
<b>CCA – Roubo</b>	Sim	49	2.04	4.299	345	.000
	Não	298	.37			
<b>CCA – Agressão a Pessoas</b>	Sim	51	6.96	7.464	345	.000
	Não	296	2.49			
<b>CCA – Consumo e Tráfico de Drogas</b>	Sim	50	.86	3.347	348	.001
	Não	300	.19			
<b>CCA – Total</b>	Sim	44	14.39	5.936	336	.000
	Não	294	4.89			

Tabela 7: Níveis de significância do número de reprovações com o CCA

Através da análise destes valores podemos inferir que, de facto, existem diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes que já reprovaram e os que nunca reprovaram no que diz respeito aos comportamentos anti-sociais ( $p$ -valor=.000). A divergência entre as suas médias é enorme, tanto nas subescalas como na escala total. Estes dados são de realçar, principalmente porque o número de sujeitos que já ficou retido é bastante inferior ao dos adolescentes que nunca tiveram nenhuma retenção.

Porém, estes resultados já tinham sido referidos noutros estudos, e uma das explicações para este facto pode decorrer de várias investigações que demonstram que as reprovações, na maior parte das vezes, não contribuem para melhorar o desempenho académico, mas sim para aumentar os problemas de comportamento, sobretudo nos rapazes. Isto pode dever-se ao facto de, com as retenções, os jovens agressivos acabarem por ficar em turmas com colegas mais novos e mais fracos, o que, muito provavelmente, reforçará o seu comportamento anti-social devido à fácil submissão dos outros (Lahey & Waldman, 2004).

Deste modo, muitos dos adolescentes que ficam retidos apresentam comportamentos desviantes, mesmo em contexto escolar, confirmando-se, assim, a Hipótese 3.

A hipótese que se segue postula que os adolescentes que residem num meio urbano apresentam mais comportamentos anti-sociais do que os que residem num meio rural. Após a respectiva análise estatística obtiveram-se os dados da Tabela seguinte.

	<b>Residência</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>T</b>	<b>GI</b>	<b>Sig.</b>
<b>CCA – Infração às Normas</b>	Urbano	303	1.82	1.007	341	.315
	Rural	40	1.23			
<b>CCA – Vandalismo</b>	Urbano	307	.69	-1.384	347	.167
	Rural	42	1.21			
<b>CCA – Roubo</b>	Urbano	306	.54	-1.396	343	.164
	Rural	39	1.15			
<b>CCA – Agressão a Pessoas</b>	Urbano	304	3.13	-1.266	343	.791
	Rural	41	3.32			
<b>CCA – Consumo e Tráfico de Drogas</b>	Urbano	308	.26	-1.082	346	.280
	Rural	40	.50			
<b>CCA – Total</b>	Urbano	298	6.27	.679	334	.498
	Rural	38	5.05			

Tabela 8: Níveis de significância do lugar de residência com o CCA

Segundo Szabo (1960, cit. in Born, 2005), a delinquência é um fenómeno maioritariamente urbano, devido a uma série de factores, nomeadamente à sua densidade populacional, à sua estrutura económica e política, à sua estrutura familiar e à sua coesão social.

A Escola de Chicago (Born, 2005) também examinou as relações existentes entre urbanização e delinquência, pondo em evidência a importância do espaço como factor explicativo de comportamentos sociais, pois, segundo estes, a delinquência é mais elevada nas cidades devido à desorganização do tecido social. Com efeito, quando a densidade populacional (número de habitantes por km<sup>2</sup>) aumenta e a heterogeneidade ganha terreno, as relações primárias são corrompidas e os indivíduos têm estatutos flutuantes no seio de grupos diferenciados, a instabilidade e a insegurança tornam-se a norma e já não há coesão em nenhuma forma de organização, devido à rotação rápida dos indivíduos e dos próprios grupos.

Esta explicação da heterogeneidade e os mecanismos históricos de transformação urbana como algumas das causas do aparecimento dos problemas sociais, levou-nos à formulação da nossa hipótese, no entanto, verifica-se que isto não acontece na nossa amostra, uma vez que as diferenças não são estatisticamente significativas.

Este resultado, por um lado, pode dever-se ao facto de, actualmente, as áreas rurais cada vez se parecerem mais com as urbanas, nomeadamente no que diz respeito aos serviços disponíveis, o que pode levar a que esta questão da urbanidade enquanto influente da condutas anti-sociais se torne um dogma do passado, tendo em conta que estudos recentes já não encontrem uma relação tão linear entre estas duas variáveis, como encontravam nos anos 60.

Por outro lado, este resultado negativo também se pode dever à discrepância do número de jovens que disse ser do meio urbano ( $n=310$ ) e do meio rural ( $n=44$ ), o que nos leva a rejeitar por completo a hipótese 4.

Esta diferença de N pode também ser alvo de uma tentativa de explicação. Em primeiro lugar, como já referido, temos o facto de ambas as escolas onde foi recolhida a amostra se encontrarem num meio urbano e serem poucas as crianças que se deslocam de longe para lá; por outro, há que considerar que algumas podem não ter uma perfeita noção

do que significam os termos “rural” e “urbano”, tal como foi presenciado pela investigadora, principalmente nas turmas de 5.º e 6.º anos.

De uma forma geral, podemos então concluir que, na nossa amostra, são os adolescentes mais velhos, do sexo masculino e que já reprovaram pelo menos uma vez no seu percurso escolar, que admitem ter realizado mais comportamentos anti-sociais.

Depois de verificarmos as características sócio-demográficas que estão relacionadas com problemas de conduta, será interessante verificarmos agora que características de personalidade as influenciam.

Foi exactamente a essa questão que tentamos responder ao formular a hipótese 5, que espera que os adolescentes que apresentam mais comportamentos anti-sociais demonstrem pontuações diferentes nos traços de personalidade do que aqueles que apresentam menos. Os dados provenientes da análise estatística podem analisar-se de seguida na Tabela 9.

	SSSC			SSSC Total	EPQ júnior			
	Procura de Aventura e Emoção	Procura de Álcool e Droga	Desinibição Social		Psicoticismo	Extraversão	Neuroticismo	Mentira
<b>CCA Infracção às Normas</b>	.215*	.499*	.375*	.401*	.449*	.129*	.152*	-.372*
<b>CCA Vandalismo</b>	.162*	.365*	.261*	.312*	.352*	.062	.114*	-.267*
<b>CCA Roubo</b>	.113*	.267*	.175*	.202*	.302*	.050	.136*	-.160*
<b>CCA Agressão a Pessoas</b>	.249*	.487*	.407*	.442*	.548*	.063	.190*	-.491*
<b>CCA – Consumo e Tráfico de Drogas</b>	.073	.181*	.034	.079	.229*	.071	.124*	-.081
<b>CCA – Total</b>	.210*	.459*	.359*	.390*	.469*	.095	.158*	-.387*

\*  $p \leq 0.05$

Tabela 9: Correlação entre comportamentos anti-sociais e características de personalidade

Com estes resultados podemos retirar bastantes conclusões. À primeira vista, o facto que se destaca é que praticamente todos os valores são estatisticamente significativos, nomeadamente o que relaciona a escala total do CCA (Questionário de Conduta Anti-Social) com dois dos três traços do EPQ (Questionário de Personalidade de Eysenck) e ainda com o SSSC (Escala de Procura de Sensações para Crianças) e todas as suas subescalas, em que se encontra uma relação positiva significativa fraca ou moderada.

Começando pelo CCA, podemos verificar que os adolescentes que infringem as normas, são aqueles que procuram mais sensações ( $p\text{-valor}=.000$ ), têm valores elevados de Psicoticismo ( $p\text{-valor}=.000$ ), Extraversão ( $p\text{-valor}=.020$ ) e de Neuroticismo ( $p\text{-valor}=.008$ ). Obtêm ainda uma correlação positiva com as subescalas do SSSC, principalmente com a Procura de Álcool de Drogas ( $p\text{-valor}=.000$ ). Não obstante, estes mesmos adolescentes têm uma correlação negativa moderada ( $p\text{-valor}=.000$ ) com a mentira, ou seja, os adolescentes que admitem infringir mais as normas são os que mentem menos.

No que concerne às subescalas de Vandalismo, Roubo e Agressão a Pessoas do CCA, estas encontram-se correlacionadas positivamente com a SSSC e as suas subescalas e com os traços de Psicoticismo e Neuroticismo do EPQ-Júnior. A subescala de Agressão a Pessoas é a que possui os valores mais elevados de correlação com todos os outros itens (excepto Extraversão), sobressaindo o traço de Psicoticismo ( $p\text{-valor}=.000$ ), talvez pelas características individuais destas pessoas.

Analisando agora os dados do EPQ-Júnior, no que diz respeito ao Psicoticismo podemos verificar que correlação é moderada com todas as subescalas do CCA, excepto com a de Consumo e Tráfico de Drogas, que é fraca ( $p\text{-valor}=.000$ ). De acordo com Caspi, Henry, McGee, Moffitt & Silva, 1995, Gjone & Stevenson, 1997 (cit. in DiLalla & DiLalla, 2004), bem como Eysenck (1977, 1985, cit. in Eysenck, 1994), os adolescentes que possuem um maior grau de Extraversão (vindo daí a sua impulsividade), um maior grau de Neuroticismo (instabilidade emocional) e um maior grau de Psicoticismo (que levaria a uma postura de isolamento social e insensibilidade emocional), demonstram mais comportamentos anti-sociais.

É também importante referir que a única correlação estatisticamente significativa da Extraversão dá-se com a subescala Infracção às Normas do CCA ( $p\text{-valor}=.020$ ), o que pode ser explicado com o facto de os adolescentes Extravertidos poderem infringir as normas como forma de adequação social, ou seja, tentam quebrar o socialmente correcto e as regras estabelecidas para serem reconhecidos e acolhidos pelos seus pares. Para além disso, o mesmo já tinha acontecido no estudo de Vasconcelos et al. (2008) e num estudo de Haapasalo (1990, cit. in Romero, Sobral & Luengo, 1999), em que este aplicou o EPQ a adultos institucionalizados devido aos seus comportamentos delinquentes e a um grupo de controlo. A comparação da média dos grupos indicou que os institucionalizados superaram os outros na dimensão de Psicoticismo e Neuroticismo, mas mostram um nível menor de Extraversão, o que, de certa forma, coincide com os nossos resultados, mas que vai contra aquilo que Eysenck defendia, ou seja, que existia uma relação positiva entre a dimensão Extraversão e as condutas anti-sociais (Eysenck, 1964, cit. in Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Outro dado igualmente interessante, é o facto de Escala de Mentira do EPQ-Júnior estar correlacionada negativamente com o CCA e todas as suas subescalas, excepto a de Consumo e Tráfico de Drogas, cuja diferença não foi estatisticamente significativa. Para além disso, as correlações têm uma força média com o CCA ( $p\text{-valor}=.000$ ) e com a subescala de Infracção às Normas ( $p\text{-valor}=.000$ ) e de Agressão a Pessoas ( $p\text{-valor}=.000$ ). Pensa-se que isto talvez aconteça porque os adolescentes que têm mais comportamentos de vandalismo, roubo e agressão são os que têm menor necessidade de mentir, quem sabe por já terem sido apanhados e não se importarem com a reacção dos outros, ou mesmo porque é exactamente essa a imagem que querem passar para os outros. Pfromm Neto (1979, cit. in Vasconcelos, et al. 2008) defende que muitas das transgressões dos adolescentes são, por vezes, uma ameaça à sociedade, porém, estas são frequentemente estimuladas e consideradas necessárias para que o sujeito se sinta integrado no seu grupo. Além disso, este tipo de comportamentos anti-sociais, na maioria das vezes, atende à desejabilidade social, a partir da qual o sujeito procura parecer melhor para os outros, descrevendo-se como gostaria que fosse descrito por quem o observa, justamente porque a sua auto-imagem exigida se deve a uma co-dependência dos “papéis” sociais representados individualmente. Estes dados da dimensão da Mentira, podem ainda significar que podem existir mais comportamentos anti-sociais do que aqueles que foram relatados, uma vez os

que os que não admitem a realização de comportamentos anti-sociais são os que tiveram pontuações mais altas nesta subescala, talvez por terem uma percepção mais forte do que é socialmente correcto.

No que diz respeito à Procura de Sensações, Greene, Kermar, Walters, Rubin e Hale (2000, cit. in Vasconcelos et al., 2008), observaram que os factores de procura de sensações estão directamente correlacionados com um conjunto de comportamentos anti-sociais, como por exemplo fumar, ter práticas sexuais arriscadas, usar drogas, delinquência, usar bebidas alcoólicas e conduzir bêbado em adultos. Isto também foi descrito por Russo e seus colaboradores (1991), que encontraram essa tendência em adolescentes, da mesma forma que acontece neste estudo, em que a Procura de Sensações está correlacionada moderadamente com os comportamentos anti-sociais ( $p$ -valor=.000).

Também as subescalas Desinibição Social e Procura de Aventura e Emoções do SSSC estão positivamente correlacionadas com o CCA e os seus componentes, exceptuando com o Consumo e Tráfico de Drogas; enquanto a Procura de Álcool e Drogas está correlacionada, na íntegra, com o CCA.

Estes resultados confirmam o que Zuckerman defende, pois para ele, os grandes “*sensation seekers*” têm algo de anti-social, o que faz com que os seus comportamentos se baseiem na sua própria vontade, em vez de terem em atenção as convenções sociais ou as vontades de outrem. Para além disso, eles são não-conformistas e valorizam situações de risco (Vasconcelos et al., 2008). Um estudo de Formiga, Aguiar e Omar (2008) mostrou ainda que, quanto maior a investida das pessoas na procura de sensações, maior a probabilidade de apresentarem condutas anti-sociais.

De uma forma secundária, tentamos também perceber se existia correlação entre o EPQ júnior e as suas dimensões com o SSSC e as suas subescalas, apresentando na Tabela 10 os resultados.

	<b>(Correlação de Pearson)</b>			
	<b>SSSC Total</b>	<b>SSSC – Procura de Aventura e Emoção</b>	<b>SSSC – Procura de Álcool e Drogas</b>	<b>SSSC – Desinibição social</b>
<b>EPQ – Psicoticismo</b>	.457*	.209*	.598*	.440*
<b>EPQ – Extraversão</b>	.484*	.544*	.132*	.344*
<b>EPQ – Neuroticismo</b>	.069	-.084	.166*	.212*
<b>EPQ – Mentira</b>	-.442*	-.191*	-.487*	-.503*

\*  $p \leq 0.05$

Tabela 10: Correlação entre as dimensões do EPQ Júnior e as subescalas do SSSC

Como se pode facilmente verificar, todas as subescalas do SSSC se correlacionam com o EPQ Júnior, excepto a dimensão Neuroticismo que não o faz com a Procura de Emoção e Aventura nem a classificação total do SSSC.

Não fomos, contudo, os primeiros a encontrar estes dados, pois já Eysenck e Zuckerman (1978), e Zuckerman (1971) tinham referido que a Extraversão estaria relacionada com o traço “Procura de Sensações”, devido ao facto de este traço poder ser explicado através de factores bioquímicos, que determinam a forma como o cérebro reage à estimulação do ambiente, possuindo associações firmes e consistentes com a idade, género e até perturbações psicológicas, tal como já tínhamos exposto na revisão bibliográfica elaborada. Eysenck (1957, 1967, cit. in Melo, 2009), sustentou ainda que os Extravertidos, por necessitarem de elevados níveis de estimulação, que não é usualmente proporcionada por rotinas ambientais, tendem a ser os que mais procuram sensações. Tal como se consegue verificar, o mesmo acontece na nossa amostra e esta dimensão até é a que possui uma correlação mais forte com a Procura de Aventura e Emoção ( $p$ -valor=.000) e o total da SSSC ( $p$ -valor=.000). Pelo contrário, os Introversos inclinam-se para a redução de sensações, pelo que Farley (1976, cit. in Melo, 2009) constatou que aqueles que

possuem um baixo nível de Procura de Sensações tendem a evitar a excitação excessiva, para assim reduzirem ou manterem um nível óptimo de funcionamento efectivo.

Assim, segundo vários autores, a Procura de Sensações possui uma correlação positiva com o Psicoticismo (Eysenck & Zuckerman, 1978,) com a impulsividade (Zuckerman, 1971; Zuckerman & Link, 1968) e com a hipomania (Zuckerman, 1971).

Já no que diz respeito ao Neuroticismo, as pessoas que apresentam uma alta pontuação neste traço são, geralmente, ansiosas, tensas e emotivas, tendo uma alta probabilidade de apresentarem problemas na sua auto-estima. Este traço põe em destaque os afectos negativos dos sujeitos, os quais incluem tristeza, irritabilidade e tensão nervosa. Daí, não se poder verificar nesta amostra a sua relevância para explicar as condutas em questão, pois, muitas vezes, as pessoas, por apresentarem estas características, tendem a evitar riscos para não ficarem ansiosas (Eysenck & Zuckerman, 1978; Vasconcelo, et al., 2008).

No entanto, isto contraria os argumentos de Eysenck que defendiam que o Neuroticismo actuava como um mecanismo que ampliava e potenciava as tendências de comportamento de um sujeito. Assim, um grau elevado de Neuroticismo conduziria a que um Extravertido visse fortalecido os seus hábitos comportamentais (Eysenck, 1964, cit. in Romero, Sobral & Luengo, 1999).

Um último dado a reter, é o facto de a Escala de Mentira do EPQ Júnior se encontrar negativamente correlacionada com a dimensão Procura de Sensações ( $p$ -valor=.000), e todas as suas subescalas, ou seja, os adolescentes que mais procuram sensações são os que mentem menos, tal como já tinha acontecido na investigação de Eysenck e Zuckerman (1978). Uma das possíveis leituras retiradas destes dados é que os adolescentes que assumem este tipo de comportamentos não sentem necessidade de os encobrir ou esconder, enquanto muitos dos que não assumem nenhum deste tipo de comportamento estão a omitir, por terem uma noção muito forte do que é socialmente correcto e desejável para os pais e restante comunidade.

Assim sendo, e como se pode reparar pelos dados encontrados, bem como pelos vários autores mencionados na fundamentação teórica, os sujeitos que executam comportamentos anti-sociais têm processos internos diferentes das outras pessoas, que, em

nenhum momento da sua vida, têm uma atitude susceptível de ser integrada nesta categoria, tendo, portanto, pontuações mais elevadas nos traços de personalidade, confirmando-se assim a hipótese 5.

De uma maneira geral, conclui-se que na nossa amostra, os jovens que admitem realizar mais comportamentos anti-sociais são os têm traços mais elevados de Psicoticismo, Neuroticismo e de Procura de Sensações. Isto parece coerente com o facto de os adolescentes com comportamentos anti-sociais terem dificuldades em inibir certos tipos de condutas, o que pode ser relacionado com as dimensões de personalidade, que se crê que reflectem diferenças individuais de funcionamento de área específicas do cérebro (Fonseca & Yule, 1995).

Este achado levou-nos a formular a Hipótese 6, que espera que os adolescentes do sexo masculino obtenham pontuações nos diferentes traços de personalidade do que os do sexo feminino. Os resultados obtidos a partir da análise estatística estão presentes nas Tabelas 11 e 12.

	Sexo	N	Média	T	GI	Sig.
<b>EPQ – Psicoticismo</b>	Masculino	151	3.25	2.444	326	.015
	Feminino	177	2.55			
<b>EPQ – Extraversão</b>	Masculino	152	16.64	1.459	329	.145
	Feminino	179	16.16			
<b>EPQ – Neuroticismo</b>	Masculino	144	10.17	-3.463	307	.001
	Feminino	165	12.21			
<b>EPQ – Mentira</b>	Masculino	146	9.73	-1.813	318	.071
	Feminino	174	10.62			

Tabela 11: Níveis de significância do género com o EPQ júnior

	Sexo	N	Média	T	Gl	Sig.
SSSC – Procura de Aventura e Emoção	Masculino	157	7.82	5.688	337	.000
	Feminino	182	6.01			
SSSC – Procura de Álcool e Droga	Masculino	160	1.52	2.448	344	.015
	Feminino	186	1.09			
SSSC – Desinibição Social	Masculino	148	3.20	1.557	322	.120
	Feminino	176	2.87			
SSSC – Total	Masculino	144	12.56	4.272	308	.000
	Feminino	166	10.10			

Tabela 12: Níveis de significância do género com o SSSC

Tal como se pode verificar nos dados obtidos, existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões de Psicoticismo ( $p=.015$ ) e Neuroticismo ( $p=.001$ ) entre os adolescentes do género feminino e o masculino. Podemos ainda analisar que os rapazes possuem pontuações mais elevadas de Psicoticismo ( $M=3.25$ ) do que as raparigas ( $M=2.55$ ); e, ao invés, as raparigas apresentam valores mais elevados de Neuroticismo ( $M=12.21$ ) do que os rapazes ( $M=10.17$ ). No que concerne à Extraversão e à escala de Mentira, as diferenças não foram significativas.

Diferentes investigadores apontam a possibilidade de as super-dimensões se associarem com a conduta anti-social em função do género, no entanto, a maior parte dos estudos juntam os dados dos dois, ou então têm amostras apenas constituídas por elementos do sexo masculino (Romero, Sobral & Luengo, 1999). Ainda assim, segundo Zuckerman (1991), as raparigas mostram mais consistência em medidas de passividade-dependência e os rapazes a nível de agressividade, o que vai de encontro com os dados obtidos, uma vez que estas características pertencem às dimensões citadas, ou seja, a passividade-dependência pode ser considerada um traço do Neuroticismo, enquanto a agressividade é distintiva do Psicoticismo.

Também Eysenck e Eysenck (2000) tinham referido que a agressividade e a hostilidade, dois dos principais componentes da variável Psicoticismo, são

tradicionalmente características dos rapazes, e, conseqüentemente, há que esperar que os rapazes obtenham pontuações superiores à das mulheres nessa dimensão. Ainda os mesmos autores defenderam que os rapazes costumam obter pontuações mais elevadas em Extraversão, Psicoticismo e Mentira, e as raparigas em Neuroticismo, o que, exceptuando a subescala de Mentira (que é mais saliente nas raparigas), também se encontra traduzido na nossa amostra.

No que concerne à Procura de Sensações, verifica-se que há diferenças estatisticamente significativas entre raparigas e rapazes ( $p=.000$ ), sendo que os rapazes apresentam uma média superior ( $M=12.46$ ) à das raparigas ( $M=10.10$ ), o que também é apoiado pelas teorias existentes na literatura, que dizem que, relativamente às diferenças individuais, o sexo é a variável que se relaciona mais profundamente com a Procura de Sensações, apresentando o sexo masculino níveis mais elevados (Romero, Sobral & Luengo, 1999; Russo et al., 1991; 1993; Zuckerman, 1971; Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978).

Para além disso, deduz-se ainda que os rapazes se destacam também nas escalas de Procura de Aventura e Emoção ( $M$  dos rapazes=7.82;  $M$  das raparigas=6.01) e ainda em Atitudes de Procura de Álcool e Drogas ( $M$  dos rapazes=1.52;  $M$  das raparigas=1.09), tal como no estudo de Formiga, Aguiar e Omar (2008), em que os homens apresentaram uma média superior à das mulheres em relação à procura de intensidade, bem como de novidade. Estes resultados assemelham-se aos encontrados por Omar e Uribe (1998, cit. in Formiga, Aguiar e Omar, 2008), que também observaram que os homens apresentaram médias superiores à das mulheres nas dimensões da Procura de Sensações.

Zuckerman (1994, cit. in Melo, 2009) defendia uma das explicações para este fenómeno seria o nível sócio-económico, que parecia ter uma relevância mais alta na Procura de Sensações em mulheres do que nos homens. O autor constatou que, em famílias com menor escolaridade e de nível sócio-económico mais baixo, a polarização adveniente do papel sexual seria mais visível e tenderia a restringir as atitudes de Procura de Sensações nas mulheres, enquanto no campo oposto, tenderiam a encorajá-las. Os resultados originaram a aceitação total da hipótese 6.

De acordo com a nossa penúltima hipótese, esperávamos que os adolescentes mais velhos apresentassem pontuações diferentes dos traços de personalidade do que os mais novos.

	<b>Idade</b> <b>(Correlação de Pearson)</b>
<b>SSSC – Procura de Aventura e Emoção</b>	.164*
<b>SSSC – Procura de Álcool e Droga</b>	.336*
<b>SSSC – Desinibição Social</b>	.307*
<b>SSSC – Total</b>	.324*
<b>EPQ – Psicoticismo</b>	.212*
<b>EPQ – Extraversão</b>	-.018
<b>EPQ – Neuroticismo</b>	.125*
<b>EPQ – Mentira</b>	-.393*

\*  $p \leq 0.05$

Tabela 13: Correlação entre a idade e as características de personalidade

Demonstra-se assim que, neste estudo, a idade dos sujeitos está relacionada com todos os traços de personalidade aqui elencados, com exceção de um, a Extraversão. Para além disso, como a Correlação de Pearson é positiva com a maior parte destes, podemos inclusivamente afirmar que os adolescentes mais velhos são os que procuram mais sensações ( $p$ -valor=.000), aventura e emoções ( $p$ -valor=.002), os que têm mais atitudes de procura de álcool e drogas ( $p$ -valor=.000), são mais socialmente desinibidos ( $p$ -valor=.000), mais psicóticos ( $p$ -valor=.000) e neuróticos ( $p$ -valor=.028), apesar de as correlações serem, na sua maioria, fracas. Todos estes achados encontram-se de acordo com a literatura existente.

Quanto à Procura de Sensações, Steinberg e colaboradores (2008) constataram nos estudos transversais que este traço tem um aumento desde a infância, alcançando o seu pico na adolescência e início da idade adulta, diminuindo gradualmente a partir dessa altura, facto de já tinha sido defendido por Romero, Sobral e Luengo (1999), Russo e colaboradores (1993) e Zuckerman (1971).

No que diz respeito às dimensões de Personalidade de Eysenck em adultos, existem estudos que demonstram que as pontuações descem, geralmente, com o aumento da idade (Eysenck & Eysenck, 2000), mas quando se observa apenas os dados do EPQ Júnior consegue identificar-se um aumento em Neuroticismo, Extraversão e Psicoticismo, sendo de referir que na escala de Mentira o acréscimo é ainda mais saliente.

Assim, um outro dado interessante está relacionado com a escala de Mentira do EPQ Júnior, pois como a Correlação de Pearson é negativa ( $p\text{-valor}=.000$ ), podemos afirmar que os jovens mais velhos são os que mentem menos. Este dado também foi encontrado por Eysenck e Eysenck (2000), que afirmaram que os coeficientes da escala de Mentira costumam ser maiores no EPQ Júnior do que no questionário para adultos; para além de que em crianças, as pontuações da subescala de Mentira aumentam com a idade, ao contrário dos adultos em que diminuem com o passar dos anos (Eysenck & Eysenck, 2000). Isto pode dever-se ao facto dos jovens terem tendência para dissimular mais (no sentido de aceitação das normas sociais mencionadas neste instrumento), sobretudo os mais novos. Mas, não está claro se isto sugere que os mais novos são menos sinceros que os mais velhos, ou que, simplesmente, são mais originais e não são tão capazes de fazer uma introspecção deles próprios.

Tendo em conta todos os pontos referidos, aceitamos totalmente a Hipótese 7.

A última hipótese da nossa investigação espera que os adolescentes que já reprovaram apresentem pontuações diferentes dos traços de Personalidade relativamente aos que nunca reprovaram.

	<b>Reprovações</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>T</b>	<b>GI</b>	<b>Sig.</b>
<b>EPQ – Mentira</b>	Sim	44	7.93	-3.767	318	.000
	Não	276	10.58			
<b>EPQ – Neuroticismo</b>	Sim	40	12.05	1.017	307	.310
	Não	269	11.14			
<b>EPQ – Extraversão</b>	Sim	46	15.87	-1.252	329	.211
	Não	285	16.47			
<b>EPQ – Psicoticismo</b>	Sim	46	4.65	5.264	326	.000
	Não	282	2.58			
<b>SSSC – Total</b>	Sim	44	13.82	3.630	308	.000
	Não	266	10.82			
<b>SSSC – Desinibição Social</b>	Sim	46	3.85	3.269	322	.001
	Não	278	2.88			
<b>SSSC – Procura de Álcool e Drogas</b>	Sim	52	2.65	6.904	344	.000
	Não	294	1.04			
<b>SSSC – Procura de Aventura e Emoção</b>	Sim	50	7.28	1.083	337	.279
	Não	289	6.77			

Tabela 14: Níveis de significância do número de reprovações com o EPQ Júnior e o SSSC

Tal como podemos observar, o número de reprovações está relacionado com a Procura de Sensações ( $p$ -valor=.000), nomeadamente com a Desinibição Social ( $p$ -valor=.001), com Atitudes de Procura de Álcool e Drogas ( $p$ -valor=.000); bem como com a escala de Psicoticismo ( $p$ -valor=.000) e de Mentira ( $p$ -valor=.000) do EPQ Júnior. Isto significa que os adolescentes que já reprovaram têm mais características de Psicoticismo e mais atitudes de Procura de Sensações, nomeadamente são mais socialmente desinibidos e procuram mais álcool e drogas, o que está de acordo com o que se pensou anteriormente na formulação da hipótese, uma vez que esses mesmos comportamentos podem ser alguns dos motivos que levam às retenções.

Além disso, Zuckerman (1994, cit. in Melo, 2009) já havia referido que indivíduos que abandonam precocemente o meio escolar, tendem a apresentar maiores níveis de Procura de Sensações do que os que completam os ciclos académicos, confirmando que os

indivíduos com altos níveis de Procura de Sensações apresentam maior risco de insucesso escolar. No entanto, isto não significa que aprendem menos ou com mais dificuldade que os que não têm este traço tão saliente, pois verificou-se que os “*sensation seekers*” apresentam mais capacidade de se concentrarem numa tarefa ou num estímulo e o seu desempenho não é afectado com a presença de outro estímulo distractivo ou de uma tarefa adicional. Assim, são presumivelmente mais capazes de alternar a atenção entre ambas as tarefas e apresentam um melhor desempenho em contextos variados que considerem estimulantes. Bjork-Akesson (1990, cit. in Melo, 2009) concluiu que os “*sensation seekers*” têm tendência para a estimulação e para a excitação, porque têm menor probabilidade de ficarem sobrecarregados por situações novas. Alguns estudos sobre a atenção selectiva sugerem, por seu turno, que os indivíduos que mais procuram sensações têm melhor atenção focalizada do que os que demonstram menos procura (Ball & Zuckerman, 1992, Martin, 1986, cit. in Melo, 2009). Considerando este último aspecto, o que pode acontecer é que a escola não os estimula o suficiente para que eles se mantenham motivados na mesma e, se esta encontrasse forma de lhes proporcionar experiências novas e intensas, que eles tanto procuram, poderiam tornar-se os seus melhores alunos.

No que diz respeito ao EPQ Júnior, os autores Eysenck e Eysenck (2000) defendiam que os jovens que obtêm melhores classificações escolares são os que apresentam resultados mais altos em Extraversão, o que não se veio a verificar na nossa amostra, apesar de a média ser efectivamente superior.

A escala de Mentira revela ainda uma particularidade interessante, que é o facto de, segundo os nossos dados, os adolescentes que já reprovaram mentirem menos ( $M=7.93$ ) do que os que nunca reprovaram ( $M=10.58$ ). Isto pode dever-se ao facto de os que nunca reprovaram terem mais consciência das normas sociais de conduta e, como tal, tentam omitir certas questões; e até o facto de os adolescentes que já reprovaram terem a ideia que não têm tanto a perder como os restantes.

Estes dados levam-nos a aceitar a hipótese 8.

De uma forma geral, conseguimos então concluir que nos jovens da nossa amostra existem características de Personalidade diferentes, através das quais os conseguimos

categorizar. Assim, são os rapazes mais velhos, que já reprovaram pelo menos uma vez, que apresentam mais características de Psicoticismo e de Procura de Sensações. E, se nos recordamos das primeiras conclusões, são exactamente essas categorias que admitem realizar mais comportamentos anti-sociais, sendo também os mesmos que possuem as pontuações mais baixas na escala de Mentira.

A transição da adolescência para a idade adulta é uma fase particularmente crítica do desenvolvimento, no que concerne à aquisição e desempenho de papéis adultos de forma bem sucedida. Este período muitas vezes envolve experimentação, bem como novas atitudes e comportamentos, muitos dos quais podem entrar em conflito com a sociedade tradicional e serem vistos como problemáticos (Newcomb & McGee, 1991). Porém, e felizmente, esta fase transitória não passa disso mesmo, e muitos dos adolescentes problemáticos que temos, tornam-se adultos bem ajustados, membros activos da comunidade onde residem.

## **CAPÍTULO 5: Considerações Finais: limitações do estudo e indicações para futuras pesquisas**

Parece plausível falar num aumento exponencial de fenómenos violentos e delinquentes na sociedade, e isso tem sido focado constantemente pelos órgãos de comunicação social. Diferentes jornais e programas televisivos apresentam, quase diariamente, variadas formas de condutas violentas e anti-sociais, como tal, estudar os seus antecedentes deveria ser prioritário, pois permitiria, por exemplo, desenvolver políticas e delinear programas de prevenção e controlo de alguns problemas sérios que estão relacionados com a adolescência.

É necessário prestar maior atenção às dimensões biológicas do temperamento e Personalidade. Para além do seu valor explicativo e do seu interesse teórico, algumas dessas variáveis podem constituir o alvo de programas de intervenção destinadas a reduzir o risco de iniciação ou persistência no comportamento delincente ou no crime (Fonseca, 2004).

Como exemplo de programas de intervenção para a delinquência e violência nas escolas, existem já alguns que poderiam ser utilizados, como por exemplo: programa de intervenção em meio escolar, o FAST (*Family and School Together*); programa destinado à prevenção da violência (*Bullyng*) na escola (Fonseca, Rebelo, Simões & Ferreira, 1995); programa de prevenção de consumo de drogas e de comportamentos anti-sociais nos jovens, uma proposta de intervenção em meio escolar (Negreiros, 2000); Tremblay, LeMarquand e Vitaro (2000) fizeram uma análise de 20 estudos de prevenção de comportamentos anti-sociais (com: aleatorização, pré-teste, pós-teste e grupo de controlo); treino de capacidade de reciprocidade (Barrett, 2000); terapia multissistémica (Henggeler, 2002); anos incríveis: programa de treino (Webster-Stratton, 2002). No entanto, quantos destes programas incidem em controlar, por exemplo, a Impulsividade e a Procura de Sensações, aspectos já comprovadamente influenciadores dos comportamentos anti-sociais?

Outra questão prende-se com a utilização efectiva deste tipo de programas, que muitas vezes não passam da teoria para a prática, a não ser que se esteja a estudar a eficácia dos mesmos. Como tal, seria bastante benéfico, por exemplo, um estudo com as

mesmas variáveis entre um grupo de jovens institucionalizados e não institucionalizados; a avaliação da dinâmica familiar destes jovens, comparando as práticas parentais mais permissivas ou as mais rígidas; e, um estudo sobre a Procura de Sensações e a predição do comportamento entre pais e filhos. Seria também útil, estudos longitudinais que permitissem descobrir o interesse real das dimensões que estruturam o sistema de personalidade de Eysenck, para a predição de uma futura delinquência, pois é uma via de investigação que poderia clarificar algumas dúvidas que hoje preocupam tanto os investigadores como os governos. No que diz respeito à Procura de Sensações, era interessante estudar mais aprofundadamente a relação deste traço com problemas de conduta, bem como obter dados referentes a raparigas.

Torna-se ainda premente referir que alguns comportamentos do questionário de comportamentos anti-sociais (CCA) encontram-se bastante generalizados na população normal (particularmente no ensino básico e secundário), o que parece contradizer os postulados de diversas teorias (teorias da tensão social e da subcultura delinquente), segundo as quais o comportamento anti-social seria uma característica quase exclusiva das classes sociais mais desfavorecidas.

Enquanto, na sua maioria, os comportamentos referidos neste questionário são bastante triviais, isolados e passageiros e podem representar alguns comportamentos próprios da idade, como querer experienciar coisas ou situações novas, há alguns que são de uma certa gravidade, mesmo ocorrendo raramente. Assim, futuros estudos deviam ser orientados para a identificação daqueles jovens que estão em maior risco de enveredar por uma carreira delinquente (Fonseca, 1992), pois dados de certas investigações sugerem que tais comportamentos em crianças ou pré-adolescentes podem constituir um bom indicador de delinquência juvenil ou outras formas de inadaptação social (Loeber & Loeber, 1987, Van Kammen et al., 1991, cit. in Fonseca, 1992).

Fazendo uma reflexão acerca das limitações deste estudo empírico, é importante assumir que existem uma série de variáveis que poderão ter influenciado este estudo e que não foram contempladas nele.

No que diz respeito aos questionários utilizados na presente investigação, pode referir-se que o método de auto-preenchimento apresenta algumas limitações,

nomeadamente o facto de muitas das respostas poderem ser largamente influenciadas pela deseabilidade social dos sujeitos e pelo receio de serem apanhados (Fonseca & Simões, 2004; Fonseca, Simões, Rebelo & Ferreira, 1995), situação que possivelmente aconteceu neste estudo, não obstante, um dos questionários utilizados (EPQ-Júnior) possuir uma escala que visou controlar exactamente este facto.

Pode também referir-se que o mesmo continha algumas palavras demasiado complexas para alunos do 2.º ciclo. É de notar ainda, que o número de itens que constituem estes questionários, por mais largo que seja, nunca recobre a totalidade dos comportamentos anti-sociais que ocorrem numa determinada comunidade. Ainda para mais, o facto de a sua aplicação ter ocorrido em contexto escolar dificulta a inclusão na amostra de indivíduos com problemas mais graves, pois estes tendem a faltar com mais frequência às aulas ou a abandonar precocemente a escola e, por isso, nem sempre são abrangidos pela investigação (Fonseca & Simões, 2004).

No entanto, diversos estudos sobre estas medidas demonstram que estes são bons preditores de subsequentes comparências em tribunal e/ou futuras carreiras delinquentes (Shapland, 1978, West & Farrington, 1973, Eysenck & Gudjonsson, 1989, cit. in Fonseca, 1992), apesar de ser aceite que, para se ter uma imagem mais completa dos problemas de um indivíduo, é necessário recolher informações de várias fontes (institucionais, os educadores, os professores e o próprio sujeito) (Fonseca, et al. 1995).

No que concerne à amostra, podemos referir o facto de esta ter sido recolhida em apenas duas escolas, de uma determinada área geográfica, onde as características do meio podem também influenciar os dados.

Finalmente, cabe destacar a necessidade de novos estudos que abordem a temática em questão. Neste sentido, é importante considerar outras variáveis apontadas pela literatura como úteis à análise deste fenómeno, no qual, cada vez mais, estão envolvidos crianças, adolescentes, jovens e adultos, atingindo diversas classes sociais e níveis de escolaridade.

## CONCLUSÃO

A atenção dispensada por parte dos especialistas das diversas áreas científicas quanto à explicação sobre o comportamento violento entre jovens, tem procurado compreender o porquê de, nos últimos anos, termos assistido a um aumento na expressão de condutas desviantes; isto é, aquelas que tangenciam as normas sociais e humanas, as quais, em geral, são causadoras de danos leves ou graves (por exemplo, formas de organização social que os jovens adoptam, a criação de jogos de diversão violentos, balbúrdias em festas, vandalismo, consumo de álcool e tabaco, etc.) à sociedade. Tal fenómeno vem tendo como base explicativa a estrutura ou traços de Personalidade (Formiga & Gouveia, 2005).

Possivelmente todos os jovens praticam ou já praticaram algum tipo de conduta anti-social, o que faz parte do seu comportamento e pode ser entendido como um desafio aos padrões tradicionais da sociedade, pondo em evidência as normas da geração dos seus pais e dos seus avós, destacando-se o quanto estes adolescentes têm investido em comportamentos impulsivos à procura de novas experiências. Porém, não há, necessariamente, problemas na manifestação desses comportamentos, pois essa busca faz parte da interacção entre eles, como condição do desenvolvimento social. O problema surge quando tais experiências são vividas indiscriminadamente, tornando-se reveladores de condutas tangenciadoras das normas e da organização social, sem um limite e tendendo ao risco pessoal e social. Não obstante, quando eles são inibidos, nomeadamente através de uma prática parental mais autoritária ou exigente, existe uma grande possibilidade de que não se converta numa conduta delitativa (Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

Porém, tanto a influência dos meios de comunicação social em geral, quanto a dos familiares, que incentivam os jovens a viver intensamente a relação e o envolvimento com as pessoas, experimentando ou procurando experimentar situações novas, como forma de valorização e preparação para a vida, estas, por sua vez, camufladas no discurso do amadurecimento psicológico e social, imbuído numa espécie de rito de passagem, provavelmente permitiram a estes jovens a construção e a manutenção de repertórios das condutas de risco.

No que diz respeito ao conhecimento científico sobre estes aspectos, paralelamente, pode ser observada a contribuição dos constructos da Personalidade na explicação das condutas anti-sociais, pois estas não têm o seu foco unicamente no sujeito e na organização dos traços de Personalidade, mas também no facto de essas condutas serem salientadas e influenciadas a partir da socialização e da forma como, por exemplo, os traços da procura de sensações estão enraizados.

Assim, a variação na Procura de Sensações é capaz de predizer os comportamentos, quando se leva em consideração as disposições individuais. Quanto maior a predisposição para a Procura de Sensações, maior pode ser a probabilidade de o jovem apresentar comportamentos anti-sociais, mas isto pode também não ser assim tão rígido, pois Lin e Tsai (2002, cit. in Vasconcelos et al., 2008) encontraram no seu estudo que tanto comportamentos de risco socialmente aceitáveis (como é o caso de pára-quedismo e actividades de mergulho), quanto os não aceitáveis (por exemplo conduzir bêbado e usar drogas), estão directamente relacionadas com altas pontuações em Procura de Sensações. A diferença encontra-se então na forma como estes jovens canalizam esta vontade de procurar sensações novas e intensas, se para comportamentos positivos ou para condutas negativas, tal como defende Arnett (1994, cit. in Formiga, Aguiar & Omar, 2008).

Se encaminharmos estes jovens para actividades alternativas onde eles possam extravasar e satisfazer as suas necessidades de estimulação, pode ser que os comportamentos anti-sociais a que assistimos diariamente cometidos por jovens, sofram um decréscimo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allsopp, J.F. (1986). Criminalidade e Delinquência. In Eysenck, H. J., Wilson, G. D. (Eds.), *Manual de psicologia humana* (pp. 341-356). Coimbra: Almedina.
- American Psychiatric Association (2002). *DSM-IV-TR: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (4.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Anastasi, A. (1977). *Testes psicológicos*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, Ltda.
- Ball, S.A., & Zuckerman, M. (1992). Sensation seeking and selective attention: Focused and divided attention on a dichotic listening task. *Journal of personality and social psychology*, 63 (5), 825-831.
- Barrett, P. (2000). Treino de capacidades de reciprocidade no tratamento dos distúrbios de comportamento de expressão exteriorizada na infância: um estudo preliminar. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXXIV (1, 2 e 3), 585-614.
- Berger, K.S. (2003). *O desenvolvimento da pessoa: Da infância à terceira idade*. (5.<sup>a</sup> ed.). (Trad. Dalton Conde de Alencar). Rio de Janeiro: LTC. (1983).
- Bernaud, J.L. (1998). *Métodos de avaliação da personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. (Trad. Maria do Rosário Paiva Boléo). Lisboa: Climepsi.
- Caballo, V.E., & Simón, M.A. (2005). *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: Transtornos específicos*. (Trad. Sandra M. Dolinsky). São Paulo: Santos Editora.
- DiLalla, L.F., & DiLalla, D.L. (2004). Genética do comportamento e conduta anti-social: perspectivas desenvolvimentistas. In A. C. Fonseca (Ed.). *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 323-359). Coimbra: Almedina.

- Eysenck, H.J. (1965). *Fact and fiction in psychology*. Harmondsworth / Middlesex: Penguin Books, Lda.
- Eysenck, H.J. (1987). Arousal and personality: the origins of a theory. In H. J. Eysenk & J. Strelau (Eds.), *Personality dimensions and arousal* (pp. 1-13). New York: Plenum Press.
- Eysenck, H.J., & Eysenck, S.B.G. (1997). *EPQ-R: Cuestionario revisado de personalidad de Eysenck*. Madrid: TEA Ediciones.
- Eysenck, H.J., & Eysenck, S.B.G. (2000). *EPQ - A y J: Cuestionario de personalidad para niños y adultos*. Madrid: TEA Ediciones.
- Eysenck, H.J., & Wilson, G. (1976). *Know your own personality*. Harmondsworth / Middlesex: Penguin Books, Lda.
- Eysenck, S.B., & Zuckerman, M. (1978). The relationship between sensation-seeking and Eysenck's dimensions of personality. *British Journal of Psychology*, 69, 4, 483-487.
- Eysenck, M.W. (1987). Trait theories of anxiety. In H. J. Eysenk & J. Strelau (Eds.), *Personality dimensions and arousal* (pp. 79-97). New York: Plenum Press.
- Eysenck, M.W. (1994). *Individual differences: Normal and abnormal*. East Sussex: Lawrence Erlbaum Associates Ltd.
- Gammer, C., & Cabié, M.C. (1999). *Adolescência e crise familiar*. Lisboa: Climepsi. (1992).
- Guerra, J.C. (Ed.). (1994). *Enciclopédia da Psicologia Infantil e Juvenil: Vol. 2. Adolescência*. Lisboa: Lusodidacta.
- Farrington, D.P. (2004). O Estudo de Desenvolvimento da Delinquência de Cambridge: principais resultados dos primeiros 40 anos. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 73-132). Coimbra: Almedina.

- Figueiredo, A.L., Silva, C.L., & Ferreira, V.S. (1999). *Jovens em Portugal: Análise longitudinal de fontes estatísticas, 1960 – 1997*. Oeiras: Celta editora.
- Fonseca, A.C. (1992). Comportamentos anti-sociais no ensino básico: resultados dum questionário preenchido pelos próprios alunos (self-report). *Revista portuguesa de pedagogia*, XXVI (2), 279-300.
- Fonseca, A.C. (2000). Comportamentos anti-sociais: uma introdução. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXXIV (1, 2 e 3), 9-36.
- Fonseca, A.C. (2004). *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta*. Coimbra: Almedina
- Fonseca, A.C. (2004). Diferenças individuais no desenvolvimento do comportamento anti-social: o contributo dos estudos longitudinais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 413-461). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A.C., & Eysenck, S.B.G. (1989). Estudo Intercultural da Personalidade: comparação de crianças portuguesas e inglesas no EPQ-Júnior. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXIII (3), 323-345.
- Fonseca, A.C., Eysenck, S.B., & Simões, A. (1991). Um estudo intercultural da personalidade: comparação de adultos portugueses e ingleses no EPQ. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXV (2), 187-203.
- Fonseca, A.C. Rebelo, J.A., Simões A. & Ferreira, J.A. (1995). A prevenção da delinquência juvenil: intervenções baseadas na escola. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXIX (1), 135-164.
- Fonseca, A.C., Simões, A., Rebelo, J.A. & Ferreira, J.A. (1995). Comportamentos anti-sociais no ensino básico: as dimensões do problema. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXIX (1), 85-105.

- Fonseca, A.C., Simões, A., Rebelo, J.A., Ferreira, J.A. & Yule, W. (1995). Distúrbios do comportamento em crianças e adolescentes: estado actual da questão. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXIX (1), 5-33.
- Fonseca, A.C., & Simões, M.C.T. (2004). Comportamento anti-social: técnicas e instrumentos de avaliação. In Fonseca, A. C. (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 39-72). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A.C. & Yule, W. (1995). Personality and antisocial behaviour in children and adolescents: An enquiry into Eysenck's and Gray's theories. *Journal of abnormal Child Psychology*, 23 (6), 767-781.
- Formiga, N.S., Aguiar, M., & Omar, A. (2008). Busca de sensações e condutas anti-sociais e delitivas em jovens. *Psicologia ciência e profissão*, 28 (4), 668-681.
- Formiga, N.S., & Gouveia, V.V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Psicologia: Teoria e prática*, 7 (2), 134-170.
- Fortin, M.F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. (Trad. Nídia Salgueiro). (3.<sup>a</sup> ed.). Loures: Lusociência.
- Gonçalves, R.A. (2002). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. (2.<sup>a</sup> ed.). Coimbra: Quarteto.
- Gullotta, T.P., Adams, G.R., & Montemayor, R. (1998). *Delinquency violent youth: theory and interventions*. Thousand Oaks: Sage publications.
- Hall, C.S., & Lindzey, G. (1978). *Theories of Personality*. (3.<sup>a</sup> ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Hall, C.S., Lindzey, G., & Campbell, J.B. (1998). *Teorias da Personalidade*. (4.<sup>a</sup> ed.) (Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese). São Paulo: Artmed.
- Hansenne, M. (2005). *Psicologia da personalidade*. (Trad. João Galamba de Almeida). Lisboa: Climepsi.

- Hawkins, J.D. (1996). *Delinquency and crime: current theories*. New York: Cambridge University Press.
- Henggeler, S.W. (1989). *Delinquency in adolescence*. Newbury Park: Sage publications.
- Henggeler, S.W. (2002). Terapia multissistémica: uma visão geral dos procedimentos clínicos, dos resultados, das pesquisas em curso e das implicações políticas. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família: Uma abordagem científica*. (pp. 397-418). Coimbra: Almedina.
- Joseph, J. (2004). Estará o crime nos genes? Revisão crítica de estudos de gémeos e de adoptados. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 361-411). Coimbra: Almedina.
- Kadzin, A.E., & Buela-Casal, G. (2005). *Conduta anti-social: Avaliação, tratamento e prevenção na infância e na adolescência*. (Trad. Jorge Ávila de Lima). Amadora: McGraw-Hill.
- Kagan, J. (2004). Comportamento anti-social: contributos culturais, vivenciais e temperamentais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 1-10). Coimbra: Almedina.
- Kratcoski, P.C., & Kratcoski, L.D. (1990). *Juvenile delinquency*. (3.<sup>a</sup> ed.) New Jersey: Prentice-Hall.
- Lahey, B.B., & Waldman, I.D. (2004). Predisposição para problemas do comportamento na infância e na adolescência: análise de um modelo desenvolvimentista. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 161-214). Coimbra: Almedina.
- Lerner, R.M., & Steinberger, L. (2004). *Handbook of adolescent psychology*. (2.<sup>a</sup> ed.). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lykken, D.T. (1995). *The antisocial personalities*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- Manita, C. (1997). *Personalidade e acção em consumidores de droga e delinquentes*. (Vol. 8). Ministério da Justiça: Gabinete de planeamento e de coordenação do combate à droga.
- Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia*. (Trad. Fernanda Fonseca e Rita Rocha). Lisboa: Climepsi
- Martins, J.M. (2005). *Violência e maus-tratos em contextos de socialização e delinquência juvenil*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Melo, A.M. (2009). *Traços de personalidade e percepção de stress em elementos da G.N.R. que participaram em missões internacionais de paz no território de Timor-leste*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto / Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Moffitt, T.E., & Caspi, A. (2000). Comportamento anti-social persistente ao longo da vida e comportamento anti-social limitado à adolescência: seus preditores e suas etiologias. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXXIV (1, 2 e 3), 65-106.
- Negreiros, J. (2000). Prevenção do consumo de drogas e de comportamentos anti-sociais nos jovens: uma proposta de intervenção em meio escolar. *Revista portuguesa de pedagogia*, XXXIV (1, 2 e 3), 445-468.
- Newcomb, M.D., & McGee, L. (1991). Influence of sensation seeking on general deviance and specific problem behaviors from adolescence to young adulthood. *Journal of personality and social psychology*, 61 (4), 614-628.
- Nias, D.K.B. (1986). Variedades do Comportamento Anormal. In H. J. Eysenck, & G. D. Wilson (Eds.), *Manual de psicologia humana* (pp. 321-337). Coimbra: Almedina.
- Patterson, G.R., & Yoerger, K. (2002). Um modelo desenvolvimental da delinquência de início tardio. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família: Uma abordagem científica*. (pp. 93-155). Coimbra: Almedina.

- Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Pimentel, A.M.F. (2001). *Acção social na reinserção social*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Quay, H.C. (1987). *Handbook of juvenile delinquency*. New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Revelle, W., Anderson, K.J., & Humphreys, M.S. (1987). Empirical tests and theoretical extensions of arousal-based theories of personality. In H. J. Eysenk & J. Strelau (Eds.), *Personality dimensions and arousal* (pp. 17-36). New York: Plenum Press.
- Romero, E., Sobral, J., & Luengo M.A. (1999). *Personalidad y delincuencia: entre la biología y la sociedad*. Grupo Editorial Universitario.
- Rua, F. (2006). *A avaliação da personalidade em contexto penal: (Des)comunicações criminológicas entre o direito e psicologia*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Russo, M.F., Lahey, B.B., Christ, M.A.G., Frick, P.J., McBurnett, K., Walker, J.L., Loeber, L., Stouthamer-Loeber, M., & Green, S. (1991). Preliminary Development of a Sensation Seeking Scale for Children. *Journal of personality and individual differences*, 12 (5), 399-405.
- Russo, M.F., Stokes, G.S., Lahey, B.B., Christ, M.A.G., McBurnett, K.L., Loeber, L., Stouthamer-Loeber, M., & Green, S. (1993). A Sensation Seeking Scale for Children: further refinement and psychometric development. *Journal of psychopathology and behavioral assessment*, 15 (2), 69-86.
- Rutter, M. (2004). Dos indicadores de risco aos mecanismos de causalidade: análise de alguns percursos cruciais. In: A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 11-38). Coimbra: Almedina.
- Santrock, J.W. (2003). *Adolescência*. (8.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: LTC.

- Simões, A., Fonseca, A.C., Formosinho, M.D., Rebelo, J.A., Ferreira, G.A. & Gregório, M.H. (2000). Diferenças de género no comportamento anti-social e nos problemas emocionais: dados transversais e longitudinais. *Revista portuguesa de pedagogia*. Ano XXXIV, (n.º 1, 2 e 3), pp (107-130).
- Sprinthall, N.A., & Collins, W.A. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentalista*. (3.ª ed.). (Trad. Cristina Maria Coimbra Vieira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (1988).
- Steinberg, L., Albert, D., Cauffman, E., Banich, M., Graham, S., & Woolard, J. (2008). Age differences in sensation seeking and impulsivity as indexed by behavior and self-report: Evidence for a dual systems model. *Developmental psychology*, 44 (6), 1764-1778.
- Tavares, L.B. (2010). *Estilos cognitivos, traços de personalidade e reincidência criminal*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Porto: FPCEUP.
- Tornberry, T.P., & Krohn, M.D. (2004). O desenvolvimento da delinquência: uma perspectiva interaccionista. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 133-160). Coimbra: Almedina.
- Tremblay, R.E., LeMarquand, D., & Vitaro, F. (2000). A prevenção do comportamento anti-social. *Revista portuguesa de pedagogia*. Ano XXXIV, (n.º 1, 2 e 3), pp (491-553).
- Vasconcelos, T.C., Gouveia, V.V., Pimentel, C.E., & Pessoa, V.S. (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal. *Estudos de psicologia*, 25 (1), 55-65.
- Webster-Stratton, C. (2002). Anos incríveis – séries de treino para pais, professores e crianças: programas de prevenção e intervenção precoce. In A. C. Fonseca, (Ed.), *Comportamento anti-social e família: Uma abordagem científica*. (pp. 419-474). Coimbra: Almedina.
- Wilson, G.D. (1986). Personalidade. In: Eysenck, H. J., Wilson (Ed.), G. D. *Manual de psicologia humana*. Coimbra: Livraria Almedina (pp. 181-200).

World Health Organization (1992). *The ICD-10 classification of mental and behavioural disorders: diagnostic criteria for rechearch*. Geneva: Author.

Zuckerman, M. (1971). Dimensions of sensation seeking. *Journal of consulting and clinical psychology*, 36 (1), 45-52.

Zuckerman, M. (1987). A critical look at three arousal constructs in personality theories: optimal levels of arousal, strength of the nervous system, and sensitivities to signals of reward and punishment. In H. J. Eysenk & J. Strelau (Eds.), *Personality dimensions and arousal* (pp. 217-231). New York: Plenum Press.

Zuckerman, M. (1991). *Psychobiology of personality*. New York: Cambridge University Press.

Zuckerman, M. (1995). Good and bad humors: Biochemical bases of personality and its disorders. *Psychological science*, 6 (6), 325-332.

Zuckerman, M., Bone, R.N., Neary, R., Mangelsdorff, D., & Brustman, B. (1972). What is the sensation seeker? Personality trait and experience correlates of the sensation-seeking scales. *Journal of consulting and clinical psychological*, 39 (2), 308-321.

Zuckerman, M., Eysenck, S., & Eysenck, H.J. (1978). Sensation seeking in England and America: Cross-cultural, age, and sex comparisons. *Journal of consulting and clinical psychology*, 46 (1), 139-149.

Zuckerman, M., Kolin, E.A., Price, L., & Zoob, I. (1964). Development of a sensation-seeking scale. *Journal of consulting psychology*, 28 (6), 477-482.

Zuckerman, M., & Link, K. (1968). Construct validity for the sensation-seeking scale. *Journal of consulting and clinical psychology*, 32 (4), 420-426.

## **ANEXOS**

**Anexo 1**

**Declaração de consentimento da Escola**

## Investigação

Exmo. Director da Escola Secundária com 3.º ciclo do Ensino Básico de [REDACTED]:

O meu nome é Liliana Bessa e sou aluna do Mestrado em Psicologia Jurídica da Universidade Fernando Pessoa, com a orientação da Professora Doutora Ana Sacau, docente desta instituição.

O meu projecto de investigação e Dissertação de Mestrado tem como objectivo verificar se os adolescentes que relatam comportamentos desviantes apresentam características de personalidade diferentes dos que não relatam.

Para esta análise será utilizado um questionário sócio-demográfico e três inventários que avaliam a variável em questão. Naturalmente que os questionários serão respondidos de forma anónima e será preservada e respeitada a confidencialidade no tratamento da informação recolhida.

Neste sentido, gostaria que me concedesse a autorização para a realização da investigação na Instituição que preside, preenchendo e assinando o documento em anexo, para usufruir, não só das instalações da mesma, bem como da disponibilização dos alunos dos diferentes anos de escolaridade que estudam nesta escola.

Saliento, ainda, que será facultado um exemplar da referida Dissertação à Instituição de Ensino que dirige e que me encontro disponível para qualquer esclarecimento adicional através de [REDACTED] e/ou [REDACTED].

Agradeço desde já a sua colaboração.

Atenciosamente

Liliana Bessa

## Declaração de Consentimento

Eu, abaixo assinado, \_\_\_\_\_,  
Director da Escola Secundária com 3.º ciclo do Ensino Básico de [REDACTED], compreendi a  
explicação que me foi fornecida acerca do estudo, tomei conhecimento dos objectivos e  
métodos previstos, percebendo que será preservado o anonimato e confidencialidade dos  
alunos, e autorizo que Liliana Alexandra Sousa Bessa, aluna do Mestrado em Psicologia  
Jurídica da Universidade Fernando Pessoa, possa realizar a sua investigação nas  
instalações da mesma.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
(Localidade) (Dia) (Mês) (Ano)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

**Anexo 2**

**Declaração de consentimento dos Encarregados de Educação**

## Investigação

Exmo(a). Encarregado(a) de Educação:

O meu nome é Liliana Bessa e sou aluna do Mestrado em Psicologia Jurídica da Universidade Fernando Pessoa.

A elaboração do meu projecto de investigação e Dissertação de Mestrado tem como objectivo verificar se adolescentes que relatam comportamentos desviantes apresentam características de personalidade diferentes dos que não relatam.

Para esta análise será utilizado um questionário sócio-demográfico e três inventários que avaliam a variável em questão. Naturalmente que os questionários serão respondidos de forma anónima e será preservada e respeitada a confidencialidade no tratamento da informação recolhida.

Neste sentido, gostaria que me concedesse a autorização para a participação do(a) seu(sua) educando(a), preenchendo e assinando o documento em anexo.

Saliento, ainda, que será facultado um exemplar da referida Dissertação à Instituição de Ensino do seu(sua) educando(a) e que me encontro disponível para qualquer esclarecimento adicional.

Agradeço desde já a sua colaboração!  
Liliana Bessa

---

## Declaração de Consentimento

Eu, abaixo assinado, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, Encarregado(a) de Educação do(a) aluno (a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo, tomei conhecimento dos objectivos e métodos previstos, percebendo que será preservado o anonimato e confidencialidade dos alunos, e autorizo que o(a) meu(minha) educando(a) participe na investigação.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
(Localidade) (Dia) (Mês) (Ano)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

### **Anexo 3**

## **Bateria de Questionários aplicados**

**Este questionário faz parte de um projecto de investigação no âmbito do Mestrado de Psicologia Jurídica da Universidade Fernando Pessoa.**

**É muito importante que respondas a todas as questões e de forma verdadeira, pois não existem respostas certas ou erradas. As respostas são anónimas e confidenciais.**

As perguntas seguintes estão relacionadas com a tua situação escolar e familiar.

**1. Idade:** \_\_\_\_\_

**2. Sexo:** Masculino  Feminino

**3. Ano de escolaridade:** 5.º ano  6.º ano  7.º ano   
8.º ano  9.º ano

**4. Alguma vez reprovaste:** Sim  Não

**5. Se sim, quantas vezes?** \_\_\_\_\_

**6. Se sim, em que ano(s)?** \_\_\_\_\_

**7. Onde é que vives?**

Zona urbana

Zona rural

**Por favor responde a cada pergunta fazendo um círculo à volta do «SIM» ou do «NÃO» que se segue a cada pergunta. Não há respostas certas ou erradas, nem perguntas com rasteiras. Trabalha depressa, sem pensar demasiado no significado exacto de cada pergunta<sup>1</sup>:**

<b>8.</b>	Gostas de muita animação à tua volta? .....	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
-----------	---	------------	------------

<sup>1</sup> Traduzido e adaptado de EPQ-Júnior (Fonseca & Eysenck, 1989)

9.	Mudas facilmente de humor? .....	SIM	NÃO
10.	Gostas de fazer mal às pessoas de quem gostas? .....	SIM	NÃO
11.	Aborreces-te com muita facilidade? .....	SIM	NÃO
12.	Tens o hábito de te divertires com piadas que podem realmente magoar os outros? .....	SIM	NÃO
13.	Fazes sempre imediatamente o que te pedem? .....	SIM	NÃO
14.	Às vezes pensas em coisas que não te deixam dormir? .....	SIM	NÃO
15.	Na escola fazes sempre o que te mandam? .....	SIM	NÃO
16.	Gostarias que as outras crianças tivessem medo de ti? .....	SIM	NÃO
17.	És uma pessoa cheia de energia? .....	SIM	NÃO
18.	Há muitas coisas que te aborrecem? .....	SIM	NÃO
19.	Gostarias de abrir e cortar animais numa aula de Biologia? .....	SIM	NÃO
20.	Sentes-te às vezes triste e infeliz sem razão? .....	SIM	NÃO
21.	Às vezes gostas de tratar mal os animais? .....	SIM	NÃO
22.	Já alguma vez fizeste de conta que não ouvias quando te chamavam? ..	SIM	NÃO
23.	Gostarias de explorar um velho castelo assombrado? .....	SIM	NÃO
24.	Achas frequentemente que a vida é muito monótona? .....	SIM	NÃO
25.	Achas que és mais desordeiro(a) e embirrento(a) do que os outros? ...	SIM	NÃO
26.	Acabas sempre os teus deveres antes de ires brincar? .....	SIM	NÃO
27.	Gostas de agir com rapidez? .....	SIM	NÃO
28.	Preocupas-te com coisas horríveis que poderiam acontecer? .....	SIM	NÃO
29.	Quando ouves outras crianças dizer palavrões manda-las calar? .....	SIM	NÃO
30.	Consegues organizar e animar uma festa? .....	SIM	NÃO
31.	Ressentes-te facilmente quando os outros acham defeitos no teu trabalho ou no teu comportamento? .....	SIM	NÃO
32.	Pedes sempre desculpa quando és mal-educado(a) com os outros? .....	SIM	NÃO
33.	Achas que há alguém que se quer vingar de ti porque pensa que tu lhe fizeste mal? .....	SIM	NÃO
34.	Gostarias de fazer esqui aquático? .....	SIM	NÃO
35.	Sentes-te muitas vezes cansado sem razão? .....	SIM	NÃO
36.	Gostas de te divertir a arreliar outras crianças? .....	SIM	NÃO
37.	Estás sempre calado(a) quando os mais velhos estão a falar? .....	SIM	NÃO
38.	És melindroso(a)? .....	SIM	NÃO
39.	Achas que te metes em muitas brigas? .....	SIM	NÃO
40.	Já alguma vez disseste coisas feias ou más acerca de alguém? .....	SIM	NÃO
41.	Gostas de contar anedotas ou histórias com piada aos amigos? .....	SIM	NÃO
42.	Às vezes sentes tonturas? .....	SIM	NÃO
43.	Na escola metes-te em mais sarilhos do que os outros? .....	SIM	NÃO
44.	Geralmente apanhas os papéis e o lixo que os outros deitam no chão na sala de aula? .....	SIM	NÃO
45.	Tens muitos passatempos e interessas-te por muitas coisas? .....	SIM	NÃO
46.	Ressentes-te com facilidade? .....	SIM	NÃO
47.	Gostas de pregar partidas de mau gosto aos outros? .....	SIM	NÃO
48.	Lavas sempre as mãos antes das refeições? .....	SIM	NÃO
49.	Numa festa, preferes ficar sentado(a) a olhar em vez de participares e te divertires? .....	SIM	NÃO
50.	Muitas vezes sentes-te farto(a) e chateado(a) com tudo? .....	SIM	NÃO
51.	Achas engraçado, às vezes, ver um bando de crianças mais velhas	SIM	NÃO

	arreliar ou meter-se com os meninos mais pequenos? .....		
52.	Portas-te sempre bem na sala de aula mesmo quando a professora não está presente? .....	SIM	NÃO
53.	Às vezes estás tão irrequieto(a) que não consegues ficar sentado(a) e quieto(a) durante muito tempo? .....	SIM	NÃO
54.	Gostarias de ir à Lua por teus próprios meios? .....	SIM	NÃO
55.	Na igreja cantas sempre com os outros? .....	SIM	NÃO
56.	Gostas de andar misturado(a) com as outras crianças? .....	SIM	NÃO
57.	Tens muitos sonhos medonhos? .....	SIM	NÃO
58.	Os teus pais são demasiado exigentes para contigo? .....	SIM	NÃO
59.	Gostas de sair sem dizeres nada a ninguém? .....	SIM	NÃO
60.	Gostarias de praticar pára-queda? .....	SIM	NÃO
61.	Ficas preocupado(a) durante muito tempo quando sentes que fazes papel de parvo(a)? .....	SIM	NÃO
62.	Gostas de remédios com sabor muito forte como, por exemplo, rebuçados para a tosse? .....	SIM	NÃO
63.	Comes sempre tudo o que te põem no prato? .....	SIM	NÃO
64.	Consegues descontrair-te e divertir-te muito numa festa animada? .....	SIM	NÃO
65.	Às vezes achas que a vida não vale a pena ser vivida? .....	SIM	NÃO
66.	Já alguma vez foste impertinente para com os teus pais? .....	SIM	NÃO
67.	Andas com frequência na lua quando estás a fazer um trabalho? .....	SIM	NÃO
68.	Os teus pais embirram muitas vezes contigo? .....	SIM	NÃO
69.	Gostas de mergulhar ou de te atirares à água no mar ou numa piscina? .....	SIM	NÃO
70.	Torna-se-te difícil adormecer quando estás preocupado? .....	SIM	NÃO
71.	Achas que andas sempre metido(a) em sarilhos em casa? .....	SIM	NÃO
72.	Os outros pensam que és uma pessoa cheia de energia? .....	SIM	NÃO
73.	Sentes-te frequentemente só? .....	SIM	NÃO
74.	Gostas muito de sair com os amigos? .....	SIM	NÃO
75.	Já alguma vez fizeste batota ao jogo? .....	SIM	NÃO
76.	Sentes-te umas vezes muito alegre e outras vezes muito triste sem nenhuma razão? .....	SIM	NÃO
77.	Deitas papéis ao chão se não houver um caixote do lixo à tua volta? ...	SIM	NÃO
78.	Habitualmente és uma pessoa alegre e bem disposta? .....	SIM	NÃO
79.	Já alguma vez fizeste passar por tuas as coisas que de facto haviam sido feitas por outros? .....	SIM	NÃO
80.	Consideras-te uma pessoa satisfeita com a vida? .....	SIM	NÃO
81.	Precisas frequentemente de amigos que te compreendam e animem? ..	SIM	NÃO
82.	Já alguma vez perdeste ou partiste coisas que pertencessem a outrem? ..	SIM	NÃO
83.	Gostarias de conduzir ou de ir numa mota a grande velocidade? .....	SIM	NÃO
84.	És frequentemente acusado(a) de coisas que nunca fizeste? .....	SIM	NÃO
85.	És uma pessoa nervosa? .....	SIM	NÃO
86.	Quando vais de carro preocupas-te com a possibilidade de ter um acidente? .....	SIM	NÃO
87.	Serias capaz de dizer uma mentira aos teus pais para evitares um castigo? .....	SIM	NÃO
88.	Causou-te algum incómodo preencher este questionário? .....	SIM	NÃO

Cada um dos itens contém duas hipóteses: A e B<sup>2</sup>. Por favor, faz um círculo à volta da letra que melhor descreve o que gostas ou como te sentes. Em alguns casos, vais ter dificuldade em decidir entre as duas hipóteses. Por favor, assinala aquela com que mais te identificas. Não assinales as duas ou deixes itens em branco.

É importante que respondas a todos os itens com apenas uma resposta, A ou B. Apenas estamos interessados no que gostas e no que sentes, não no que os outros sentem ou no que é suposto sentir. Não há respostas certas nem erradas, portanto, por favor, sê honesto nas tuas respostas:

89.	A	Gostava de experimentar alpinismo.
	B	Penso que as pessoas que fazem coisas perigosas, como alpinismo, são tolas.
90.	A	Demasiados filmes mostram pessoas a apaixonar-se e a beijarem-se.
	B	Eu gosto de ver filmes que mostram pessoas a beijarem-se.
91.	A	Eu gostava de experimentar fumar marijuana.
	B	Eu nunca fumaria marijuana.
92.	A	Prefiro estar com rapazes/raparigas mais velhos do que eu.
	B	Eu gosto de estar com rapazes/raparigas da minha idade e mesmo mais novas.
93.	A	Eu nunca faria algo que fosse perigoso.
	B	Às vezes gosto de fazer coisas que são um bocado assustadoras.
94.	A	Eu acho que andar rápido de skate é divertido.
	B	Alguns truques que as pessoas que andam de skate fazem, assustam-me.
95.	A	Eu gosto de estar com grandes grupos de rapazes/raparigas quando algo excitante acontece.
	B	Eu gosto de passar momentos calmos com apenas um ou dois amigos.
96.	A	Eu não gostava de aprender a pilotar um avião.
	B	Eu penso que seria divertido aprender a pilotar um avião.
97.	A	Eu não gosto de nadar em sítios em que não consigo tocar com os pés no fundo.
	B	Eu gosto de nadar em águas profundas.
98.	A	Eu gostava de experimentar saltar de pára-quedas de um avião.
	B	Eu nunca saltaria de pára-quedas de um avião.

<sup>2</sup> Traduzido e adaptado do SSSC (Russo et al, 1991)

99.	A	As pessoas provavelmente sentem-se bem depois de beberem bebidas alcoólicas.
	B	Alguma coisa deve estar errada com as pessoas que precisam de algumas bebidas para se sentirem bem.
100.	A	Eu gosto de rapazes/raparigas que fazem piadas, mesmo quando, por vezes, eles magoam os sentimentos das outras.
	B	Eu não gosto de rapazes/raparigas que pensam que é divertido magoar os sentimentos dos outros.
101.	A	Eu não gosto quando as pessoas se embebedam, falam alto e agem de forma parva.
	B	Quando as pessoas ficam bêbedas, parece que se divertem.
102.	A	Navegar no oceano num barco pequeno pode ser perigoso e inconsequente.
	B	Eu penso que seria divertido navegar no oceano num barco pequeno.
103.	A	Eu acho que esquiar depressa numa montanha com neve pode ser perigoso.
	B	Eu penso que esquiar depressa numa montanha com neve pode ser excitante e divertido.
104.	A	Eu nunca tocaria num insecto ou numa cobra.
	B	É divertido pegar e brincar com insectos e cobras.
105.	A	Eu penso que deve ser excitante ter um encontro.
	B	Ainda não estou interessado(a) em ter encontros.
106.	A	Eu gosto da emoção de fazer uma descida na minha bicicleta muito rápido.
	B	Fazer uma descida muito rápido na minha bicicleta é demasiado assustador para mim.
107.	A	Eu penso que é demasiado perigoso para as pessoas consumirem drogas.
	B	Eu, por vezes, pergunto-me qual seria a sensação de estar pedrado, apesar de saber que seria perigoso.
108.	A	Não gosto de estar com rapazes/raparigas que agem de forma selvagem e louca.
	B	Eu gosto de estar com rapazes/raparigas que por vezes, agem de forma selvagem e louca.
109.	A	Penso que não iria gostar da sensação de estar bêbedo.
	B	Penso que iria gostar de descobrir qual a sensação de estar bêbedo.
110.	A	Eu não faço nada que penso que me irá arranjar problemas.
	B	Eu gosto de fazer coisas novas e excitantes, mesmo que arranje problemas por fazê-las.
111.	A	Fazer motocross ou andar de moto parece-me muito divertido.

	<b>B</b>	Parece-me assustador e perigoso fazer motocross ou andar de moto.
<b>112.</b>	<b>A</b>	Eu gosto de fazer “cavalinhos” com a minha bicicleta
	<b>B</b>	Rapazes/raparigas que fazem “cavalinhos” com as bicicletas vão, provavelmente, acabar por se magoar.
<b>113.</b>	<b>A</b>	A pior coisa que um rapaz/rapariga pode fazer é ser rude para os seus(suas) amigos(as).
	<b>B</b>	A pior coisa que um rapaz/rapariga pode fazer é ser aborrecido com os seus(suas) amigos(as).
<b>114.</b>	<b>A</b>	Se eu pudesse, via um filme para adultos.
	<b>B</b>	Eu não estou interessado em ver filmes feitos para pessoas mais velhas.

**Gostávamos de saber se TU realizaste e, com que frequência, os comportamentos que te indicamos a seguir. Tem em atenção que:**

- Se não os realizaste NUNCA deves assinalar 0;**  
**Se os realizaste muito poucas vezes, QUASE NUNCA (1 ou 2 vezes), deves assinalar 1;**  
**Se os realizaste ALGUMAS VEZES (3 ou 4 vezes) deves assinalar 2;**  
**Se os realizaste BASTANTES VEZES (entre 5 e 10 vezes) deves assinalar 3;**  
**Se os realizaste COM FREQUÊNCIA (mais de 10 vezes) deves assinalar 4<sup>3</sup>.**

	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>115.</b> Partir os vidros de casas desabitadas					
<b>116.</b> Dar uma tarefa a alguém					
<b>117.</b> Viajar de autocarro, comboio, etc., sem bilhete					
<b>118.</b> Consumir bebidas alcoólicas em bares antes dos 16 anos					
<b>119.</b> Consumir haxixe, marijuana					
<b>120.</b> Incomodar, insultar, empurrar um desconhecido					
<b>121.</b> Roubar coisas de um automóvel estacionado					
<b>122.</b> Conduzir bêbado(a)					
<b>123.</b> Tomar anfetaminas ou outras substâncias médicas sem terem sido receitadas					
<b>124.</b> Golpear, riscar, danificar automóveis e motas estacionadas					
<b>125.</b> Atacar com as mãos alguém de um grupo rival					
<b>126.</b> Entrar numa casa para roubá-la					
<b>127.</b> Consumir drogas duras (heroína, cocaína, etc.)					
<b>128.</b> Andar à pancada com alguém					

<sup>3</sup> Traduzido e adaptado de CCD de Mirón (1980) por Martins (1998) para QCD

129. Roubar dinheiro de máquinas de jogos, música ou cabinas telefónicas, etc.					
130. Andar com gente que habitualmente se mete em problemas					
131. Discutir violentamente com o professor					
132. Roubar alguém utilizando força física					
133. Embebedar-se					
134. Fazer estragos numa loja aberta					
135. Ameaçar alguém com uma arma					
136. Fumar antes dos 16 anos					
137. Consumir mais de uma droga ao mesmo tempo					
138. Sujar as ruas de propósito, virando baldes do lixo e partindo garrafas					
139. Dar um pontapé a alguém					
140. Fugir de casa					
141. Fazer estragos num bar, discoteca, etc.					
142. Roubar coisas de uma loja estando ela aberta					
143. Passar a noite fora sem autorização					
144. Ter problemas de saúde devido ao consumo de drogas					
145. Roubar uma casa particular					
146. Aceitar presentes ou dinheiro sabendo que são roubados					
147. Fazer desenhos obscenos nas paredes					
148. Andar com uma arma (navalha, etc.) por ela poder ser útil numa luta					
149. Roubar uma moto, bicicleta para dar uma volta com ela					
150. Receber dinheiro por fazer alguma coisa ilegal					
151. Atacar um polícia para impedir que ele detenha alguém					
152. Convencer alguém a fazer alguma coisa ilegal					
153. Destruir ou danificar cabinas telefónicas, latões do lixo, etc.					
154. Agredir alguém com intenção de o(a) matar					
155. Roubar objectos da escola, colégio ou liceu					
156. Ser expulso(a) da escola, colégio ou liceu					
157. Oferecer resistência a um polícia que te quer deter					
158. Tomar parte num roubo utilizando armas					
159. Incomodar, insultar, empurrar pessoas idosas					
160. Roubar a bolsa ou carteira a alguém que vai pela rua					
161. Ser detido(a) por vender drogas					
162. Vender drogas					
163. Roubar coisas que se encontram nos bolsos de roupas penduradas em cabides					
164. Assaltar alguém					
165. Entrar numa loja fechada para a roubar					

Confirma, por favor, se respondeste a todas as perguntas.

**Obrigada pela tua colaboração e disponibilidade!**